UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA PORTUGUESA

RITA DE CÁSSIA RAMOS

Travessias e Labirintos em *Mau Tempo no Canal:*

Romance de formação (*Bildungsroman*) açoriano

São Paulo

2016

Rita de Cássia Ramos

Travessias e labirintos em *Mau Tempo no Canal*: Romance de formação (*Bildungsroman*) açoriano

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte das exigências para obtenção do grau de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Nery Garcez.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Rita de Cássia Ramos

Travessias e Labirintos em *Mau Tempo no Canal*:

Romance de formação (*Bildungsroman*) açoriano

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte das exigências para obtenção do grau de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Nery Garcez.

Aprovado em

Banca Examinadora

Prof. Dr.

_____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.

_____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.

_____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.

_____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.

_____

Instituição: _____ Assinatura: _____

A minha filha

Jamais desista de seus nobres ideais. Seu amor filial me fortalece e sua ternura me ajuda a prosseguir...

AGRADECIMENTOS

Aos mestres e funcionários do Programa de Pós-Graduação de Literatura Portuguesa, pela grande dedicação e pela atenção sempre demonstrada.

À professora orientadora Maria Helena Nery Garcez por ter contribuído muito para meu aprendizado, dedicando sua sabedoria e sua amizade com uma disponibilidade extraordinária.

À Profa. Dra. Raquel de Souza Ribeiro e à Profa. Dra. Raquel dos Santos Madaleno Souza pelas valiosas sugestões oferecidas durante o exame de qualificação.

A minhas irmãs e irmão, cunhadas e cunhados, sobrinhas e sobrinhos, que torcem por mim.

Às minhas amigas Benedita Aparecida Turin, Giselli Fernandes, Sandra Maria Guerra da Silva Hadad, Fernanda Alvez Queluz, Luciana Garavielli Dantas e tantos outros amigos do Objetivo, pelo apoio significativo.

A Deus, sobretudo, que sempre me acompanhou e amparou nesta travessia...

nas ciências do espírito a objectividade pura é um mito. O melhor da interpretação faz-se através do eu, côa pelo cendal íntimo.

Vitorino Nemésio

RESUMO

RAMOS, R. C. **Travessias e Labirintos em *Mau Tempo no Canal*: romance de formação (*Bildungsroman*) açoriano**, 2016. 196 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Bildungsroman refere-se a uma forma romanesca de origem germânica. Trata-se de uma forma literária que expressa o conflito entre o indivíduo e o mundo de um personagem durante seu período de formação (*Bildung*). No século XX, esse gênero firmou-se como um conceito produtivo em quase todas as literaturas nacionais de origem europeia ou americana. Neste trabalho, analisamos momentos relevantes da trajetória de formação da protagonista, Margarida Clark Dulmo, em que ela entra em conflito com a mentalidade provinciana da sociedade patriarcal açoriana do início do século XX, a fim de investigar a hipótese de que *Mau Tempo no Canal*, de Vitorino Nemésio, possa ser considerado como um "romance de formação" (*Bildungsroman*) açoriano.

Palavras-chave: *Mau Tempo no Canal* como "romance de formação"; o percurso de formação de Margarida Clark Dulmo; A formação de protagonista, Margarida Clark Dulmo ; condição feminina x sociedade patriarcal em *Mau Tempo no Canal,* de Vitorino Nemésio.

ABSTRACT

RAMOS, R. C. **Crossings and labyrinths in *Bad Weather in the Channel: Bildungsroman azorean***, 2016, 196 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Bildungsroman relates to a novel form of Germanic origin. It is a literary form that expresses the conflict between the individual and the world of a character during his training period (*Bildung*). In the twentieth century, this genre has established itself as a productive concept in almost all national literatures of European or American origin. In this paper, we analyze relevant moments of the trajectory of formation of the protagonist, Margaret Clark Dulmo where it conflicts with the provincial mentality of the Azorean patriarchal society of the early twentieth century, in order to investigate the hypothesis that Bad Weather in Canal Vitorino Nemesio, can be considered as a "formation romance" (*Bildungsroman*) Azores.

Keywords: *Bad weather in the Channel* as *Bildungsroman*; the formation pathway of Margaret Clark Dulmo; *Bildung* of the protagonist, Margarida Clark Dulmo. *Condition feminine x society patriarchal in Bad Weather in the Canal* of Vitorino Nemésio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

1 A FORMAÇÃO DE VITORINO NEMÉSIO.....16

2 *BILDUNG* E *BILDUNGSROMAN*.....35

3 TRAVESSIAS.....45

3.1. Aprendizado Proibido..... 45

3.2. O Aflorar da Feminilidade..... 55

3.3. A "Assinalada"..... 68

3.4. Cavalgada 74

3.5. (De)formação dos Jovens 78

3.6. Aprendizado de Pertencimento 83

4 LABIRINTOS.....98

4.1. Desejo de evasão..... 98

4.2. A audaz navegante 106

4.3. Aprendizado de compartilhamento 117

4.4. "Noviciado" de Margarida..... 123

4.5. Pausas e projetos..... 133

4.6. Um percurso muito humano 142

4.7. Dia Aziago 148

4.8. Desvelamento..... 158

4.9. "A Cucumaria dos Abismos": Travessia Paralisada.....166

CONCLUSÃO.....177

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 185

INTRODUÇÃO

Este trabalho se originou de meu interesse por compreender o processo da leitura de uma obra literária, tarefa a que me dediquei em minha especialização e mestrado e ora dou prosseguimento. Minha atividade docente, dedicada à intelecção textual, também exige esse aprimoramento contínuo.

Durante minha formação no Mestrado, tive a oportunidade de estudar as teorias de Van Dijk (1986) e Mainguenau (1996), oriundas da Linguística Textual, e de Jauss (1989), da Estética da Recepção. Também pude conhecer o pensamento de Pareyson (1984) acerca da hermenêutica, num grupo de estudos (2010), na USP, orientado pela profa. Dra. Maria Helena Nery Garcez.

Aprendi com Pareyson que a leitura de uma obra artística é sempre de singularidade irredutível, ao mesmo tempo que se constitui em uma tarefa de tentativa de plena reconstrução da realidade sensível da obra, de forma que, quando ocorre seu desvelamento, revela-se não apenas seu valor artístico, como também seu significado espiritual, o que torna possível a seu leitor contemplá-la e fruí-la. Para Pareyson (1984), a "obra fala a quem sabe interrogá-la melhor e a quem se põe em condições de saber escutar sua voz", pois "ela espera ser interrogada de um certo modo para responder revelando-se" (pág. 173).

Com Maingueneau (1996), compreendi que "qualquer obra verdadeira "forma" seu próprio leitor durante o processo enunciativo" (pág. 42), assim, o texto do romance funciona como o dispositivo organizador do percurso de leitura.

Também Jauss (1989) considera que o leitor tem papel decisivo na interpretação da obra literária, uma vez que sua leitura consiste em uma concretização inerente à estrutura da obra, não apenas no momento de sua produção, mas também no momento da leitura, o que equivale a dizer que o leitor é um elemento que se encontra também textualmente marcado na obra literária.

A fim de dar continuidade ao meu aprendizado, escolhi *Mau Tempo no Canal*, de Vitorino Nemésio, cuja indicação de leitura me foi oferecida pela Professora Doutora Maria Helena Nery Garcez, há anos dedicada à divulgação da obra do literato açoriano no Brasil e no exterior. Eu não conhecia o literato açoriano, mas, de imediato, fiquei muito motivada a estudá-lo.

Ao aprofundar mais meu conhecimento acerca desse livro, uma hipótese surgiu e, aos poucos, foi amadurecendo: *Mau Tempo no Canal* poderia ser considerado como um romance de formação (*Bildungsroman*)?

Essa suposição deveu-se, num primeiro momento, ao fato de, ao longo do romance, como ocorre nesse gênero literário, encontrar-se bem evidenciada a travessia de aprendizado existencial da protagonista, dentre o conjunto de percursos intrincados de uma gama bastante diversificada de personagens. Essa travessia é marcada pela oposição dos caros anseios de realização pessoal da heroína a seu meio natural, familiar e social, inóspito, patriarcal, injusto, em conformidade com a mentalidade provinciana da sociedade açoriana das primeiras décadas do século XX.

Considero que essa pesquisa se justifica, sobretudo, por tentar incentivar leitores brasileiros a lerem essa obra-prima,

ainda não suficientemente conhecida, mesmo entre leitores altamente escolarizados. Espero, assim, colaborar na divulgação da importância do literato açoriano para o estudo das relações entre Brasil e Portugal, bem como contribuir para os estudos relativos aos modos de apropriação do gênero romance de formação (*Bildungsroman)* na Literatura Portuguesa.

Logo do meu ingresso no curso de pós-graduação, tive a oportunidade de cursar a disciplina "O estilo sublime e o humilde em textos ficcionais portugueses", ministrada por Maria Helena Nery Garcez, no primeiro semestre de 2011.

Nessa época, pude conhecer um pouco mais aspectos da poesia e da prosa de Vitorino Nemésio, por meio de análises realizadas durante as aulas. Foram elas: "Romance de Xangô", "Romance do emigrante" e "Elegia ao Cemitério de Santa Efigênia de Ouro Preto" dos *Poemas brasileiros* de Vitorino Nemésio, "A morte da bezerra", "Nenhuma", "Virgem na praia", "Ignota", "A morte do pescador" de outros livros de poemas de Vitorino Nemésio, bem como o romance *Mau tempo no canal*.

Ter cursado essa disciplina foi muito produtivo para mim, pois ela atendeu a um problema que enfrentei, no início de minha pesquisa, que dizia respeito à compreensão do estilo singular do romance *Mau tempo no canal*, em que o estilo sublime e o humilde se encontram entremeados[1].

---

[1] "O estilo humilde ou baixo, nos tratados de retórica da Antiguidade, estava restrito ao gênero cômico, a textos comerciais ou a pendências jurídicas. Com o advento do cristianismo e sua expansão pelo Império Romano no Oriente helenizado, no decorrer dos séculos, ocorreram mudanças profundas de valores e mentalidades e a tradicional divisão foi-se modificando, dando lugar ao surgimento de algo novo: o sublime no humilde"

As reflexões realizadas durante essa disciplina colaboraram, portanto, para a compreensão estilística do referido romance como um todo. Mais especificamente resultou na análise do capítulo XVIII do romance, intitulado "No Tempo da Fror", que, além de servir como trabalho de conclusão, feitas as adaptações necessárias, foi incluída nessa tese, como parte crucial do percurso de formação da protagonista do romance *Mau Tempo no Canal*.

Durante o momento inicial de minha pesquisa, busquei conhecer estudos feitos no Brasil acerca de Vitorino Nemésio, tendo encontrado alguns que me pareceram relevantes para a compreensão acerca da obra do autor, feitos sob a orientação da Profa. Dra. Maria Helena Nery Garcez[2]. Os resultados de minha pesquisa quanto ao estilo de Nemésio, no entanto, não constam dessa tese por não estarem diretamente ligados ao tema, conforme sugestão feita durante a minha qualificação (2013).

Além desses estudos, destaco dois artigos que considero imprescindíveis: "Vitorino Nemésio: Imensidade e Paradoxos" e "Amores, senões, destinos... ou Grande oceano: ilhas", artigo em

---

(conforme descrição do projeto de pesquisa (2014 – atual) coordenado por Maria Helena Nery Garcez, do qual sou integrante).

[2] *A mitopeia da pátria em Vitorino Nemésio*, de Carlos Francisco de Morais (Tese de doutorado, 1998) ; *Mito, saudade e poética em o Bicho Harmonioso e Eu, comovido a Oeste* de Vitorino Nemésio, de Rubens Marques Júnior (tese de doutorado, 2002); *Um viajante do século XX: Vitorino Nemésio e o Brasil*, de Maria Márcia Matos Pinto (tese de doutorado, 2005); *Imensidão e confinamento em Mau Tempo no Canal e O morro dos ventos uivantes*, de Rosa Maria Micchi (tese de mestrado, 2005); *O Espaço em Mau Tempo no Canal, de Isabela Aparecida Lopes* (tese de mestrado, 2009). Todas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

que se estabelece comparação entre *Mau Tempo no Canal* e *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, de autoria de Maria Helena Nery Garcez.

Meu projeto inicial consistia em tentar aprofundar essa comparação entre as obras-primas dos dois grandes literatos, mas, no decorrer de minha pesquisa, acabei me restringindo a analisar aspectos do complexo romance de Vitorino Nemésio.

Para ampliar meus conhecimentos acerca da travessia existencial de Vitorino Nemésio fiz uma pesquisa, cujos aspectos resultantes sobre sua personalidade humana e artística encontram-se no primeiro capítulo dessa tese, com a finalidade de também contribuir para uma representação de Vitorino Nemésio.

Em seguida, pesquisei a teoria sobre *Bildungsroman*. No segundo capítulo, apresento algumas considerações acerca desse conceito que tem sido usado produtivamente na compreensão de muitas obras literárias. Durante minha qualificação, a banca alertou-me para que essa teorização não fosse prioritária. No entanto, considero essa pesquisa produtiva, não para simplesmente tentar enquadrar *Mau Tempo no Canal* num gênero ou subgênero específico de romance, mas para que o reconhecimento de sua estruturação colabore para a compreensão do romance como um todo, para o estabelecimento de sua coerência.

O novo passo foi acompanhar a heroína do romance *Mau Tempo no Canal* em momentos relevantes de sua formação. Trata-se de uma série de aprendizados significativos de sua formação: um encontro amoroso proibido; um momento de introspecção da

heroína acerca do despertar de sua feminilidade; a aquisição de uma marca reveladora de sua identidade e, de certa forma, de seu destino; sua sensualidade juvenil simbolizada na atividade de cavalgar; a formação inadequada oferecida às jovens (direcionada apenas ao casamento) e um momento de aprendizagem crucial em que a protagonista vivencia uma experiência de pertencimento durante as festas do Espírito Santo, no arquipélago açoriano.

O acompanhamento do percurso formativo da protagonista, orientou-me para a análise de mais alguns aprendizados, que se entrelaçam aos anteriores de forma indissolúvel, tendo, no entanto, como diferencial, uma Margarida mais amadurecida e vivendo situações que até poderíamos caracterizar como limites, as quais acabariam por desencadear o final fracassado de seu roteiro de formação.

São eles: um momento de pressentimento de que sua travessia seria truncada; seu aprendizado aventureiro de caça à baleia; seu convívio com os baleeiros numa furna; sua chegada aos domínios da propriedade dos barões da Urzelina e o choque de mentalidades (progressista x conservadora); um momento em que, integrada ao ambiente pastoril, planeja ter uma vida autônoma no continente; um aprendizado de encontro solidário com uma mulher do povo; a experiência frustrada de retorno ao lar; uma dilacerante compreensão sobre sua travessia de formação, caracterizada por hesitações e desencontros, e, finalmente, o trágico aprendizado derradeiro, já tendo sido concretizado o casamento por interesse.

Após esse percurso teórico-analítico, na conclusão da tese, faço algumas considerações acerca de possíveis encaminhamentos futuros para essa pesquisa.

I

A FORMAÇÃO DE VITORINO NEMÉSIO (1901-1978)

A formação de Vitorino Nemésio é exemplar: foi poeta, contista, romancista, cronista, biógrafo, ensaísta, conferencista, professor universitário, colaborador de jornais e revistas, comunicador de rádio e televisão. Foi uma das figuras mais representativas da Literatura e da Cultura portuguesas do século XX, quer pela "qualidade literária de sua produção artística como pela influência de seu magistério universitário e de sua personalidade"[3].

Um primeiro dado relevante sobre Nemésio refere-se a seu nome de batismo:

> (...) meu Pai foi a baptizar na Igreja Matriz da Praia pelo Padre Rocha que o "nomeou" Vitorino Nemésio: Vitorino por tradição familiar --- seu pai e seu avô assim se chamavam --- seu pai, Mestre Victorino da Praia, foi músico amador da Filarmónica (...) e seu avô, Victorino também, mestre marceneiro muito digno do seu ofício (...); Nemésio de nome próprio a irmanar Vitorino por ter nascido a 19 de Dezembro de 1901, no dia de São Nemésio, que a partir do seu baptismo, como o santo do seu nome, nunca deixou de o acompanhar (...) até o fim de seus dias, uma vez que Nemésio veio a falecer a 20 de fevereiro de 1978, precisamente no dia de São Nemésio, santo volante no calendário litúrgico[4].

---

[3] António M. B. Machado Pires, *Enciclopédia Açoriana* - Direção Regional da Cultura, Centro de Conhecimento dos Açores, 2011.

[4] Manuel Nemésio: "Meu pai. Estou em casa..." *Vitorino Nemésio vinte anos depois* – Colóquio Internacional Ponta Delgada, 18-21 de fevereiro de 1998. Edições Cosmos: Lisboa – Ponta Delgada, 1998, p.842.

Assim como em seu nome próprio, a religiosidade de sua família e de sua comunidade teve presença marcante na formação de Nemésio, pois ele participava, "com devoção e rigor", da "celebração da Santa Missa, coadjuvando o Padre Rocha, vestindo opa branca", tendo-lhe ficado, "na sua memória prodigiosa, todo o ritual da missa, naquele tempo dita em latim"[5].

Sua infância e adolescência transcorreram no arquipélago de Açores, sendo que condicionaram sua personalidade humana e literária tanto a natureza insular quanto a sociedade rural patriarcal [6].

Nemésio nutriu grande orgulho por sua vila natal [7], a Praia da Vitória (Ilha Terceira, nos Açores), que só se tornou cidade em 1982, mas que ele sempre considerou como a cidade por excelência:

> Para que a Praia da Vitória fosse realmente cidade nada lhe faltava, além do relevo urbano, o primeiro sentido daquela palavra em latim. Cabeça de capitania, era um concelho velho e uma comarca recente. Da capitania donatária ficara a glória e o ressentimento com Angra, a nova capital da ilha. As terras fazem-se por reação de umas às outras: É a boa emulação civil.[8]

---

[5] Manuel Nemésio: "Meu pai. Estou em casa..." *Vitorino Nemésio vinte anos depois* – Colóquio Internacional Ponta Delgada, 18-21 de fevereiro de 1998. Edições Cosmos: Lisboa – Ponta Delgada, 1998, p.842, 843..

[6]António M. B. Machado Pires, *Enciclopédia Açoriana* Direção Regional da Cultura, Centro de Conhecimento dos Açores, 2011

[7] O conto "Cabeça de Boga" (em "Mistério do Paço do Milhafre") auxilia a compreensão "da atmosfera de uma sociedade patriarcal, rural, conservadora, desafiada pela emigração para o Brasil e para a América do Norte". António Machado Pires "Biografia "Rouxinol e Mocho" – Homem das Ilhas e do Mundo" - *Diário de Notícias*, 19 de dezembro de 2001.

[8] António Valdemar – "A vida em pedaços no mundo repartida" – *Diário de Notícias* – 17 de dezembro de 2001.

Um evento relevante na travessia de formação do menino Nemésio foi sua transferência para Angra, onde despertaria para as Letras. Dessa época de sua adolescência, os anos abaixo são significativos:

> **1912** - Inicia os estudos secundários no liceu de Angra[9].
> **1916** - Colabora no *Eco Académico. Semanário dos Alunos do Liceu de Angra*, desde o n.º 2 (13 de Fevereiro). Funda e dirige *Estrela d'Alva. Revista Literária Ilustrada e Noticiosa*, também em Angra do Heroísmo. Publica *Canto Matinal* (Poesia).

Durante sua estada no liceu de Angra, Nemésio, no entanto, teve dissabores. Da maioria dos professores não guardou recordações positivas, porém, jamais esqueceu a "amizade com Jaime Brasil, seu colega cinco anos mais velho, primeiro mentor intelectual e que o marcou para sempre. A literatura e uma certa estúrdia contribuíram para o insucesso escolar"[10].

A fim de dar prosseguimento a seus estudos, o jovem Nemésio partiu para a Horta. A cidade dos cabos submarinos fascinou-o. Assim o ano dessa mudança espacial é marcante em sua travessia de formação:

> **1918** - Conclui na Horta (Faial) o 5.º ano do liceu¨ O Faial, o Pico e São Jorge ficaram perpetuados no *Mau Tempo no Canal* e, também, no *Corsário das Ilhas* e no J*ornal do Observador*[11].

---

[9] Essa sistematização cronológica feita por António Valdemar. O homem e o escritor projectados no futuro" – *Diário de Notícia* – 16 de dezembro de 2001. Acrescentamos as obras de Nemésio a essa cronologia.

[10] António Valdemar. O homem e o escritor projectados no futuro" – *Diário de Notícia* – 16 de dezembro de 2001. O fato de se sentir incompreendido pelos professores também está relatado em Elvo Clemente. Folhas do Caminho. EDIPUCRS, 2003. pp. 105. ISBN 857430381X. Portara-se mal em Angra, partira vidros e andara mal na Matemática", conforme António Machado Pires. "Biografia "Rouxinol e Mocho" – Homem das ilhas e do Mundo" – *Diário de Notícias* – 19 de dezembro de 2001.

[11] António Valdemar . O homem e o escritor projectados no futuro" – *Diário de Notícia* – 16 de dezembro de 2001.

Também na Horta, o conflito com o ambiente escolar reapareceu. Mas, dessa vez, obteve auxílio afetuoso na figura de um inesquecível professor:

> A matemática representou um dos grandes obstáculos para Vitorino Nemésio. Encontrou, todavia, um professor que se dedicava à literatura e não lhe pôs quaisquer dificuldades. Chamava-se Florêncio Terra (...). Jamais esqueceu Nemésio o acolhimento que lhe dispensou[12].

Visando prosseguir no seu desenvolvimento pessoal e profissional, Nemésio deixou, no ano seguinte, a Horta e partiu para Lisboa, cidade que para ele "significava romper com a solidão e o marasmo, realizar-se como poeta e escritor, encontrar no jornalismo um modo de sobrevivência e de afirmação pública"[13].

Durante um período de três anos, Vitorino Nemésio permaneceu em Lisboa, relacionando-se com movimentos culturais, colaborando em jornais e revista, exercitando-se no ofício de escritor:

> **1919** – Inicia o serviço militar, como voluntário, em Infantaria, o que lhe proporciona a primeira viagem a Lisboa.
> **1920** – Publica *Amor de nunca mais* (Teatro)
> **1921** - Em Lisboa, é redactor dos jornais *A Pátria* e *A Imprensa de Lisboa* e do *Última Hora.*

Passado esse tempo, sentiu a necessidade de ir à Coimbra, exercendo, nessa cidade que adotou,

---

[12] O homem e o escritor projectados no futuro" – *Diário de Notícia* – 16 de dezembro de 2001.
[13] António Valdemar – "Cidades adoptivas: Coimbra e Lisboa. *Diário de Notícia* – 17 de dezembro de 2001.

> nos anos 20 e 30, activa participação no Centro Acadêmico Republicano; na Maçonaria; na Associação dos Estudantes de Letras; no Orfeão Acadêmico e na Associação Cristã da Mocidade, organização protestante com influência no meio universitário. A acção cívica e política de Vitorino Nemésio integra-se na linha doutrinária do segundo grupo da *Seara Nova* , contra o "Integralismo Lusitano", o CADC (organização de cariz católico e/ou monárquico) e na luta contra a ditadura militar implantada em 28 de Maio de 1926 e que se consolidará, em 1932, com Salazar na chefia do poder. Contemporâneo da *Presença,* colega e correligionário dos seus directores, não faz parte do grupo fundador[14].

Nemésio teve grande apreço pela "Lusa Atenas". Ali decorreu sua produção intelectual e literária dos anos 20 e 30 e ali elegeu sua carreira universitária definitiva:

> **1922** - Conclui o liceu em Coimbra e inscreveu-se na Faculdade de Direito. Trabalha como revisor na Imprensa da Universidade. Publica *Nave Etérea* (Poesia).
> **1923** – Ingressa na Maçonaria, na loja Revolta, de Coimbra. Morte do pai, a 7 de Abril[15]. Colaboração na revista *Bizâncio*, de Coimbra. Primeira viagem a Espanha, com o Orfeão Académico: em Salamanca conhece Unamuno. Publica *La Voyelle Promise* (Poesia).
> **1924** - Abandona o curso de Direito e matricula-se na Faculdade de Letras, em Ciências Histórico-Geográficas. Com Afonso Duarte, António de Sousa, Branquinho da Fonseca, Gaspar Simões e outros, funda a revista *Tríptico*. Publica *Paço do Milhafre* (Contos).
> **1925** - Opta definitivamente pelo curso de Filologia Românica. Surge o jornal *Humanidade. Quinzenário de Estudantes de Coimbra*, de que é redactor principal Vitorino Nemésio. Colaboram, entre outros, José Régio, João Gaspar Simões e António de Sousa.

Acompanhando seu percurso de formação, evidencia-se uma instabilidade recorrente. A escolha equivocada pelas Ciências e, na Universidade, a opção pelo Direito antes da Filologia

---

[14] António Valdemar – "Cidades adoptivas: Coimbra e Lisboa. *Diário de Notícia* – 17 de dezembro de 2001.

[15] Nemésio , posteriormente, saiu da Maçonaria, o que também causou-lhe problemas.

Românica. Além disso, Nemésio também enfrentou uma vida atribulada de jornalista e dificuldades econômicas:

> E eu, rebentando a greve da Imprensa, não tinha comida certa: comprava um pão casqueiro na esquina e tragava-o com golos da garrafa de toilette. Os pregões da manhã e as prostitutas vizinhas da noite carregavam-me na angústia (in Notas Biográficas)[16].

Na década de 20, Nemésio casou-se e formou família. Sem deixar de dedicar-se à sua formação intelectual e artística:

> **1926** - A 12 de Fevereiro, casa com Gabriela Monjardino de Azevedo Gomes, de quem terá quatro filhos, a primeira das quais, Georgina, nasce em Novembro. Publica *Varanda de Pilatos* (Romance).
> **1927** - Funda e dirige, com Paulo Quintela, Cal Brandão e Sílvio Lima, *Gente Nova. Jornal Republicano Académico*.
> **1928** - Passa a colaborar na revista *Seara Nova*.
> **1929** - Início de correspondência com Miguel de Unamuno.

Na passagem para os anos 30, Vitorino Nemésio retornou a Lisboa, para concluir sua licenciatura e dar andamento a sua vitoriosa carreira universitária até tornar-se catedrático (lecionou em várias cadeiras: Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, História da Cultura Portuguesa). Também colaborou em revistas e dedicou se à literatura:

> **1930** - Nemésio colabora na *Presença* (n.º 27), Junho-Julho, e 29, Novembro-Dezembro), com textos poéticos[17]. Em Outubro transfere-se para a Faculdade de

---

[16] "Vitorino Nemésio: a vida atribulada" in *Ser em Português 12,* coord. A. Veríssimo, Porto, Areal Editores, 1999.

[17] "Vitorino Nemésio fica à margem da *Presença* até 1930 (...). O nome de Nemésio na *Presença*, porém, não o associava completamente ao movimento pregado pela revista. Ao contrário, Nemésio jamais se vinculou ao movimento porque as defesas presencistas não lhe eram afeitas, posto que ele não se encaixava aos gostos e tendências desta geração". Nemésio, "ao descrever a

> Letras de Lisboa. Começa a pesquisa sobre Herculano que o ocupará ao longo da vida.
> **1931** - Licencia-se na Faculdade de Letras de Lisboa, após o que inicia ali o magistério, lecionando Literatura Italiana.
> **1932** – Publica *Sob os Signos de agora - Temas Portugueses e Brasileiros* (Crítica).

Nesse momento de sua formação, Nemésio criou o neologismo "Açorianidade":

> Clássico ficou o seu texto de 1932, intitulado «Açorianidade» (Revista *Insula*, 7-8, Agosto, incluído depois em *Sob os signos de agora,* 1932), destinado à comemoração do V centenário do descobrimento dos Açores. Foi daí que o termo *Açorianidade* partiu, com grande fortuna e expansão, cujo alcance Nemésio na altura não adivinhou. Com efeito, ele estava a falar da *sua* açorianidade ou «imaginação» do ser açoriano «que o desterro afina e exacerba»: isto é, o afastamento define ou aumenta o sentimento de pertença e ligação espiritual aos Açores. Mais uma versão da «saudade portuguesa», mas com alcance identitário regional e com aura política, sobretudo depois da criação do Governo próprio da Região (1976)[18].

Por meio desse conceito, Nemésio revelou-se consciente de sua estreita ligação, humana e literária, com a geografia física, humana e espiritual do arquipélago de Açores:

> Quisera poder enfeixar nesta página emotiva o essencial da minha consciência de ilhéu. Em primeiro lugar o apego à terra, este amor elementar que não conhece razões, mas impulsos; e logo o sentimento de uma

---

paisagem provinciana e regional, não se perdeu puramente num fundo emocional, aproveitou-se dela para atingir o conhecimento de uma realidade que se caracterizava por meio das imagens. Ele foi capaz de penetrar nessas imagens e descobrir nelas a sua natureza íntima, o espaço interior onde as dimensões são múltiplas e se entreabre um horizonte visual que nos conduz a um mundo concreto da ilha e do mar. (Lopes, 2009:21).

[18] António M. B. Machado Pires, *Enciclopédia Açoriana* - Direção Regional da Cultura, Centro de Conhecimento dos Açores, 2011

> herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar.
> Um espírito nada tradicionalista, mas humaníssimo nas suas contradições, com um temperamento e uma forma literária cépticos, - o basco espanhol Baroja, - escreveu um livro chamado Juventude, Egolatria 'O ter nascido junto do mar agrada-me, parece-me como um augúrio de liberdade e de câmbio'. Escreveu a verdade. E muito mais quando se nasce mais do que junto do mar, no próprio seio e infinitude do mar, como as medusas e os peixes (...)
> Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os actos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma fórmula quási religiosa de convívio com quem não teve a fortuna de nascer, como o logos, na água (...)
> (...) Meio milénio de existência sobre tufos vulcânicos, por baixo de nuvens que são asas e bicharocos que são nuvens, é já uma carga respeitável de tempo - e o tempo é espírito em fieri (...)
> Como homens, estamos soldados historicamente ao povo de onde viemos e enraizados pelo habitat a uns montes de lava que soltam da própria entranha uma substância que nos penetra. A geografia, para nós, vale outro tanto como a história, e não é debalde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar.
> Um dia, se me puder fechar nas minhas quatro paredes da Terceira, sem obrigações para com o mundo e com a vida civil já cumprida, tentarei um ensaio sobre a minha açorianidade subjacente que o desterro afina e exacerba[19].

Nessa década, Nemésio foi consolidando sua carreira universitária, ao mesmo tempo que ampliava seus contatos com personalidades importantes do estrangeiro, além de enriquecer sua bibliografia literária:

> **1933** - Começa a leccionar Literatura Espanhola (a par da Italiana) em Lisboa, na Faculdade de Letras.
> **1934** - Passa por Salamanca para se encontrar pessoalmente com Unamuno. Início de correspondência

[19] NEMÉSIO, Vitorino. *"Açorianidade"*. in: *Insula*, Número Especial Comemorativo do V Centenário do Descobrimento dos Açores, nº 7-8 (Julho-Agosto), Ponta Delgada, 1932. p. 59.

com Valery Larbaud. Inicia o desempenho das funções de *chargé de cours* na Universidade de Montpellier. Larbaud lerá os poemas franceses de Nemésio e proporcionar-lhe-á a chancela de um editor parisiense (Corrêa). Doutoramento em Letras, em Outubro, com *A Mocidade de Herculano até à Volta do Exílio*. Publica *A Mocidade de Herculano até à Volta do Exílio* ***(1810-1832)*** (Biografia e Crítica).[20]
1935 - Colabora n'*O Diabo* com vários poemas.Publica *La Voyelle Promise (*Poesia).
1936 - Concorre a Professor Auxiliar da Faculdade de Letras. Publica *Isabel Aragão, Rainha Santa* (Biografia e Crítica). Também *Relações Francesas do Romantismo Português* (Crítica).
1937 - Funda e dirige, em Coimbra, a *Revista de Portugal* (n.º 1, Outubro), em cujo editorial, não assinado, se afirma: "Não vamos traçar nenhum programa. O nosso melhor programa seriam vinte ou trinta anos de vida e de realizações de cultura universal e portuguesa." Radica-se na Bélgica e na Universidade Livre de Bruxelas, onde lecciona, durante dois anos. Publica *A Casa Fechada* (Novelas).
1938 - Publica *O Bicho Harmonioso* (Poesia). Também *Études Portugais - Gil Vicente. Herculano. Antero de Quental, le Symbolisme* (Biografia e crítica).
1939 - O n.º 7 (Abril) da *Revista de Portugal* publica o primeiro fragmento do romance que virá a ter o título *Mau Tempo no Canal* ("Um ciclone nas Ilhas"). Regressa a Portugal, para ensinar na Faculdade de Letras de Lisboa.

Nos anos 40, Nemésio, em Portugal, consolidou-se como professor e obteve reconhecimento significativo como escritor:

1940 - Concorre ao lugar de Professor Catedrático da Universidade de Lisboa. Publica *Eu, Comovido a oeste* (Poesia)
1941 - Colabora com um poema nos *Cadernos de Poesia*. Publica *Gil Vicente, Floresta de Enganos* (Biografia e Crítica).
1942 - Colabora na revista de António Pedro, *Variante*, e na de Ruy Cinatti, *Aventura*.
1943 - Publica *Vida de Bocage* (Biografia e Crítica).

[20] A sua tese de doutoramento *A Mocidade de Herculano até à volta do Exílio* (2 vols., 1934) é uma referência indispensável para os estudiosos daquele autor e do liberalismo português (em Portugal e no exílio). António M. B. Machado Pires, *Enciclopédia Açoriana* - Direção Regional da Cultura, Centro de Conhecimento dos Açores, 2011

> **1944** - Colabora na revista de Carlos Queiroz, *Litoral* (n.º 1, Junho).
> Publica *Mau Tempo no Canal* (Romance). Também *Moniz Barreto - Ensaios de Crítica*. Também *Pequena Antologia da Poesia Brasileira nos Séculos XVII e XVIII* (Crítica).
> **1945** - O Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências é atribuído a *O Mau Tempo no Canal*. Publica *Ondas Médias - Biografia e Literatura* (Biografia e Crítica).

Vitorino Nemésio chegou, enfim, à ambicionada consagração como escritor com a publicação do romance *Mau Tempo no Canal*[21]:

> Nemésio provou a si mesmo a ambicionada capacidade para gerir as grandes massas narrativas que no século XIX tinham fixado o horizonte do romance moderno (que era o seu) e que era capaz de o fazer actualizando-o com os contributos maiores da renovação novecentista nesse domínio (...). De certo modo, Nemésio escreveu nele todos os romances possíveis, talvez por isso adiou até o fim a conclusão das múltiplas tentativas de um novo romance que deixou esboçadas[22].

Com esse romance, conforme afirma a crítica, Nemésio trata da termática açoriana, cuja problemática domina grande parte de sua criação artística, sem, no entanto, restringir-se a ela, pois "pela estrutura narrativa, amplitude de concepção e forte carga simbólica, o romance transpõe o plano regional e nacional para se integrar numa dimensão universal"[23].

---

[21] Vasco Graça Moura considera, ao lado de *Amor de Perdição*, de Camilo, e de *Os Maias*, de Eça de Queirós, uma das três obras primas do romance português (v. Prefácio à tradução francesa *Gros Temps sur L'Archipel*, La Difference, 1988).

[22] Fátima Freitas Morna – "Ficção: O Romance de Todos Os Romances" – Diário de Notícias – 19 de dezembro de 2001.

[23] António Valdemar. "O homem e o escritor projectados no futuro. Diário de Notícia – 16 de dezembro de 2001.

Nemésio, nos anos seguintes, continuou dando prosseguimento à sua brilhante carreira:

> **1946** - É colaborador regular no *Diário Popular*, com uma secção intitulada "Leitura Semanal"
> **1947** - Colabora na revista *Vértice* ("Arquipélago dos Picapaus", vol. IV, n.º 52, Novembro-Dezembro).
> **1948** - Publica *Perfil de Adolfo Coelho* (Biografia ou Crítica)
> 1949 - Publica *O Mistério do Paço do Milhafre* (Contos).
> 1950 - Publica *Festa Redonda* (Poesia)
> **1952 –** Primeira viagem ao Brasil, que se tornará um destino frequente para Nemésio.
> Dela resultam os primeiros estudos, crónicas e poemas brasileiros.Publica *Destino de Gomes Leal - Poesias Escolhidas* (Biografia e Crítica). Também *Portugal e o Brasil no Processo da História Universal* (Crítica).
> **1953**- Publica *Nem Toda a Noite a Vida* (Poesia). Também *Perfil do Prof. Sousa Júnior* (Biografia e Crítica). Também *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos* (Crônica).
> **1954** – Publica *O Campo de São Paulo - A Companhia de Jesus e o Plano Português do Brasil (1528-1563)* (Crítica).
> 1955 - Viagem aos Açores, em Maio. Publica *O Pão e a Culpa* (Poesia). Também *Problemas Universitários Luso Brasileiros* (Crítica).
> 1956 - É Director, até 1958, da Faculdade de Letras de Lisboa, onde fora secretário de 1944 a 47. Publica *Corsário das Ilhas - Notas de Viagens às Ilhas dos Açores*.

Sobre sua tarefa enquanto cronista, cabe evidenciar que:

> Era preciso documentar identitariamente essas ilhas ainda mal conhecidas, que um dos seus próximos livros, *Corsário das Ilhas* (1956), viria então fazer avultar como berço da sua infância e adolescência e paisagem humana de grande diversidade. Este livro de crónicas de viagem (1946 e 1955), que deve ser entendido como *itinerário* açoriano (corsário no sentido de «fazer o corso de»), é não só leitura indispensável sobre as ilhas atlânticas (Açores, Madeira, Canárias) como documento humano sobre o próprio autor, que se considera «filho pródigo» em visita de saudade à sua ilha. Este livro faz parte de uma «série», o «Jornal de Vitorino Nemésio», antecedido por *Ondas Médias* (1944), *O Segredo de Ouro Preto* (1954), depois

> seguido por *Conhecimento de Poesia* (1958),*Viagens ao Pé da Porta* (1967), *Caatinga e Terra Caída. Viagens no Nordeste e no Amazonas* (1968), *Jornal do Observador* (1971).
> Renovando, por meio de crónicas *sui generis*, o próprio género da crónica, Nemésio «viaja» no espaço e no tempo, dentro e fora de si próprio, com alusões eruditas, referências inesperadas, vastíssimos conhecimentos de geografia física, geografia humana e história, por vezes em busca de «correspondências» entre o que vê pela primeira vez e o que conhece da sua terra ou da sua infância.[24]

Cabe destacar também que a travessia existencial de Nemésio, bem como as marcas das crises de seu tempo, ficaram registradas em sua obra:

> A sua obra e a sua vida apresentam profundas marcas das vivências literárias, sociais, científicas e bélicas do século XX. Assistiu às duas grandes guerras, a segunda das quais transformaria a sua ilha Terceira num porta-aviões (Base das Lajes). Essas transformações e aspetos do mundo da sua infância emergem das páginas de *Corsário das Ilhas* (1956), livro de crónica de viagens indispensável para conhecer bem os Açores e o homem Nemésio[25].

Por volta de 1950, torna-se evidente que Vitorino Nemésio passa por uma crise religiosa. A partir de então, ele reafirma os votos de fé católica, apostólica, romana, retornando às práticas devocionais de sua infância e adolescência. No entanto, segundo Valdemar (2002), "até os últimos momentos", Nemésio

> debateu-se com uma dolorosa crise religiosa. Tudo o que há de perturbante na existência o angustia: a tensão entre o bem e o mal, o prazer e a renúncia, o

---

[24] António M. B. Machado Pires, *Enciclopédia Açoriana* - Direção Regional da Cultura, Centro de Conhecimento dos Açores, 2011

[25] António M. B. Machado Pires, *Enciclopédia Açoriana* - Direção Regional da Cultura, Centro de Conhecimento dos Açores, 2011

> conflito entre o indivíduo e a família, a carne e a fé, o pecado e a graça (p. 107)

No final da década de 50 e por toda a década de 60, Nemésio tornou-se cada vez mais um cidadão cosmopolita, repartindo seu brilhantismo intelectual e artístico pelo mundo:

> **1958** - Lecciona no Brasil (Baía, Ceará, Rio de Janeiro, etc.).Publica *O Verbo e a Morte* (Poesia). Também *O Retrato do Semeador* (Biografia e Crítica*).*
> **1959** – Publica *Vida e Obra do Infante D. Henrique* (Biografia e Crítica).
> **1960 -** Intervém na reforma dos planos de estudos das Faculdades de Letras então projectada. Viagem a África, relacionada com os cursos de extensão universitária em Luanda e Lourenço Marques.
> **1961** – Publica *Poesia (1935-1940*) (Poesia*)* . Também *Almirantado e Portos de Quatrocentos* (Crítica).
> **1963** - Efectua uma viagem à Holanda. É eleito sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa.Publica *O Cavalo Encantado* (Poesia).
> **1964** – Publica *Andamento Holandês e Poemas Graves* (Poesia). Também *Romance, Existência e Visão do Mundo* (Biografia e Crítica).
> **1965** - Preside à Comissão Nacional do V Centenário de Gil Vicente, redigindo parte do programa das comemorações. Nova viagem ao Brasil. A Universidade Paul Valery, de Montpellier, doutora *honoris causa* o seu antigo leitor. Recebe o Prémio Nacional de
> Literatura pelo conjunto da obra.Publica *Ode ao Rio, ABC do Rio de Janeiro* (Poesia). Também*Viagens ao Pé da Porta* (Crônica e Viagens). Também *Elogio Histórico de Júlio Dantas* (Biografia e crítica).
> **1966** - A Biblioteca e Arquivo Distrital de Angra comemora os "50 Anos da Vida Literária de Vitorino Nemésio" com uma exposição bibliográfica e a realização de conferências.
> Publica *Vesperais (1916-1918)* (Poesia). Também *Canto de Véspera* (Poesia).
> **1968 –** Publica *Violão do Morro (...) Seguido de Nove Romances da Bahia* (Poesia). Também *Caatinga e Terra Caída - Viagens no Nordeste e no Amazonas* (Crônica e Viagens).

Nemésio esteve no Brasil[26], entre 1952 e 1972, estreitando as relações entre Brasil e o arquipélago de Açores. Nos livros *Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos* e *Caatinga* e *Terra Caída*, Nemésio

> pormenoriza a intervenção dos açorianos na rota dos bandeirantes, no desenvolvimento do litoral e interior de Santa Catarina, onde perdura um extenso legado nas manifestações da cultura popular, na gastronomia e na arquitetura, desde Itapoã, no Norte, até Passo de Torres, no Sul.
> (...) Milhares e milhares de açorianos anónimos e seus descendentes, ao longo de quase cinco séculos, nos mais diferentes sectores de actividade contribuíram para a grandeza e a prosperidade do Brasil.
> E Vitorino Nemésio na sua sua itinerância de terra em terra comunicou-nos, em poemas, crónicas e estudos de investigação histórica, um testemunho de conhecimento directo que nos leva a recordar a nobre, ínclita e desventurada figura de D. Pedro, "o infante das sete partidas", quando afirmava com um saber de experiência feito e na soborosa língua do século XV: "É viajando que mais se aprende dos costumes e índole dos homens do que pela leitura de grossos volumes".[27]

Ao final da década de 60, ao lado de sua ocupação com o magistério e sua colaboração intensa em jornais e revista, Vitorino Nemésio também se dedicou a programas de rádio e televisão:

> **1969** - Inicia uma colaboração regular na RTP, com o programa "Se bem me lembro", que o imporá como figura ímpar em matéria de comunicação audio-visual.
> Publica *Elogio Histórico de Júlio Dantas* (Biografia e Crítica)
> **1970** - Inaugura as comemorações do centenário da Geração de 70 no Centro Cultural Português de Paris, da Fundação Calouste Gulbenkian. Publica *Conhecimento da Poesia* (Crítica).

---

[26] Maria Márcia de Matos Pinto elaborou um estudo significativo sobre os livros de Nemésio acerca do Brasil: *Um viajante do século XX: Vitorino Nemésio e o Brasil*. Tese defendida na FFLCHUSP, Literaturas Comparadas de Língua Portuguesa, 2005.

[27] António Valdemar. "O fascínio da Europa e a paixão pelo Brasil". *Diário de Notícias*. 17 de dezembro de 2001.

> **1971** - A partir de Fevereiro, colabora regularmente na revista *Observador*. A 12 de Dezembo, profere a sua "Última lição" na Faculdade de Letras de Lisboa, onde ensinara durante quase quarente anos. Publica *La Génération Portugaise de 1870* (Biografia e Crítica).
> **1972** – Publica *Limite de Idade* (Poesia). Também *Poemas Brasileiros* (Poesia).
> **1973** – Publica *Jornal do Observador* (Crônica e Viagens).

No programa "Se bem me lembro...", Nemésio mostrou sua criatividade e sua erudição. Suas comunicações buscavam apresentar variados e inesperados ângulos de um acontecimento, banal que fosse, afastando-se sempre do estilo conceituoso. Elas

> se inseriam no modelo da crónica, em que a erudição se disfarçava nas entrelinhas de uma conversa descontraída em que a rica gestualidade do professor jogava com o "pathos" do auditório. Nas crónicas televisivas, radiofónicas e jornalísticas de Nemésio, a temática obedecia à diversidade característica da diarística e do jornalismo. Inscrevia-se naquilo que o escritor poderia ter designado por programas do "bom observador", essa figura que, em seu entender, "tende a rarear no nosso tempo, precisamente na medida em que a perfeição da observação científica dispensa o homem comum do encargo de observar, dando-lhe a papa feita, por assim dizer, em pratos chamados 'diagramas', 'organogramas', 'telex'..."[28]

No início da década de 70, Nemésio sentiu-se abatido "um homem cercado", em grande parte devido a fama oriunda de sua participação televisiva. Sobre essa circunstância, desabafou:

> Viver dói. Sobretudo o viver de agora (para quem viveu muito, naturalmente!). Dói pelo que custa a aguentar a cadeia cerrada das obrigações à pressa --- duplamente cadeia, pois é corrente e cárcere.[29]

---

[28] Mário Mesquita. "O Modelo Televisivo do "bom Observador"". *Diário de Notícia*. 19 de dezembro de 2001.

[29] Mário Mesquita. "O Modelo Televisivo do "bom Observador"". *Diário de Notícia*. 19 de dezembro de 2001.

Nesse momento de sua travessia, a "notoriedade do grande escritor ficava a enorme distância da popularidade do teleconferencista"[30].

Em dezembro de 1971, Vitorino Nemésio, como já afirmamos, eminente professor no estrangeiro (Bruxelas, Montpellier, Bahia) e em Portugal, proferiu, na Faculdade de Letras de Liscoa sua última lição. Precisou cessar as atividades docentes, pois estava completando o limite de idade imposto por lei, 70 anos,. Seu desejo, contudo, era prosseguir ensinando. São dele essas palavras: "Dou a minha última lição de professor na efectividade e em exercício, segundo a lei. Claro que a lei só tira o exercício ao funcionário: o homem exerce enquanto vive"[31].

Também são suas as seguintes palavras, que caracterizam seu modo de ser nesse campo de atividade a que tanto e por tanto tempo se dedicou:

> Era raro trazer um plano de aula articulado ponto a ponto. Respeitava apenas o que se pode achamar as leis do campo de interesses – o título do curso e o assunto – procurando manter um mínimo de nexo didáctico. Isto me criou a fama de professor interessante e persuasivo mas pouco fiel aos padrões. Sofri com o "mas" sabendo-o "exacto". (...)
> O ensino não é mera informação do saber mas norma da humanidade, testemunho do autêntico. Uma sociedade que só instituísse informações teóricas aplicáveis ao êxito rentável teria a civilização moribunda. É o grande risco da nossa.
> Toda a vida estudei de tudo e o mais que podia, para o que desse e viesse. Não me preparava dia a dia para amanhã e depois ou racionando, como a formiga, do Verão propício ao Inverno rigoroso. Mas talvez não fosse

[30] Mário Mesquita. "O Modelo Televisivo do "bom Observador"". *Diário de Notícia*. 19 de dezembro de 2001.
[31] Feliciana Ferreira. "Nemésio (1901-2001): um ilhéu do mundo" *Diário de Notícia*. 16 de dezembro e 2001.

> apenas leviano, como a cigarra, pois nunca tive de dançar no Inverno e cantei sempre.[32]

Acerca de seu ofício como cronista:

> Renovando, por meio de crónicas *sui generis*, o próprio género da crónica, Nemésio «viaja» no espaço e no tempo, dentro e fora de si próprio, com alusões eruditas, referências inesperadas, vastíssimos conhecimentos de geografia física, geografia humana e história, por vezes em busca de «correspondências» entre o que vê pela primeira vez e o que conhece da sua terra ou da sua infância[33].

Nemésio reagiu ao abalo sofrido por essa perda regressando entusiasmado ao jornalismo, mas os tempos nefastos acabam por cercear seus projetos:

> Chega o dia 24 de Abril de 1974. Nemésio, reformado, ainda palestrava na televisão. Mas a "liberdade" de Abril sumiu-se em 1975. A Nemésio já não consentem que palestre na televisão. É no meio da barafunda político-ideológica que o escritor assume a direcção de O *Dia* em 11 de Dezembro de 1975. Não chegou a permanecer nesse posto [...][34].

Sua experiência cultural europeia foi devidamente reconhecida:

> **1974** - Recebe o Prémio Montagine, da Fundação Freiherr von Stein/Friedrich von Schiller, de Hamburgo. A Bertrand lança a primeira colectânea de estudos sobre a obra de Nemésio.
> **1975** - Colabora na *Homenagem ao Prof. Aurélio Quintanilha*, a quem dedicará *Limite de Idade*. A 11 de Dezembro, assume a direcção do jornal *O Dia*.
> **1976** – Publica *Sapateia Açoriana* (Poesia). Também *Era do Átomo – Crise do Homem* (Crônica e Viagens).
> **1977** - Coordenador nacional do centenário de Herculano.

---

[32] António Valdemar. "1971: A última lição na faculdade".

[33] ANTÓNIO M. B. MACHADO PIRES. ENCICLOPÉDIA AÇORIANA.

[34] Vitorino Nemésio: a vida atribulada" in *Ser em Português 12,* coord. A. Veríssimo, Porto, Areal Editores, 1999

A poesia foi a atividade ininterrupta mantida por Nemésio entre 1916 e 1976

> O triunfo poético de Nemésio não é de modo nenhum uma consagração. Não se liga a um prémio ou a uma cerimónia mundana. É, sim, o resultado duma luta interior, duma busca orientada por uma certeza íntima, por *vezes* duma quase autoflagelação onde actuam memórias insulares, sonhos já destroçados, o Amor como anseio jamais realizado, e Deus na infinita ambiguidade de seus desígnios - até na surdez do universo[35].

Acerca da visão de mundo presente em sua poesia, pode-se afirmar que:

> Para Nemésio, o mundo é tentação: de beleza, de vitalidade, de amor. Mas o mundo não é "verdadeiro" na medida em que é "ilha perdida". Na sua materialidade, ele é ilusão, miragem, apelo traiçoeiro. Mal se caminha ao encontro da visão apetecida, o "ser" da imagem esfarela-se e abre ao entendedor a sua ausência: ou é imagem do passado, ou é febre dos sentidos – ou ambas as ilusões fundidas numa amálgama cuja realidade interior é dor, angústia, remorso, culpa. É na esfera dessa culpa que se move grande parte da poesia nemesiana, sendo o poeta, por assim dizer, um lugar de digladiação entre a realidade perdida e o verbo que a suscita numa plenitude imaterial. […]
>
> Duas grandes linhas comandam [a sua poesia]: por um lado, a renúncia ao mundo: por outro, a sensorialidade como ritual. Da renúncia resultará a poesia intimista, o monólogo que Deus ouvirá ou não. Da sensorial idade indomada resultará o impulso pagão que levará o poeta a encarar a festa como ritual. [36]

---

[35] José Martins Garcia, *Vitorino Nemésio, a obra e o homem,* Lisboa, Editora Arcádia, 1978.

37José Martins Garcia, *Vitorino Nemésio, a obra e o homem,* Lisboa, Editora Arcádia, 1978.

O exemplar literato açoriano chegou ao final de sua brilhante travessia. Se tivesse mais tempo iria prosseguir como romancista. Deixou

> (...) o inacabado romance *O Cárcere* (1976, 1.º capítulo no *Diário de Notícias*, 30 de Março de 1978, postumamente), no qual emerge ainda e sempre o mundo da sua ilha e da sua infância e o sentimento de ser ilhéu: «Nunca cheguei a saber se o cárcere era de pedra ou era de gente. Talvez de pedra com gente dentro, talvez de gente feita de pedra».[37]

Em **1978**, a 20 de Fevereiro, morreu Vitorino Nemésio, em Lisboa. Foi sepultado em Coimbra, no cemitério de Santo António dos Olivais. Cumpriu-se o seu pedido: que os sinos tocassem o Aleluia em vez do Dobre a finados [38]. Após sua morte, foram publicados os livros:

> **1985** - *Quase Que os Vi Viver* (Biografia e Crítica).
> **2002** – *Caderno de caligraphia* (Poesia).

Como síntese da formação tão extensa quanto intensa de Vitorino Nemésio, podemos afirmar que, em sua obra, há

> (...) um desequilíbrio que dá muito que pensar [...]. Precocemente publicado - livro de poemas aos catorze anos -, é precisamente na poesia que mais dificuldades sentirá quando vier a compreender que um poema não é um mero pretexto para exibição em "Jogos Florais". Cirandando pela actividade jornalística, nunca perderá o hábito, nem mesmo quando catedrático e premiado-condecorado, de enviar artigos, ensaios, crónicas para os mais diversos órgãos de comunicação. Professor, faz palestras na rádio e, mais tarde, na televisão.

---

38 António M. B. Machado Pires, *Enciclopédia Açoriana* -Direção Regional da Cultura, Centro de Conhecimento dos Açores, 2011.

38 José Mendes com Luísa Amaral, *Expresso-Revista*, 01.12.2001

II
BILDUNG E DE *BILDUNGSROMAN*

A análise da trajetória existencial da protagonista de *Mau Tempo no Canal* constitui o aspecto central deste trabalho. Para compreendermos o percurso formativo da jovem Margarida Clark Dulmo, que se desenvolve em interação com o meio provinciano do arquipélago açoriano nas primeiras décadas do século XX, buscamos uma fundamentação teórica que orientasse nosso acompanhamento da travessia da personagem. Para tanto, recorremos ao conceito de *Bildung.*

A origem da palavra *Bildung* remonta ao médio alto-alemão. Seu primeiro sentido está associado a acepções visuais "como "imagem" (*Bild*), "representação da imagem (*Abbild, Ebenbild*), "imitação", "reprodução" (*Nachahmung, Nachbildung*)". Em meados do século XVIII, passa a designar "forma" (*Gestalt*) e "formação" (*Gestaltung*), ou seja, "o desenvolvimento de características pessoais como intelecto, bons costumes, comportamento, através de influências exteriores. (Cf. VIERHAUS, 1992:509).

Conforme diversos autores (JOST, 1969: 98-99; GOHLMAN, 1990: 17; KONTJE: 1993: 1), o termo *Bildung* origina-se no domínio religioso[39]. Esse conceito modificou-se no século XVIII, passando a designar o processo por meio do qual o indivíduo

[39] Tratando-se, no domínio religioso, do "processus par lequel l'être humain devient l'image de l'agent, s'identifie avec son modele, avec son créateur" (conforme JOST, 1969: 98-99).

desenvolve suas capacidades, interagindo com o que o circunda, sem a influência de um modelo exterior.

Evidencia-se, portanto, o papel relevante dos ideais do Iluminismo no conceito de *Bildung*, como "a crença na possibilidade de aperfeiçoamento pessoal e no trabalho em prol do bem comum" (MAAS, 2000: 27).

Koepfe também destaca o papel significativo do Iluminismo na construção do conceito de *Bildung durante os séculos XVII e XVIII:*

> mindful of ideals of Greek antiquity, is an ideal, an ultimate goal for modern times rather than a concrete social value. The discrepancy between the ideal of Bildung and the social reality of "der gebildete Mensch" in nineteenth- and twentieth-century Germany is considerable (1990: 130, *apu*d RIBEIRO, 2006:6).

Apesar de a teoria acerca da *Bildung* ter-se desenvolvido na Alemanha setecentista envolvendo "Herder, Goethe, Humboldt e Schiller, nela confluem contributos de Descartes, Locke e Lord Shaftesbury, pelo que se pode dizer que ela se encontra enraizada na cultura europeia" (cf. RIBEIRO,2006: 6).

O significado da *Bildung,* enquanto construção do caráter humano, além dos ideais iluministas, foi reforçado pelos autores pietistas[40]. "Rudolf Vierhaus aponta um retorno às concepções místicas da idade média, quando *Bildung* (imaginatio) fazia parte do conjunto das quatro virtudes tradicionais, denominando a

---

[40] Rudolf Vierhaus observa "um retorno às concepções místicas da idade média, quando *Bildung* (imaginatio) fazia parte do conjunto das quatro virtudes tradicionais, denominando a capacidade de representação interior e de auto-investigação"(conforme MAAS, 2000: 27).

capacidade de representação interior e de auto-investigação". (MAAS, 2000: 27).

A complexidade do conceito *Bildung* pode ser avaliada pelos diversos significados que assume na língua inglesa:

> formation, growth, foundation, constitution, organization, form, shape, physiognomy, structure, forming, development, training, education, learning, schooling, culture, higher education, accomplisments, refinements, polish, and good breeding". (MÜCKE, 1991:162).

Na língua portuguesa, essa noção adquire o "sentido de formação, educação, cultura ou processo de civilização" (PINTO, 1990: 9).

Cabe evidenciar ainda que o conceito de *Bildung* implica a noção de processo, entendido como "sucessão de etapas, teleologicamente encadeadas, que compõem o aperfeiçoamento do indivíduo em direção à harmonia e ao conhecimento de si e do mundo" (MAAS, 2000: 27).

A tendência do uso linguístico moderno e dos dicionários seria entender *Bildung* (formação) como resultante de um processo que não pode ser alcançado somente pela atividade metódica da educação, pois a *Bildung* implica a atividade espontânea do indivíduo, ocorrendo durante o processo de auto-aperfeiçoamento (MAAS, 2000: 28).

Partindo da hipótese de que *Mau Tempo no Canal*, de Vitorino Nemésio, apresenta elementos de um *Bildungsroman* (romance de aprendizagem) protagonizado por uma *Bildungsheldin* [heroína de autoformação], cuja travessia de

amadurecimento é o ponto central de nosso trabalho, consideramos relevante tecer algumas considerações acerca do conceito-chave de *Bildungsroman*.

Bildungsroman refere-se a uma forma romanesca de origem germânica. Esse gênero surge como expressão da individualidade frente à consolidação da sociedade burguesa. Trata-se de uma forma literária que expressa o conflito entre o indivíduo e o mundo. Sobretudo, participa do projeto romântico de construção de uma identidade nacional. No século XX, esse gênero firmou-se como um conceito produtivo em quase todas as literaturas nacionais de origem europeia ou americana.

Em português, o termo pode ser compreendido como "romance de formação", apesar de haver críticos, como Massaud Moisés em seu *Dicionário de termos literários* (1978), que preferem referir-se a essa forma romanesca usando o termo no idioma original.

O termo foi criado por Morgenstern, professor de filologia clássica da Universidade de Dorpat. Nas conferências "Über das Wesen des *Bildungsroman*" ["Sobre a natureza do *Bildungsroman"*], de 1819, e "Zur Geschichte des *Bildungsroman*" ["Sobre a história do *Bildungsroman"*],de 1820, Morgenstern apresenta uma definição desse conceito (cf. MARTINI, 1991: 1-25). Na primeira delas, afirma que essa forma narrativa representa tanto o processo de formação (*Bildung*) do herói como também apresenta intenção pedagógica:

> It could well be called the *Bildungsroman*, first and foremost because of its content, because it presents the hero's *Bildung* from its inception and continuation until a certain stage of completion; secondly, however, because precisely through this presentation it encourages the

> cutivation of the reader more fully than any other type of novel" (apud *MARTINI*, 1991:18)[41].

Num ensaio de 1810, denominado "Über den Geist und Zusammenhang einer Reihe philosophischer Romane" ["Sobre o espírito e conexão de uma série de romances filosóficos"], (cf. Martini, 1991: 3), Morgenstern elenca alguns romances considerados por ele como pertencentes ao gênero *Bildungsroman*. Posteriormente, acrescenta à sua relação de romances representativos desse gênero o *Wilhelm Meisters Lehjahre* (1794 -1796), de autoria de Goethe (cf. MARTINI, 1991: 22-23), que acaba se tornando "o protótipo ou modelo arquetípico do gênero" (PINTO, 1990: 10).

Desde o momento da consolidação do conceito, o *Bildungsroman* é caracterizado a partir dos elementos temáticos. Para Morgenstern, em citação tirada da obra de Swales,

> It will justly bear the name *Bildungsroman* firstly and primarily on account of its thematic material, because it portrays the *Bildung* of the hero in its beginnings and growth to a certain stage of completeness (...)(in SWALES, 1978: 12).

Dilthey, filósofo idealista, na obra *A vida de Schleiermacher* (1870) difunde o conceito *Bildungsroman*, fundamentado nos princípios iluministas. Ele considera *Agathon* (1766-1767), de Wieland, e o *Wilhelm Meister* (1794-1796), de Goethe, como protótipos dessa forma romanesca. Tais obras focalizam o processo de formação, que implica uma travessia de

[41] Mantivemos a citação em inglês, conforme MARTINI (1991).

amadurecimento do protagonista em confronto com os eventos do mundo, evidenciando a subjetividade do herói sobre os valores sociais vigentes. Em Goethe, há a preocupação com a educação e a especificidade do caráter juvenil (cf. MAAS, 2000).

Dilthey (1906), ainda no momento de consolidação do conceito, apresenta alguns aspectos temáticos tidos como característicos desse gênero. Para ele, essa forma romanesca apresenta a história de um jovem protagonista, que inicia a jornada de sua vida com ingenuidade, parte em demanda de pessoas de mentalidades afins, e, durante essa trajetória, encontra tanto a amizade como o amor, mas também enfrenta as adversas realidades do mundo e, após ter diversas experiências, atinge a maturidade, encontrando-se consigo mesmo e tomando consciência de sua missão no mundo [42].

Esse resumo de Dilthey transparece depois em abordagens de vários críticos, como Lukács, Howe (conforme Shaffner, 1984: 19), Jacobs e Krause (conforme Kontje, 1993: 88), críticos que se referem ao fato de o *Bildungsroman* ter um jovem como protagonista, retratar a experiência da busca e do conflito, jornada esta que resulta, ao mesmo tempo, em autoconhecimento, maturidade e integração social.

Jost (1969) também define o *Bildungsroman* como o romance da adolescência, que retrata justamente esse o momento

---

[42] No original: "Von dem Wilhelm Meister und dem Hesperus ab stellen sie alle den Jüngling Jener Tage dar; wie er in glücklicher Dämmerung in das Leben eintritt, nach verwandten Seelen sucht, der Freundschaft begegnet und der Liebe, wie er nun aber mit den harten Realitäten der Welt in Kampf gerät und so unter mannigfachen Lebenserfahrungen heranreift, sich selber findet und seiner Aufgabe in der Welt gewiBt wird" (DILTHEY,1906: 322-323, *apud* RIBEIRO, 2006:8)

de formação do protagonista: "Les débuts de l'âge d'homme, l'époque... durant laquelle l'homme se forme" (JOST,1969: 103, *apud* PINTO, 1990:10)

Jost evidencia que a jornada é interior, de amadurecimento pessoal: "le *Bildungsroman* demeure une sorte de récit d'un voyage spirituel: la distance intérieure percorue donne la mesure du progrès accompli" (JOST, 1969: 104, *apud* PINTO, 1990:10).

Buckley também enfatiza que o desenvolvimento interior do héroi resulta da interação com a realidade exterior: "Bildungsroman may... typically become... a study of the inner life" (BUCKLEY, 1974: 14).

É justamente o percurso de formação que chama a atenção de Bakhtin no *Bildungsroman*. Para ele, o tipo mais importante desse gênero é o romance de formação realista, que apresenta a interação entre o homem e o mundo, ambos em processo de vir a ser. Assim, essa forma narrativa contém a ideia do herói individual em um processo de transformação "no processo de torna-se alguém" (BAKTHIN, 2003).

Assim, o *Bildungsroman* narra o processo formativo de um protagonista e a finalidade desse processo, em geral, consiste em sua transformação em membro integrado e produtivo de seu grupo social.

No entanto, um elemento merecedor de destaque do *Bildungsroman* diz respeito à conclusão da travessia de formação do protagonista. Será sempre otimista?

Na *Estética* de Hegel (1835), evidencia-se haver uma ironia no aparente final feliz do *Bildungsroman* (conforme KONTJE, 1993: 11-12). De acordo com Jacobs, é a utopia ou a desilusão que caracteriza o desfecho do *Bildungsroman*. Trata-se de uma

forma romanesca que apresenta um conflito sem solução entre o sujeito e o mundo. Por essa razão, críticos classificam esse gênero romanesco como *Desillusionsromane,* "that end in dissonance or dispair" (KONTJE, 1993: 61, *apud* Ribeiro 2006:15).

São muitos os exemplos de *Bildungsroman*e em que o roteiro de formação é falhado. Considera-se que, no final, o herói descortina "that most, if not all, hopes are illusions and delusions", sobrando-lhe somente "a largely resigned acceptance of the power of social and historical forces determining the life of the individual" (KOEPKE, 1990: 140).

Para muitos críticos, a falta de um final definido funciona como elemento de valorização da própria travessia: "valorizzazione del processo rispetto all'esito, del viaggio in quanto tale" (IZZO, 1984: 195 *apud* RIBEIRO, 2006:16); "The Bildungsroman, then, is writen for the sake of the jouney, and not for the sake of the happy ending toward wich that jouney points" (SWALES, 1978: 34, *apud* RIBEIRO, 2006: 16).

O *Bildungsroman* diferencia-se de outros tipos de romances em que o desenvolvimento de um personagem se encontra presente, pois, nele, delineia-se uma trajetória formativa em que a figura de um mentor está ausente. Assim, o protagonista é o próprio autor de sua formação. Durante essa travessia existencial, há uma transformação importante que caracteriza esse gênero: o herói passa do desconhecimento de si para o autoconhecimento.

Para Wundt (cf. MONTANDON, 1999: 360), no *Bildungsroman* se combinam traços de subgêneros tão diferentes como o romance de aventura e de viagem, o romance satírico e o romance sentimental. Frederick Amrine (1987: 134) recorre à

noção de hibridismo para caracterizar esse gênero. Assim, o *Bildungsroman* não constitui uma categoria isolada, sobretudo pelo fato de o romance moderno poder se apresentar, por exemplo, como social, histórico, regionalista, psicológico e também como romance de aprendizagem (conforme JOST, 1969: 98).

Quanto ao *Bildungsroman* protagonizado por personagem feminina, por refletir o papel social tradicional exercido durante longa data pela mulher, esse gênero apresenta, em geral, um percurso narrativo que enfatiza a preparação da jovem para o casamento e a maternidade.

Há, no entanto, alguns exemplos de *Bildungsroman* femininos que focalizam a tentativa de um desenvolvimento pessoal diverso, que, no entanto, justamente pela situação histórica feminina, fracassa:

> The female protagonists who did grow as selves were generally halted and defeated before they reached transcendente selfhood. They committed suicide or died; they compromised by marrying and devoting themselves to sympathetic men; they went mad or into some kind of retreat and seclusion from the world (MORGAN, 1972: 184, *apud* PINTO, 1990:13).

O final negativo do *Bildungsroman* protagonizado por uma personagem feminina reflete o conflito entre ela e a realidade em que se insere. Para a mulher, o desenvolvimento pessoal, durante grande período histórico, restringia-se ao espaço do casamento e da maternidade. Dessa forma,

> Enquanto o herói do *Bildungsroman* passa por um processo durante o qual se educa, descobre uma vocação e uma filosofia de vida e as realiza, a protagonista feminina que tentasse o mesmo caminho

> tornava-se uma ameaça ao status quo, colocando-se em uma posição marginal. (...) O "mundo exterior" responsável pela formação do herói do *Bildungsroman* seria, no caso da protagonista feminina, os limites do lar e da família, não havendo margem para o seu crescimento interior (PINTO, 1990: 13).

Uma diferença relevante na travessia da heroína do *Bildungsroman* diz respeito à sua busca. O que impulsiona sua demanda é um estado de insatisfação, frustração, incompletude ou dilema existencial.

III - TRAVESSIAS

3.1. APRENDIZADO PROIBIDO

Conforme Flora,

> Ao centrar o processo de desenvolvimento interior do protagonista no confronto com acontecimentos que lhe são exteriores, ao tematizar o conflito entre o eu e o mundo, o *Bildungsroman* dá voz ao indivíduo, ao primado da subjectividade e da vida privada perante a consolidação da sociedade burguesa, cuja estrutura económico-social parece implicar uma redução drástica da esfera de ação do indivíduo (FLORA, s/d, p. 1).

Assim, no *Bildungsroman*, forma romanesca que "representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade" (MORGENSTERN apud MAAS, 2000:19), evidencia-se a existência de uma tensão entre o homem e a sociedade na qual ele se insere, sendo que os conflitos resultantes dessa oposição repercutem na interioridade do protagonista contribuindo para sua "gradativa formação interior" (MORGENSTERN apud MAAS, 2000: 1).

Como se sabe, durante longo período histórico, a formação da mulher, em geral, esteve restrita ao espaço doméstico. Na literatura, essa situação se reflete no fato de que "às mulheres não era (...) possível a liberdade de movimentos que permite ao herói o contacto com múltiplas experiências sociais decisivas no percurso de autoconhecimento" (FLORA, s/d: 1).

Em *Mau Tempo no Canal*, essa tensão é evidenciada, de forma realista, mas também simbólica, na trajetória de formação de Margarida Clark Dulmo, por meio de considerável número de conflitos que passamos a examinar.

Cabe evidenciar que é justamente pela categoria do conflito que a narração do romance inicia-se, *in media res*. A frase inaugural, proferida por Margarida, é um protesto contra o sofrimento a que ela terá que se sujeitar, na difícil condição de quem espera, provocada pela partida de João Garcia para Lisboa. O disjuntivo "mas", que inicia essa frase de abertura, evidencia que ela resiste em protagonizar o drama da espera. A alusão à sua resistência se intensifica por seu olhar abstraído e pela continuação de seu discurso queixoso, enquanto uma dor corpórea acusa-lhe o golpe emocional recebido. Até a brisa, prenunciadora de instabilidade climática, evidencia o conflito vivenciado por ela:

> - Mas não voltas tão cedo...
> João Garcia garantiu que sim, que voltava. Os olhos de Margarida tinham um lume evasivo, de esperança que serve a sua hora. Eram fundos e azuis, debaixo de arcadas fortes. Baixou-os um instante e tornou:
> - Quem sabe... ?
> - Demoro-me pouco... palavra! Cursos de milicianos... Moeda fraca! Para a infantaria, três meses. Se não fecharem os concursos para secretários-gerais, então aproveito. Bem sei que há só três vagas e mais de cem bacharéis à boa vida... Mas não tenho medo das provas. Bastam algumas semanas para me preparar a fundo... rever a legislação.
> Entrava em pormenores. Margarida ouvia-o agora vagamente distraída, de cabeça voltada às nuvens, como quem tem uma coisa que incomoda no pescoço, um mau jeito. O cabelo, um pouco solto, ficava com toda a luz da lâmpada defronte, de maneira que a testa reflectia o vaivém da sombra ao vento. (NEMÉSIO, 1988:47)

Margarida viveu, anos antes, o mesmo drama da espera, sendo que o pretendente anterior teve fim trágico (fato que será mencionado posteriormente na narrativa do romance). Dado esse abalo, é natural que ela se sinta angustiada de forma mais intensa[43]. Sua frase "Quem sabe...?" evidencia , portanto, uma dúvida mais penosa do que ela revelaria se não tivesse passado pela experiência anterior traumatizante.

Outro embate, associado ao conflito mencionado protagonizado por Margarida nesse momento, mostra-se de maior gravidade, consiste em sua participação colaborativa no encontro amoroso proibido. Para que o encontro ocorra é necessária a aproximação física de seus corpos, mas há uma dificuldade para a concretização desse desejo, sugerida, no enunciado, pelo desnível do posicionamento de cada um dos ilhéus no espaço em que se encontram, pelo obstáculo de um muro, pela vigilância acirrada do cão de guarda da quinta dos Dulmos, propriedade da família da jovem[44]. Margarida, contudo, enfrenta essa condição adversa com audácia, ao dominar o cão de guarda, colaborando ativamente para o prosseguimento do encontro. Ironicamente, João Garcia, disposto a atuar como um salvador de donzela em perigo, é "salvo" por ela do furioso zelo canino. A ela cabem os ferimentos consequentes do enfrentamento, após ter dominado o cão, numa espécie de tourada improvisada, assumindo, assim, responsabilidade principal por propiciar acessibilidade amorosa a seu pretendente:

---

[43] Esse aspecto traumático está analisado no tópico deste trabalho denominado "Cavalgada".
[44] A dissertação de mestrado de Lopes (2009) traz estudo relevante para a compreensão do simbolismo espacial do romance.

> João Garcia viu-lhe as orelhas cortadas e guichas do lado de dentro da quinta, num salto de pêndulo que lhe punha as virilhas à mostra, e correspondia, na instabilidade, à posição do namorado na rampa de terra da estrada, que o obrigava a escorregar e a trepar alternadamente, para não perder o contacto com a borda do muro. (...) Margarida atirou-se ao animal:
> - Ache! Vá-se deitar, Açor! Vá-se deitar! - E ficou de mão espalmada na cabeça quadrada do bicho, que meteu para as patas de trás o inútil vigor de sentinela.
> João Garcia fincara os pés na rampa e as mãos no muro, elevando-se como se estivesse a trabalhar de espaldar. A fúria do cão enchia-o de um atrevimento nervoso, como se Margarida estivesse em perigo ou o quisesse experimentar criando-lhe um inimigo inferior. Agora era o Açor que o via em posição de ataque, só a cabeça e os cotovelos. Açulado por aquela sombra, o cão atirou-se por cima da dona ao vulto, de gorgomilos rascantes estrangulados na coleira. Com o impulso, Margarida resvalou; mas, apanhando rapidamente o casaco cinzento que pusera pelos ombros, fez frente à fera, intimidando-a. João Garcia, de um salto, tinha-se posto ao pé dela. (NEMÉSIO, 1988:49)

Margarida deseja alargar suas experiências no âmbito amoroso, inclinando para tanto seu afeto a um pretendente de posição social inferior. Nesse fragmento é evidenciado o fato de seu eleito ter dificuldades em assumir o papel ativo que lhe cumpria para vencer o obstáculo da diferença social[45].

O encontro se desenvolve ainda de forma conflituosa, pois, em seguida, uma interrupção faz com que Margarida vivencie novo abalo emocional. Ângelo, tio de João Garcia, e seu amigo Pretextato encontram-se na estrada próxima à quinta dos Dulmos. Nesse ermo, o jovem casal reconhece nos vultos o parente de João Garcia, também as vozes de ambos remetem a eles e Margarida

[45] As razões dessa dificuldade de João Garcia são explicadas em *Mau Tempo no Canal* não apenas como resultantes de características de sua personalidade, da desunião e da patologia que acomete a família Garcia, como também por aspectos de sua própria formação, como a leitura de livros que contribuíram para que ele se tornasse uma pessoa mais idealista que efetiva. Ao longo do romance, essa dificuldade de João Garcia, destacada em mais de uma ocasião, pode ser considerada um dos fatores relevantes para a não concretização do romance entre ele e Margarida.

recorda os gestos efeminados e os passos claudicantes de Ângelo. Não é o medo de ser vista por eles que tumultua o ânimo dela, mas o desdém que percebe sentir pela gente dos Garcia, sobretudo em razão de haver entre essa família e a sua grave desavença. É justamente essa repulsa, que lhe remete a sua aversão por sua própria família, o que a leva a recordar a paralisia de seu avô materno, o desequilíbrio emocional de sua mãe, as escapadas adúlteras e a embriaguez constante de seu pai. À medida em que a noite cai, tornando-se mais sombrio o espaço em que se encontram, Margarida torna-se mais lúcida do *pathos* de sua própria família, compreensão que a faz sentir-se mais próxima, pela desdita, de João Garcia. Margarida, pela via reflexiva, luta contra essa repugnância pela família rival, que se encontra arraigada em sua interioridade, que não deixa de ser, afinal, um preconceito de classe.

Ao mesmo tempo em que Margarida busca superar a sensação desagradável, teme que ela e João Garcia sejam vistos, que se tornem alvo de maledicência, ou sejam surpreendidos pela irascibilidade paterna. Quase pede a João Garcia para ir embora, mas uma saudade antecipada já a atinge e o calor do corpo dele, em meio das árvores, acaba por silenciá-la. O clima da ilha corresponde à intensidade do desejo de proximidade física que percebe em si, o ambiente reflete seu anseio por contato: os cedros agitam as folhas, abrindo caminho entre árvores e, após duas rajadas, as árvores unem-se novamente, e tudo fica compacto, havendo, na atmosfera odor de lava salgada,

misturado ao de seiva de cedro, inebriante.[46] Sua juventude, Margarida conta apenas dezessete anos, possivelmente é o que a impele a correr o risco de adentrar na quinta na companhia de João Garcia, em busca de um sítio mais propício ao idílio amoroso a que anseia. No caminho, Margarida descobre a testa, revelando ao pretendente um sinal de uma queda de cavalo, marca sugestiva de sua identidade intrépida[47], capaz, inclusive, do atrevimento de buscar aconchego no corpo do tímido João Garcia. Finalmente, dá-se o momento de intimidade do casal, num cenário intrigante pela referência ao painel de azulejos arruinados, em cujos desenhos mesclam-se o sagrado e o profano:

> Quase sem darem por isso, estavam sentados num banco de lava e tijolo, com painel de azulejos arruinados: restos de cenas da Bíblia e toscos motivos de caça, com o caçador ratado e aves maiores do que ele. Pareciam ter muito que dizer, e mal falavam. Levemente inclinados um para o outro, avançavam ambos a mesma porção do corpo. João Garcia perdera a cintura e a mão de Margarida, agora entretida a rolar a serpente do anel. (NEMÉSIO, 1988:52) [48]

O encontro transcorrido nesse cenário instigante adquire força emblemática na travessia de aprendizado de Margarida, sendo, ao longo do romance, ressignificado por ela[49]. É nesse evento que uma faceta sedutora de sua personalidade é evidenciada. Assim, o anel de serpente de Margarida,

---

[46] Note-se que o que sente Margarida não é platônico, mas físico. A ressonância de seu sentimento com o ambiente remete a uma característica desse romance: a projeção do mundo subjetivo da personagem no mundo objetivo.

[47] Acerca dessa cicatriz, há uma análise, neste trabalho, no tópico "A assinalada".

[48] A descrição sugestiva desse cenário foi analisada, com grande sensibilidade, por Garcez (2005).

[49] Neste trabalho, no tópico "'A Cucumária dos Abismos': Travessia Paralisada" , retoma-se a referência ao anel de serpente feita nesse momento do percurso de formação de Margarida e, ali, analisa-se a ressignificação feita ao anel pela protagonista no momento que antecede a destruição desse talismã.

considerando-se o contexto desse momento da narrativa, sugere o afloramento de sua feminilidade, a força do impulso instintivo, dominante no par, mas orientado por ela, conforme se revela em seu gesto de entreter, a si mesma e o companheiro, ao "rolar a serpente do anel".

O diálogo torna-se mais íntimo, João Garcia pergunta a Margarida onde se localiza seu quarto e ela, depois de responder que "nas torrinhas", chama a atenção dele para seu anel em forma de serpente, em cuja cabeça falta um dos olhos de esmeralda. À procura pela cabeça da serpente, João Garcia acaricia os dedos de Margarida, demonstrando, com seu primeiro gesto de carinho concreto, o afeto que sente pela jovem, que sabe ser ainda mais atraente ao estender o encanto que exerce sobre ele a seu anel de serpente. Nesse momento, é o anel que seduz a ambos, com força aumentada justamente pela falta de uma esmeralda. Com um gesto Margarida indica para João Garcia a vulnerabilidade de sua joia:

> --- Queres ver o anel? ... É uma serpente. --- João Garcia procurava a cabeça da serpente com o polegar comovido nos dedos de Margarida. --- Os olhos são verdes... Não vês, não; falta-lhe uma esmeralda...
> --- Margarida!...
> --- Não, não... (NEMÉSIO,1988:53)

Como se teria perdido a esmeralda não é explicado, no decorrer da narrativa ficamos sabendo que ela herdou o anel da avó Margarida Terra com essa falha[50].

---

[50] Esse legado sugere mais um conflito vivido pela personagem, que diz respeito não à semelhança física de Margarida com sua avó Margarida Terra, mas a semelhança de aspectos da história de vida de ambas, marcadas pelo perigo do incesto.

Durante a leitura desse recorte, a falta da esmeralda do anel de serpente usado pela protagonista, faz surgir um questionamento acerca do que essa falha poderia sugerir. Muitas são as acepções para o vocábulo "falta":

> 'ausência', 'morte', 'supressão de um bem ou de uma faculdade ou estado considerado normal', 'ato condenado pela moral familiar ou religiosa; ofensa, pecado', 'ausência de correção; erro, engano, falha', 'desobediência a obrigações sociais', 'ação ou omissão, voluntária ou involuntária, que viola uma norma contratual ou uma norma legal'. (Dicionário *HOUAISS)*

No contexto desse encontro amoroso proibido, a referência à falta de esmeralda parece atualizar o sentido de 'ato condenado por moral familiar', os demais significados potenciais, no entanto, serão concretizados ao longo do romance, conforme a progressão referencial do anel de serpente.[51]

Cabe evidenciar que essa falta da esmeralda do anel, de certa forma, corresponde ao sentimento de incompletude que caracteriza Margarida ao longo do romance, falha que diz respeito a alguém que se põe em demanda pela realização pessoal completa. Por seu simbolismo, nesse recorte, esse anel enigmático sugere a existência de uma problemática existencial, centrada na realização essencial da heroína portadora do misterioso anel, que está visceralmente ligada à união homem-mulher.

O mistério encerrado na "serpente cega" do anel aparece realçado, no enunciado, por sugestiva referência climática, que, será determinante do fim daquele encontro proibido. Esses

[51] Por conta da progressão desse referente no decorrer do romance, retomamos o simbolismo desse anel em outros recortes analíticos.

embaraços são sugeridos no mau tempo que se instaura decisivamente, e que acaba por ser o principal responsável pelo fim do idílio:

> O vento soprou com este levantamento misterioso que enche os minutos perdidos. Começava por um assobio rente às figueiras anãs e intenso ao longe, nas árvores, que agora vergavam com fortes estalidos e um ramalhar mais longo.
> - Pois vamo-nos - disse João Garcia pondo-se de pé lentamente. - Parece um rabo de ciclone... É o tempo deles. (NEMÉSIO, 1988:53)

Margarida, a partir desse momento, experimenta as consequências de sua transgressão à vontade paterna. Entrevendo a presença paterna como um vulto persecutório, ela, assustada, critica essa vigilância opressora e revolta-se contra o cerceamento a que está submetida. Seu pai afigura-se como "uma sombra" portadora de poder que busca lhe truncar o movimento natural, de predileção amorosa, a que ela tende:

> - Parece um vulto... - disse Margarida, afirmando-se.
> - Não deve ser. - Mas João Garcia viu claramente uma sombra, um homem, que se debatia com o cabeção do capote revirado pelo vento. (...)
> - É o pai! - disse Margarida apanhando a saia, que o vento enfunara bruscamente. Não se sabia se o clarão da maré nascia do próprio mar ou de uma nesga do céu picado de uma estrela. Mas, meu Deus!, não se pode dar um passo! (NEMÉSIO,1988:54)[52]

[52] Chama atenção o fato de em *Mau Tempo no Canal* haver muitas imagens referentes a um mundo sombrio, tanto na presença de vocábulos como "sombras", "vultos", "cega", "cego", "escuro"... como os títulos musicais de alguns capítulos ("Nocturno", "1º. Nocturno", "2º. Nocturno, 3º. Nocturno, 4º. Nocturno). A frequência dessas alusões parecem remeter a uma visão neoplatônica do autor, sugestiva de uma sociedade pautada pelo caráter sensorial enganoso.

Em seguida, assim como a quinta dos Dulmos é castigada pelo ciclone, Margarida sofre os efeitos de seu encontro clandestino. Enquanto seu lar é atacado pelo temporal, ela é vitimada por seu pai, sofrendo depois a temida sanção paterna, sob a forma de violentas "verdascadas". Margarida, que se defende como pode, mas sem derramar lágrima, submete-se ao arbítrio patriarcal. Sua resposta a esse aprendizado de humilhação são palavras de reconhecimento da existência de um domínio feroz sobre ela: "Deixe-me, pai! Deixe-me, senhor! (NEMÉSIO, 1988:57). Era o tempo dos ciclones"[53]

Os conflitos analisados nesse recorte analítico, que dizem respeito à época em que Margarida Clark Dulmo está com dezessete anos, permitem que se afirme que *Mau Tempo no Canal* não é simplesmente uma narrativa que tem como centro a tradicional oposição paterna a um romance proibido, mas sim um *Bildungsroman*, em que se destacam os aspectos do percurso de formação da protagonista, representada por uma jovem que foge ao estereótipo feminino de ser delicado, frágil, irracional, passivo, pois que está em busca de sua realização pessoal, na qual a felicidade amorosa tem papel relevante.

[53] Seixo (2007) analisa em um estudo significativo a correlação entre o clima e o estado de espírito das personagens de *Mau Tempo no Canal*.

3.2 O AFLORAR DA FEMINILIDADE[54]

O *Bildungsroman* privilegia "os fatos e os acontecimentos com seus efeitos interiores sobre o protagonista (...)" (MORGENSTERN, *apud* MAAS, 2005:1). Nesse recorte analítico, evidencia-se justamente o escrutínio corajoso que Margarida faz em sua interioridade. Trata-se de um exame sincero de seus sentimentos por João Garcia, realizado no dia seguinte ao seu encontro amoroso com ele.

Em nossa leitura, chamou a atenção o sugestivo título de um capítulo do livro: "O despertar", pois ele parece sugerir o aflorar da feminilidade de Margarida, realçando o acordar de sua consciência juvenil quanto à sua trajetória sentimental, tarefa delicada a que ela se dedica no momento em que está ressentida da violenta punição paterna, da separação de João Garcia e da situação de decadência financeira familiar.

Trata-se do relato de certa perda de inocência de "Bidinha", apelido infantil de Margarida. A protagonista encontra-se ensimesmada, em delicada luta por compreensão de si mesma, após experimentar, na noite anterior, momento de erotismo no jardim da propriedade familiar. Mas também há o relato, pela via de suas recordações, da forma enérgica e racional com que ela lida com as questões que se lhe apresentam em sua breve vida sentimental, que resulta em quebra de estereotipia sexual, em comparação com narrativas tradicionais do gênero.

---

[54] O conceito de "feminilidade" a que referimos neste trabalho é concreto e ao mesmo tempo simbólico. Diz respeito ao momento, no percurso de formação de Margarida, em que ela percebe sentir uma emoção física por João Garcia, associando essa sensação a um evento significativo de sua vida: a subida ao cume do Pico, espécie de ritual de passagem, que parece sugerir, no domínio do imaginário, o papel de donzela à espera do príncipe encantado.

São evidenciados conflitos sugestivos não apenas da oposição *eu* versus *mundo*, mas também da luta interna de um *eu* em busca do encontro de uma forma de viver mais aprimorada, demanda realizada no período juvenil, como é característico do *Bildungsroman*. O narrador em terceira pessoa, onisciente, apresenta os estragos causados na paisagem açoriana pelo desastre climático e as marcas do despotismo de Diogo Dulmo, no corpo e na alma de sua filha primogênita. Ao longo desse recorte do romance, sob a perspectiva juvenil e crítica de Margarida em relação aos seus, é esboçado um retrato realista de uma família de relevo da sociedade açoriana do início do século XX, mas também delineia-se um perfil encantador de uma heroína valorosa e, ao mesmo tempo, com anseios tão humanos.

Nesse fragmento analisado, tem-se o transcorrer de um dia, que se inicia com o despertar de Margarida, no seguinte ao desventurado encontro, numa manhã cinzenta de inverno. Na intimidade de seu quarto, afirma à sua ama seu firme propósito de opor-se aos desígnios paternos contrários ao seu namoro com João Garcia:

> Mas estão muito enganados! ... Se pensam que me hão-de aborrecer dele a chicote, não conseguem nada de mim! Namoro porque quero! Tanta proa, tanta presunção de serem das primeiras famílias do Faial, quando não passam de uns brutos! ... Eu sei... O pai julga que os namoros da filha se tratam como no Largo de D. Alexandre, em casa da amante... (NEMÉSIO, 1988:59)

Em seu desabafo, Margarida demonstra lucidez em relação ao pai, como este demonstrou, na noite anterior, todo poder sobre ela. Um pai mulherengo e incapaz de conter a crise financeira que atinge sua família, a qual ele próprio desencadeou:

> -- Não há cá Bidinhas; é verdade! Por isso a mãe anda sempre como uma pilha de nervos e o avô envelheceu de desgostos. Foi a congestão... foi...! Os desgostos é que o levam à cova! Os pastos dos Flamengos vendidos, o escritório ao deus-dará, a armação das baleeiras enterrada de dívidas, é tudo congestão...
> É mas é o resultado de terem posto na rua quem ia à mão ao pai! "Ladrão"... Pois sim! (NEMÉSIO, 1988:59)

A jovem mostra-se questionadora, avaliando, inclusive, o valor de uma nobreza, cujas ações são desprezíveis:

> Mas dar cabo da casa do sogro e dos filhos não é roubar, é ser "duodécimo neto de Fernão Dulmo, descobridor de uma suposta ilha ao norte da Terceira; neto do capitão-mor Diogo Dulmo, que hospedou na sua casa da Horta o Senhor D. Pedro IV"... (NEMÉSIO, 1988:59)

Margarida, que demonstra não estar alheia ao *pathos* familiar, pelo qual sente repulsa, também sabe reconhecer aspectos positivos de membros da família como o valor da fidalguia afável de seu tio Mateus Dulmo, com quem costuma passar momentos agradáveis, cuidando de plantas, acompanhando-o quando ele se dedica à arte musical. Enfim, embora jovem, Margarida revela aguda perspicácia em relação à situação crítica de sua gente. Esse aspecto de lucidez da protagonista já foi observado por críticos:

> Descendente de Fernão Dulmo, pelo lado paterno, e duma família inglesa, pelo lado materno, híbrida de vários sangues – todos respeitáveis, desde o sangue flamengo do descobridor até ao sangue inglês duma burguesia que foi próspera – Margarida **possui lucidez suficiente** para se compenetrar da decadência econômica a que o comportamento do pai arrastou a família. Diogo Dulmo é um péssimo administrador. O avô Clark encontra-se paralítico. D. Catarina Clark, adoentada e fraca, remete-se ao tradicional papel

> doméstico. O irmão Pedro não se mostra dotado para os estudos; é uma criança grande, que não mede responsabilidades. O tio Mateus Dulmo, por quem Margarida nutre especial afecto, está velho e não possui um caráter pragmático: gosta de música, há nele uma bondade poética e um aristocracismo que o tornam incapaz de entrar na selva dos negócios. (GARCIA, 1978) (Grifo meu).

Nesse momento do percurso de formação de Margarida, ela sofre a pressão materna para deixar de lado a ideia de um romance com João Garcia. Dona Catarina tenta demover Bidinha da ideia daquele namoro inoportuno. Os motivos alegados apóiam-se no dano causado pelo pai de João Garcia aos negócios da família. Margarida, no entanto, percebe, no discurso materno, articulado com gentileza afetada, mas repleto de mal contida ira, um sentimento arraigado de superioridade social. A jovem distrai-se com a paisagem cinzenta vista das vidraças de seu lar, sugestiva de seu estado de espírito infeliz, não prestando a menor atenção ao que diz sua mãe, pois, no encontro da noite anterior, já tinha ultrapassado essas velhas razões contrárias ao seu namoro.

Segundo Ferreira Pinto (1990), é comum no *Bildungsroman* protagonizado por personagem feminina a divergência entre mãe e filha, representando um conflito de gerações. Cabe notar que, em *Mau Tempo no Canal*, a mãe de Margarida, perde a capacidade de influenciar Margarida à medida que a jovem assume uma visão de mundo mais democrática, perspectiva que, no entanto, não foi adquirida senão pela experiência de convivência com João Garcia e por atividade de reflexão.[55]

---

[55] D. Catarina teve forte influência sobre Margarida na primeira inclinação da jovem por Álvaro Bittencourt, conforme analisado no tópico “A Cavalgada” deste trabalho.

Nesse mesmo dia, Margarida retorna ao abrigo de seu quarto, onde a partir de seus doze anos passou a dormir, "as torrinhas". Como esse deslocamento espacial é significativo no percurso de formação de Margarida, é relevante um esclarecimento acerca do lugar onde vai decorrer um conflito íntimo da protagonista. Trata-se de um espaço no alto da edificação de seu lar, cuja localização propicia visão ampla da paisagem de Açores, em especial a vista do Canal e da Ilha do Pico, a qual lhe permite um escape para o mal estar que sempre sente em ambientes fechados. "As torrinhas" sugerem, no contexto desse capítulo, sua condição existencial intermediária, de relativa autonomia, mas ainda tutelada por seus pais. É nesse lugar, que Margarida passa, nesse momento vulnerável de sua vida, boa parte do dia, na cama, voltada para os próprios pensamentos.

Nesse refúgio, Margarida declara apenas a si mesma sua dúvida, questiona-se sobre o que, de fato, a uniria a João Garcia. Assim, se até então nesse dia tinha analisado o que a separava dele (a rivalidade entre suas famílias), a jovem, agora, se coloca uma questão crucial, relativa à aliança homem-mulher, propondo-se à delicada tarefa de investigar, ela própria, não apenas os fatos concretos que concorreram para o encontro da noite anterior, como também os motivos internos que a impeliram para tanto, e, sobretudo, a quase-menina busca compreender se tais razões estariam legitimadas por uma ética amorosa válida para si. A necessidade de Margarida de examinar seus sentimentos revela um estado mais amadurecido do seu ser.

Margarida passa, nesse momento, em exame, fatos guardados em sua memória. Recorda o momento em que João

Garcia retornara ao seu próprio lar, na vizinhança da casa da jovem, recém formado, vindo de Coimbra, havia pouco mais de um ano. Em seguida lembra-se de que ele foi seu primeiro amor:

> Muito garotos, tinham-se amado na igreja, mas onde isso já ia! Mais do que a sua alma, o seu corpo guardava desse domingo de missa uma coisa sem forma nem nome, e já tão separada dele que vivia por si e só nela. Aquilo crescia sem perguntar a ninguém se caberia, e para quê. (NEMÉSIO, 1988, pág. 61)

Margarida recorda seus encontros na igreja, sempre a distância. Lembra um domingo em que sentira por ele uma emoção indefinida, que lhe assoma, no momento de recordação, após a intimidade vivida no jardim da quinta familiar, mais ao corpo que ao espírito. Há, portanto, uma modificação na forma como Margarida compreende o sentimento nutrido por João Garcia: após o encontro amoroso com João Garcia, ela passa a sentir de uma forma mais sensorial, com sensualidade, diferentemente do sentimento platônico que sentia no tempo em que João Garcia viajara para estudar no continente de uma outra vez. Na delicadeza da travessia íntima desse momento, ela percorre um roteiro cujo ponto de partida consiste em sua consciência acerca das coisas vivenciadas com João Garcia, mesclada a seus sentimentos presentes, após ter experimentado certa concretude amorosa e, agora, sentindo a dor de sua partida.

Margarida também recorda o momento preciso em que se deu seu reencontro com João Garcia, casualmente, no quintal da residência de Corina Peters, sua prima literata, amadora de mistério e protetora de inclinações romanescas. Alguns atributos da personalidade e da formação do jovem lhe chamaram, então, a atenção, ele lhe causara boa impressão, simpático, modos

finos, embora muito magro e muito tímido; descuidado no vestir, apesar da gravata de bom gosto; certa graça, nas mãos e olhos; expressivo no narrar fatos antigos da ilha, relativos a descobertas e a conventos; rosto atraente - testa bonita, cabelo forte, apesar do nariz grosso e um pouco suado[56].

Margarida também teve conhecimento de que ele presidia, na época, a associação acadêmica, tendo enviado ao *Diário de Notícias* artigos relevantes acerca da autonomia administrativa das ilhas adjacentes. A pormenorização na composição do retrato sugere que ela se ateve a cada detalhe ao choque da surpresa de revê-lo transformado em rapaz feito, mas também diz respeito à saudade que sua partida lhe causa no momento da recordação.

Em seu quarto, Margarida compreende, enfim, em resposta a suas indagações íntimas, que foi João Garcia o primeiro rapaz a quem ela destinou suas incipientes expectativas de realização amorosa. Recorda que, durante essa época, costumava vê-lo passear ao entardecer, nas proximidades do lugar em que ela costumava ficar, no granel de seu avô Charles William Clark. Ela o aguardava, bordando no terraço, em companhia de jovens amigas. Ela compreende que já houve entre eles expectativas de realização amorosa, tendo eles inclusive vivido uma espécie de amor epistolar. Margarida, no âmbito de suas reflexões, volta ao momento em que João Garcia, rapaz formado, partiu para o continente e relacionou-se sentimentalmente com ela a distância. Em seu quarto nas "torrinhas", revive as sensações tidas ao receber cartas de amor escritas por João Garcia:

> Como aqueles treze meses iguais a tantos outros, afinal! A carta estava na gaveta com outras cartas do mesmo

[56] Note-se a semelhança com a figura do próprio autor.

> gênero; Margarida foi buscá-la. Decididamente era aquilo: aquela palpitação de um papel que estendia ali tanta coisa (quatro folhas!), (NEMÉSIO, 1988:63)

Margarida, embora investigue seus elos com João Garcia, tem a consciência dolorosa da distância havida entre eles (social e espacial). Busca realizar uma pesquisa mais profunda, acerca da autenticidade de seus sentimentos:

> Gostava muito de João Garcia? Nunca tinha gostado de ninguém. Sentia não sei que podia muito bem ser a recordação de rapazes, mas que a presença deles tornava tão grande e agradável dentro dela que chegava a doer-lhe o peito. O que quer que fosse não era maior com João Garcia do que com outro qualquer. Talvez nem tanto... Mas se não o pusera, por exemplo, na exaltação em que o Álvaro de Bettencourt a deixara ao ir para a África, agora apossava-se dela por uma porta que nunca se abrira em si, uma entrada secreta, sem acesso a grandes desejos de ser levada, como tinha pelo outro, mas de quem era e ficar fechada no quarto, com o vergão da verdasca do corpo. (NEMÉSIO, 1988:63)

Margarida compreende que chegara o momento do despertar de sua feminilidade e compreende, de certa forma, que a oposição paterna pode, nesse momento, ser um elemento intensificador de seus sentimentos por João Garcia. Ela observa que o relacionamento amoroso entre eles, até antes do encontro na quinta dos Dulmos, não tivera consistência, além disso, ela verifica que já experimentou entusiasmo maior por outro rapaz, o falecido Álvaro Bittencourt.

Nesse momento, Margarida compreende que, nela, está despertando uma força instintiva, um poder secreto, que emerge marcado pelo arbítrio paterno e pelo amor "de loba" de sua mãe. Ela própria procura refrear essa força, sentindo-se bem no domínio do que lhe é familiar, as "torrinhas", quarto localizado no espaço mais elevado da moradia dos Dulmos, espaço revelador de

sua posição social, mas também de um papel feminino arquetípico: o da donzela, em iniciação amorosa.

Margarida, no entanto, em vários momentos do romance, é retratada como uma donzela audaz, fugindo, assim às representações estereotipadas da figura feminina. Na manhã desse dia em que faz esse exame acerca do que sente por João Garcia, um atributo relevante relativo a sua robustez é realçado:

> Maria das Angústias não tardou com o chá e os biscoitos. A ama (era assim que Margarida a tratava, apesar de enjeitado todos os peitos: fora criada com o leite de cabra de grande peliça amarela, com um mojo rijo que enchia a mão de Manuel Bana), a ama tentou consolá-la, disfarçar:
> --- Deixe lá, Bidinha; não se consuma! O papá tem aquele gênio... Mas, também, ir falar com esse senhor àquela hora, sabendo que cá em casa não podem ver semelhante gente, nem pintada...! Vamos lá a quebrar o jejum. (NEMÉSIO, 1988:59)

É curiosa a menção à rejeição de Margarida ao leite "de todos os peitos", sugerindo talvez que o leite caprino seja mais propício a fornecer uma constituição vigorosa do que o feminino. De qualquer forma, o vigor de Margarida é realçado em uma façanha sua, retomada por ela durante suas reflexões "nas torrinhas", proeza ocorrida pouco tempo depois do reencontro com João Garcia na casa das Peters, muito significativa para ela:

> Satisfizera em Setembro a grande ambição de sua vida: subir ao pico do Pico, embora não fosse a melhor época. Passava-se uma noite a meio da encosta, numa furna. De madrugada --- leite quente da vaca, que o pai (e nisso era bem amigo!) fazia ordenar por Manuel Bana, tendo-a mandado de véspera para chegar descansada o mais perto possível da etapa. Não estava um dia muito claro; mas vira aparecer o Sol dos lados da Terceira, todo sangrento num mar de chumbo, num mar como nunca tinha visto, fresco e sem nada que lhe cortasse a

> ilimitação parada, a não ser as ilhas negras e acobardadas numa neblina. Para a banda das Flores, uma Lua de bordos tristes ia morrer... Mas ela sentia-se contente a ver o Sol crescer devagar para ela, que o esperava à beira da cratera apagada do Pico, com um pau ferrado. O vulto estirado de São Jorge, da Ponta dos Rosais ao Topo, parecia um navio azulado pelo próprio fumo da marcha, de proa à "suposta ilha" de Fernão Dulmo, que via a nudez do Sol primeiro que outra alguma. (NEMÉSIO, 1988:63)

Acerca desse episódio que pode ser chamado de heroico, tem-se a seguinte análise, que evidencia que o mito da ilha perdida, que teria sido descoberta por seu antepassado Fernão Dulmo, está arraigado no imaginário de Margarida, como desejo simultâneo de fuga e de comunhão[57]:

> O passado lendário está-lhe no cerne da consciência crítica. Mas a presença do real, recortado em diversas ilhas, fragmentado, e por isso mesmo conflituoso, constitui-lhe a mácula do presente, o seu estar pegado ao mundo físico. (...) A semelhança da onda que rebenta e logo se retrai, a "ilha perdida" avança do passado e logo é devolvida à sua categoria mítica. Dir-se-ia que todas as ilhas visíveis não passam de respingos fugazes da vaga que embate nas rochas negras da costa açoriana.Com efeito, o mar, avistado na "ponta do Pico", é sentido como "ilimitação parada" e raramente alguém terá definido tão expressiva e sobriamente essa envolvência marítima que, apreciada a 2351 metros de altitude, faz do mar o todo e das ilhas simples acidentes. É como se a pequenez do mundo físico surgisse ante a luz duma razão superior. Margarida via o sol avançar conservando na mão um "pau ferrado", um daqueles bordões especiais, de ponta de ferro, que se usavam para escalar a montanha. E assim a pequenez se torna dupla: humana e física. Também a ilha perde a sua imobilidade, como que absorvida na ilimitação suspensa do horizonte marítimo. E São Jorge transforma-se no barco lendário de Fernão Dulmo aproado à ilha, a

[57] Nesse tópico, denominado "O aflorar da feminilidade", focalizamos o desejo de comunhão, o desejo de fuga está analisado no tópico "Desejo de Evasão".

> inexistente, "que via a nudez do sol primeiro que outra alguma". (GARCIA, 1978)[58]

Considerando esse momento do percurso de formação de Margarida, o episódio de subida "ao pico do Pico" sugere um *ritual de passagem*. Trata-se de uma travessia para tempo/lugar míticos, representativa do fim de sua infância e preparação para a época em que o amor pode vir a ser concretamente vivenciado, passagem que lhe aponta, na dimensão do imaginário, uma ordem mais elevada de existência, comparável a um processo alquímico, de elevação do ser para estágio mais qualificado. Tal cosmovisão recorta justamente o tempo e o lugar arquetípico da metamorfose, em que é possível avistar a "suposta ilha" de Fernão Dulmo, mas numa dimensão além das aparências:

> O vulto estirado de São Jorge, da Ponta dos Rosais ao Topo, parecia um navio azulado pelo próprio fumo da marcha, de proa à "suposta ilha" de Fernão Dulmo, que via a nudez do Sol primeiro que outra alguma.[59]

Margarida realiza "a ambição da sua vida", só que numa dimensão simbólica, e, por meio de uma espécie de ritual, visualiza uma misteriosa *totalidade*, em que a inconstância do fluir das ondas marítimas transfigura-se em "ilimitação parada" (ao equilíbrio do "final feliz" dos contos de fadas), o que remete à

---

[58] Cabe notar que, para o crítico Garcia, o conteúdo simbólico da visão de Margarida retomaria a cosmovisão de Vitorino Nemésio: "Como princípio estruturante duma cosmovisão, a ilha perdida é a auréola e o prestígio que acompanham a fundação das comunidades, sejam elas tribos, nações, Estados ou Impérios. Margarida Clark Dulmo sente-lhe o fascínio, mas nem por isso evita criticar-lhe a degenerescência. Nemésio, que nunca aceitou as esquematizações ideológicas, afina por diapasão idêntico ao da sua heroína (1978).

[59] É curioso que essa é antecedida por uma noite passada por Margarida numa "furna", parecendo sugerir o "Mito da Caverna" platônico. Margarida, como se saísse do mundo sensorial adentraria o mundo cognitivo e deslumbraria um futuro de completude amorosa.

sua problemática existencial relativa à aliança homem-mulher, evidenciada pelo uso do anel enigmático em que falta uma esmeralda (aquele que completaria o par amoroso). Assim, a narrativa desse episódio notável em seu percurso de formação, em que Margarida encarna, de certa forma, a figura de menina-prodígio, sugere sua transformação de menina em donzela à espera de seu par perfeito. Ao retomar esse episódio pela recordação, Bidinha faz uma travessia para outra dimensão de si mesma, futura, atingindo um segundo mundo que, embora inconsciente, a impele, como força misteriosa para o encontro da realização amorosa. De acordo com o narrador, nas "torrinhas", Margarida associa, ao despertar físico de seu afeto por João Garcia, o episódio notável de sua escalada da montanha mais alta de Açores:

> Tudo aquilo entrara por ela como o mar lentamente pela furna, gorgolhando sem que se sentisse direcção ou violência – uma pura deriva de águas. (NEMÉSIO, 1988:63)[60]

Margarida, recordando essa experiência, busca compreender as sensações novas que experimenta a partir de uma vivência mais concreta amorosa, com João Garcia no jardim da quinta dos Dulmos, comparando sua experiência amorosa recente com a vivência excepcional que tivera ao escalar a montanha mais alta de Açores, mas sua compreensão é tênue.

Esse recorte analítico, em síntese, possibilita que compreendamos um momento de turbulência na trajetória de

[60] Note-se que, de forma irônica, o outro acontecimento vital no percurso de formação de Margarida, seu casamento com André Barreto, é também antecedido por uma passagem da jovem numa furna.

formação de Margarida, quando ela tinha dezessete anos, referido, no romance, como "tempo dos ciclones". Nas proximidades de dezembro, época de forte instabilidade climática no arquipélago, Margarida vive duas experiências marcantes: o encontro proibido com João Garcia e, em consequência, a represália violenta de Diogo Dulmo. Em razão desses eventos, Margarida adquire maior compreensão acerca de sua problemática feminina, bem como de seu poder de sedução. Também tem compreensão mais profunda de sua condição de mulher inacessível ao seu pretendente eleito, contingência derivada do fato de ela pertencer a uma das mais ilustres famílias do Faial enquanto ele descende de burgueses em ascensão. Vicissitude agravada pela rivalidade entre as duas famílias (o pai de Margarida, Diogo Dulmo, acusa o antigo funcionário Januário, pai de João Garcia, de ter sido desonesto e provocado a decadência financeira da família Clark-Dulmo). Ainda assim, Margarida mostra-se disposta a colaborar para a superação de tais obstáculos, contando, possivelmente com a superação da indecisão de João Garcia.

3.3. A "ASSINALADA"

Buscamos compreender, no percurso de formação de Margarida, os possíveis significados do epíteto "assinalada" dado a ela quando ainda era uma menina. Eis o fragmento em que é mencionado o momento em que ela assim foi designada:

> A quinta dos Dulmos era um retalho de terras em bico com um bocado de pomar mal medrado e outro de arvoredo cortado de atalhos largos, mais altos que os currais de lava em que cedros seculares, faias e alguma piteira brava cravavam as raízes à vista, descarnadas e profundas. Os passeios tinham sido mandados compor pelo velho Clark, pouco depois do casamento da filha com Diogo Dulmo, a quem remira a antiga hipoteca da quinta. Cobria-o então um tapete de bagacina vermelha, hoje esburgado, e era ao longo deles que Maria das Angústias, meio governanta, meio ama, empurrava o carrinho de rodas de borracha que o avo mandara vir de Londres para a sua primeira neta. Dez anos depois, Margarida continuava por ali as viagens de circum-navegação da sua primeira infância, mas agora montada num garrano de crina guedelhuda, destes que traziam as latas de leite à Horta e a que a manjedoura da quinta dera um pêlo menos estúpido e jarretes mais flexíveis. Fora dele abaixo, malhando no curral da figueira, que Margarida abrira a brecha de que lhe ficara uma pequena mossa marcada pela pele de cicatriz. Quando lá em casa se falava às visitas de coisas que se tinham passado há sete anos (e sete anos, nas ilhas, dão o tempo), a mãe mandava-lhe estender a testa à raiz do cabelo e dizia, enquanto ela se sujeitava ao exame irónica e longínqua: "Vê? Ficou assinalada. (NEMÉSIO, 1988:51)

Conforme esse trecho, podemos observar que o apreço de Margarida por movimento e por aventura já se evidenciava durante a primeira infância. O folguedo experimentado pela menina açoriana era percorrer num "carrinho de rodas de

borracha que o avô mandara vir de Londres", os passeios bem cuidados da herdade rural familiar, imaginando-se como protagonista de uma aventura análoga à dos memoráveis descobridores de novos mundos.

Chamou nossa atenção a menção dessa brincadeira infantil referida a Margarida, pois, prosseguindo um pouco no enunciado, encontramos a informação de que ela descendia de navegadores que se destacaram fortemente na história do arquipélago açoriano. Seu pai, Diogo Dulmo, é referido por ela, num outro momento de seu percurso formativo, como o "duodécimo neto de Fernão Dulmo, *descobridor de uma suposta ilha ao norte da Terceira*; neto do capitão-mor Diogo Dulmo (...)" (NEMÉSIO, 1988: 59).

Estabelecida essa associação, podemos compreender que Margarida, tanto pela alta linhagem mencionada, quanto pelo fato de ela atuar, ainda que no domínio de sua imaginação infantil, como uma digna descendente de "barões assinalados", já era merecedora, desde a primeira infância, do epíteto "assinalada", na acepção de muito valorosa. Seu percurso de formação, portanto, nessa época de sua vida, considerado evidentemente o contexto lúdico em que se encontrava, consistia num roteiro, de certa forma, "épico", como a apontar para uma possível trajetória elevada, pois ela tinha atributos para tanto, como seus antepassados heroicos.

De acordo com esse fragmento, o epíteto "assinalada" fora-lhe dado por sua mãe, D. Catarina Clark, por conta de uma cicatriz adquirida por Margarida quando, já em meados da segunda infância, ela sofrera uma queda de cavalo. Trata-se, portanto,

como se pode facilmente depreender de um apelido que aponta, não sem certa crítica materna, para um traço relevante do comportamento de Margarida: sua afoiteza um tanto varonil.

A marca exterior, a cicatriz na fronte, que como vimos pode ser sugestiva do traço de heroísmo inerente ao caráter e comportamento de Margarida, por sua vez, encontra-se, também, quase invariavelmente presente nos roteiros de histórias tradicionais, narrativas essas em que, em dado momento do percurso existencial do herói, ele adquire uma cicatriz, ou marca, ou ferimento para que sua heroicidade seja reconhecida.

Considerando-se a progressão da formação de Margarida, a cicatriz será o aspecto corporal que ela revelará a João Garcia, no momento em que se deu o encontro do par amoroso no jardim da quinta dos Dulmos. Assim, de certa forma, no momento desse encontro, projetava-se, no percurso de formação da jovem, um roteiro imbricado com o de uma heroína de contos de fada[61], pois a jovem tinha qualidades para protagonizar uma narrativa que se concluiria com o esperado final feliz.

O fato de Margarida, em seu percurso formativo, ter recebido o sinal aos dez anos, por sua vez, adquire grande relevância, pois, essa marca temporal denota um momento da vida em que qualquer menina almeja obter e já tem condições de assumir maior autonomia. No caso de Margarida, essa liberdade estaria representada numa maior movimentação no âmbito da propriedade rural familiar, sem a presença e auxílio da ama. Isso apenas seria possível com o auxílio de um novo meio de

[61] Trata-se, especificamente da 17ª função dessa modalidade narrativa (PROPP, 1983).

transporte. Cabe dizer que tal autonomia deveu-se a uma modificação significativa no meio de transporte por ela utilizado. O carrinho proveniente do estrangeiro foi trocado por um cavalo[62] autóctone, capaz de fazê-la realizar incursões solitárias a lugares mais distantes e de mais difícil acesso.

Chama-nos, portanto, a atenção essa substituição do veículo continental por um animal açoriano, que, se por um lado, oferece à menina maior amplitude na concretização de suas aventuras no íngreme espaço açoriano, por outro lado, oferece a essas aventuras, além de um tom mais nacional, um tom mais humilde, já que a montaria de Margarida não era possuidora de *pedigree*, tampouco da sofisticação do transporte utilizado por ela até então Essa mudança na trajetória de formação de Margarida parece indicativa também de uma reviravolta da sorte da protagonista, sobretudo, no que diz respeito à situação econômico-familiar. Nessa época, conforme o fragmento analisado, a quinta dos Dulmos voltara à condição de decadência, de maneira semelhante ao período que antecedeu o casamento dos pais de Margarida.

É sugestivo o uso do numeral *dez* para designar o momento da queda de cavalo sofrida por Margarida, resultando-lhe na referida cicatriz em sua fronte. O simbolismo do 10º arcano maior, a *roda da fortuna*, das cartas do Tarot [63] consiste no lançamento do indivíduo nas vicissitudes do mundo. Simboliza as contingências da vida, as alternâncias do destino, com suas

---

[62] O estudo do simbolismo sugerido por essa mudança de meio de transporte, no percurso de formação de Margarida, está realizado, neste trabalho, no tópico denominado "A Cavalgada".

[63] Em alguns momentos do romance, há uma associação entre os episódios vividos por personagens do livro com a leitura de cartas, o que, de certa forma, nos autoriza a referência ao simbolismo do Tarot.

ascensões e riscos de queda, a instabilidade permanente e o eterno retorno. Na subida e na descida da *roda da fortuna*, evidencia-se uma lei de alternância e compensação, que remete à história humana, social e pessoal[64]

A queda do cavalo sofrida por Margarida ocorre justamente no momento de oscilação da sorte de sua saga familiar. Quando a menina completa 10 anos, conclui-se uma fase de prosperidade de seu clã. Já não era mais o avô materno de Margarida, Charles William Clark, que "remira a antiga hipoteca da quinta" (NEMÉSIO, 1988, pág. 51) quem dirigia o clã e os negócios familiares, mas sim Diogo Dulmo, que se tornará o principal responsável pela completa derrocada dos negócios familiares, bem como do destino de Margarida. O numeral *dez* marcaria, assim, o fim de um ciclo de prosperidade, que se iniciou fundamentado numa aliança matrimonial realizada por interesse financeiro. Um ciclo em que, de fato, foi produzida riqueza material, mas à custa da adulteração de um sacramento. Nesse momento da *Bildung* de Margarida, não apenas ela sofreria uma queda, mas todo seu clã estaria submetido ao movimento de declínio da "roda da fortuna". Se a solução para o desequilíbrio financeiro anterior fora o casamento por interesse de seus pais, sobre quem recairia a partir desse momento o ônus de reerguer a casa decadente?

Assim, na fronte da personagem, a cicatriz, ao mesmo tempo que evidenciaria um caráter passível de realizar um percurso épico, ou mesmo de protagonizar uma trajetória de conto de fadas, parece ser um sinal de existência de um percurso bem mais prosaico e corrompido na formação de Margarida, traçado

[64]Fonte: http://docslide.com.br/documents/taro-dicionario-dos-simbolos.html).

em razão da submissão de seu pai e de seu avô a valores puramente mercantis.

3.4 CAVALGADA

O primeiro evento amoroso na vida de Margarida dá-se com um jovem "tão bem-nascido", cujo perfil atende os requisitos de D. Catarina para um pretendente ideal para a filha:

> D. Catarina tossiu. Fora o seu grande sonho, casar Margarida com Álvaro de Bettencourt logo que tivesse idade. Tão bem-nascido, tão fino... E bom, como quem era filho da Isabel! (...) . (NEMÉSIO, 1988, pág. 66).

Álvaro Bettencourt surge na vida de Margarida quando ela conta apenas quinze anos. No seu percurso de formação, ele assume o papel de parceiro de equitação, contudo, a representação ficcional desse personagem, feita de forma sintética e estereotipada, sugerem uma dimensão simbólica.

Assim, as imagens de "cavalo" e de "cavalgada" parecem sugerir um afloramento do erotismo próprio da adolescência por que Margarida passa, como também aludem ao roteiro de contos de fadas próprio a ser trilhado por uma jovem como ela. Conforme o dicionário de símbolos,

> A partir do instante em que se transpõe o umbral da puberdade, é então que o cavalo se torna plenamente (...) o símbolo da impetuosidade do desejo, da **Juventude** do homem, com tudo o que ela contém de ardor, de fecundidade, de generosidade. (...) Símbolo de força, de potência criativa, de juventude, adquirindo uma valorização quer sexual quer espiritual (...) os cavalos que se costuma atrelar, nos contos de fadas, à carruagem do casamento são bem o exemplo (...) do desejo liberado (...) as palavras cavalo e potro, ou égua ou potranca chegam até mesmo a assumir uma significação erótica, revestindo-se da mesma ambiguidade que tem a palavra cavalgar (ou

> montar)". (CHEVALIER e GUEERBRANT, 2005, p. 209).

Dessa forma, o percurso de formação sentimental de Margarida inicia-se com alguém cujas qualidades são compatíveis com o papel do príncipe encantado dos contos de fadas, e, sendo assim, parece que, na existência da jovem, se delineia um roteiro cuja conclusão é o esperado "final feliz".

Ocorre, no entanto, que esse percurso é interrompido, truncado, pois o primeiro namorado de Margarida parte para a África, deixando-a sofrendo o drama da espera. De lá, ele jamais retorna, pois um acidente fatal lhe tira a vida. A morte desse pretendente ideal provoca, portanto, uma reversão irônica na formação de Margarida, pois ela passa a protagonizar um drama, não um conto de fadas.

Na narrativa, o sofrimento dela, em relação ao fim trágico de Álvaro, não aparece sob forma de qualquer tipo de lamento**,** mas seu trauma pode ser inferido pelo fato de ela abandonar a atividade de cavalgar por dois anos.

Quando Margarida está com dezessete anos, reaparece sua sensualidade feminil, voltada agora para João Garcia[65], conforme fica evidenciado no encontro de ambos no jardim da quinta dos Dulmos. A atividade de equitação, nesse caso, é sugerida, em sua conotação de sensualidade, no momento em que ela lhe mostra a cicatriz na testa. Com esse pretendente, que vive num mundo de nível social diverso de Margarida, esta não forma par para cavalgada, pois ele parte para o continente e quando retorna não consegue reagir ao obstáculo da oposição dos pais da jovem.

---

[65] Esse encontro encontra-se analisado em item separado neste trabalho. Ver 3.2. "Aprendizado proibido".

Justamente na época da partida de João Garcia, Diogo Dulmo oferece à filha uma égua para que ela retome a atividade de equitação. Montada na Jóia, Margarida, pouco tempo depois, tem novo par de cavalgada, seu tio Roberto é quem a acompanha na cavalgada:

> (...) Dos lados da estrada da Caldeira sentiu-se uma tropeada, depois pó e um cavaleiro no encalço de uma senhora a galope:
> *- Slowly! Let go him alone...*
> Os cavalos meteram a trote e puseram-se a par. O de Roberto Clark vinha suado, com um pouco de espuma na barriga e sinal de sangue num ilhal. O de Margarida, enxuto, meteu a passo.
> - Ah, não posso mais... O tio desafiou-me e deixou-se ficar para trás! Assim não vale...
> - Largaste-te logo... Eu bem te disse: prender e folgar... prender e folgar... E depois, deixaste-o fazer a curva a galope com a mão do outro lado. *That's dangerous!..(...).*
> - Que bom galopar! E depois, este não é como a Jóia, que apanhou aquele passo escangalhado da *charrete...*
> - Que? A égua de teu pai, o peru?... *Half-bred*... Já lhe disse que tem de vendê-la.
> -Ah! Se o tio conseguisse!...
> - Com o dinheiro da Jóia arranja-se um bom cavalo. Eu ponho o resto. É o meu presente de anos. (NEMÉSIO, 1988;132)

Margarida, portanto, reencontra um par que a estimula a cavalgar, e, com isso, sente-se feliz. Na cavalgada feita com seu tio, chama a atenção o fato de que é ela quem toma a dianteira do galope e pratica uma equitação arriscada, subvertendo, de certa forma, o papel passivo de "princesa" dos contos de fadas. Sua cavalgada é impetuosa e mesmo arriscada. Ao seu tio parece caber o papel de instruí-la na prática de equitação. Para tanto, Roberto Clark promete que comprará, para ela, um bom cavalo em substituição à égua de "passo escangalhado da charrete". A possibilidade de mudança de montaria sugere que Roberto Clark se apresenta disposto a completar a formação da sobrinha nesse

domínio. Margarida recebe bem a notícia dessa oferta e se sente orgulhosa por ter encontrado um companheiro valoroso:

> Oxalá que estivessem muitas pessoas à janela, ao chegar à Vista Alegre! Não tinham passado de meio caminho da Caldeira, e Margarida juntava as palavras do tio na volta, o gosto de tornar a ver as hortênsias ainda sem flor e já cheias de seiva. (NEMÉSIO, 1988:135)

Roberto Clark, que conta trinta e sete anos, vinte deles vivido na Inglaterra, apresenta-se, portanto, como o pretendente ideal, um cavaleiro refinado pela educação do continente, que pode ocupar o lugar deixado vazio com a morte de Álvaro Bettencourt, assumindo o papel de príncipe encantado, embora não seja tão jovem e tampouco tenha uma linhagem tão bem considerada, pois é filho natural do avô materno de Margarida, tem posses que o qualificam para tanto, conforme a perspectiva paterna.

O tio de Margarida, no entanto, não cumpre sua promessa, não a presenteia com o cavalo prometido. Assim, novamente o roteiro de contos de fadas, que poderia ser percorrido por Margarida em seu processo de formação, é truncado. Outra vez a morte impossibilita que a educação sentimental de Margarida seja completada por alguém que pode ser qualificado como "príncipe encantado".

3.5. (De)formação dos jovens

O *Bildungsroman*, em geral, relata o processo de formação de um/uma protagonista até o momento em que ele/a se integra à sociedade como membro produtivo de seu grupo social. Há alguns *romances de formação*, no entanto, em que ocorre um truncamento desse processo, como no caso de *Mau Tempo no Canal*, em que o roteiro traçado pela sociedade vai na contramão do desenvolvimento pessoal da protagonista que se ressente por ter sua autorrealização impedida.

Neste recorte que agora efetuamos, buscamos analisar um dos principais obstáculos surgidos no desenvolvimento pessoal da Margarida, cuja problemática diz respeito à má formação juvenil proporcionada na época, momento em que a educação das jovens da classe alta direcionava-as apenas para o casamento, provocando frustração e sofrimento naquelas moças que, como nossa heroína tinham *também* outros anseios de realização pessoal.

Pode-se notar que, em vários momentos da formação de Margarida, evidencia-se a desigualdade de gênero no que diz respeito às oportunidades de desenvolvimento intelectual e profissional oferecidas a moços e moças, como, por exemplo, no privilégio que seu irmão tem de ir ao continente para estudar, apesar de seu desempenho escolar sofrível, enquanto ela, aluna exemplar, deve permanecer no arquipélago, sem chance de ampliar seu repertório intelectual com uma vivência num espaço mais cosmopolita, repetindo-se, assim, nesta geração, o que ocorrera na anterior, com D. Catarina e seu irmão Roberto Clark.

Acerca desse investimento nos estudos de Pedro, cabe observar que, da perspectiva de Diogo Dulmo, a possibilidade de expansão dos conhecimentos na Europa, era inútil e custosa, melhor para ele seria seguir a mesma "formação" aristocrática paterna:

> Velha questão... Diogo Dulmo era pela escola da Horta: "botequim", passeios de lancha ao Pico, Faial Sport Club (fora um dos fundadores) e emprego no Cabo Submarino. A sua opinião sempre fora que Pedro, aproveitando-se as relações inglesas da família, se empregasse no Cabo, já que o escritório dos Clarks era chão que deu uvas. Mas D. Catarina votara pela elegante tradição do Colégio Arriaga (demais a mais, nome da ilha). O sogro apoiara, não podendo (no fim da vida!) fazer ao neto o mesmo que ao filho Roberto: mandá-lo para Londres – terra larga, terra capaz de beber todo o sangue de um Dulmo metido nas veias de um Clark (NEMÉSIO, 1988:65-66).

Na formação dos jovens, coloca-se, portanto, a questão da reprodução da experiência educacional de seus pais, em conformidade com uma mentalidade patriarcal. Também a mãe de Margarida, quando adolescente, teve vontade de ir a Londres, mas seu desejo não foi atendido, permaneceu numa escola de freiras de Açores ocupada não com os estudos, mas com flertes e bailes, na verdade, à espera de um "bom partido" que a levasse logo ao altar, em conformidade com a expectativa das demais jovens de seu grupo social.

Quando a nossa heroína manifestou seu desejo de ir a Portugal para viver uma temporada na casa de seus tios, a mãe não interveio contra a proibição paterna, já em relação à ida do filho ao continente para complementar sua educação, foi firme em fazer valer sua vontade de ele lá estudar. Assim, D. Catarina repetiu a sua própria trajetória de formação no roteiro de vida da

filha, contribuindo para restringir-lhe o espaço de desenvolvimento ao apontar para a Margarida um pretendente bem nascido, representado na figura do desventurado Álvaro Bettencourt.

Acompanhando o percurso de formação de Margarida, tem-se um momento em que ela, já mais amadurecida, aos vinte anos, posiciona-se criticamente acerca da irresponsabilidade feminina na formação dos jovens do arquipélago, evidenciando inclusive, para seu tio Roberto, a falha de sua mãe na formação de Pedro:

> - (...) O tio creia que estas senhoras da Horta não sabem que estão neste mundo senão quando a vida corre mal. Foram criadas com tolices; não vivem senão para o Real Clube Faialense e para as festas a bordo, quando vem uma esquadra à Doca. Era a vida da mãe. Enquanto havia que exportar no Granel e as baleeiras rendiam, deixava o pai passar as noites fora; era tudo muito natural... E só porque o director do colégio avisava para cá que não fazia nada do Pedro, era logo: "Coitadinho... Mete-se o pequeno no escritório; arranja-se-lhe um lugar no Cabo..." Mas agora, que não há baleias nem Cabo nenhum... ai, que lá se vai tudo! (NEMÉSIO, 1988:178)

Esse desabafo origina-se do fato de esse problema afetar-lhe diretamente na medida em que seu irmão, seguindo o exemplo paterno, não se capacitou para gerenciar com competência os negócios da família e o ônus da decadência financeira acabou por recair em Margarida, que estava sendo pressionada a aceitar um casamento arranjado a fim de livrar a família da decadência financeira, assumindo, assim, o papel tradicional imposto ao seu gênero quando se fazia necessário.

Uma outra vez Margarida pronuncia seu ressentimento acerca da má formação das jovens, tendo por interlocutor agora

André Barreto, para quem ela demonstra o desprezo que sente por suas contemporâneas que reproduzem o mesmo comportamento que suas mães manifestaram na juventude. Chama a atenção o fato de que à futilidade da formação feminina dos Açores da época, Margarida contrapõe o exemplo de Rosa Bana[66], evidenciando, assim, que essa mulher simples e virtuosa é uma importante referência feminina para ela:

> André ainda conseguiu detê-la um minuto com uma história de Clarinha, um conhecimento que a filha do barão da Urzelina fizera na Conceição. Chamava-se Odete Frade.
> - Bem sei! Que embirrenta!
> Segundo Margarida, era preciso cautela com meninas bispetas do Faial, não dar confiança a caras novas. Chamassem-lhe tola; mas este género de meninas de "iluminação à veneziana", que fazem biquinho e a quem os papás compram piano e vestem de seda liberty, não era o seu género. Antes "a nossa Rosa", a sobrinha de Manuel Bana... (NEMÉSIO, 1988:187).

Como vimos no início desse recorte analítico, o conceito de *Bildung* está associado a uma travessia na qual a protagonista busca sua integração ao meio social. O exame de aspectos da formação de jovens constantes do romance permitem-nos concluir que jornada de Margarida apresenta um conflito irredutível quanto a uma possível integração dela na medida em que ela não compartilha com os mesmos valores de seu grupo social, cuja mentalidade mantém-se atrasada em relação às mudanças sociais, históricas e culturais surgidas no mundo no início do século XX em relação ao papel produtivo da mulher na sociedade. Nos fragmentos analisados, observamos que ela critica a reprodução de uma forma de educar inepta que provoca uma paralisia na formação dos jovens, tanto nas moças quanto nos

[66] A influência positiva que Rosa Bana exerce na formação de Margarida está mencionado, neste trabalho, no tópico “Aprendizado de pertencimento” .

rapazes da elite, que acaba por atingir a sociedade açoriana como um todo, na forma de uma decadência.

O desabafo de Margarida contra a irresponsabilidade dos pais da alta classe em educar os filhos revela um ponto de vista progressista na medida em que denúncia a má formação dos jovens como um dos fatores principais para a manutenção da mulher de classe alta restrita exclusivamente à esfera doméstica, pois as jovens, quando seduzidas para uma vida de futilidades, interrompem sua trajetória de desenvolvimento intelectual e profissional e, assentadas apenas no papel de mães de família contribuem para a manutenção do pensamento patriarcal acerca do papel social feminino.

3.5. APRENDIZADO DE PERTENCIMENTO

Neste recorte, analisamos um momento da travessia de formação de Margarida em que ela empreende um movimento autônomo, cujo aprendizado difere do recebido em seu círculo social. O título sugestivo do capítulo que trata dessa aprendizagem, "No Tempo da Fror"[67], designa a primavera e o incitamento ao amor despertado em tal estação, justamente em conformidade com o que acontece na vida da protagonista.

Por meio do título, infere-se a localização temporal e espacial do evento de que Margarida participa por vontade própria: trata-se do mês de maio e o ambiente é rural. É primavera em Açores, tempo benévolo, que levando-se em consideração o contexto do romance, é uma exceção, uma vez que a natureza ordinariamente aparece, em *Mau Tempo no Canal,* como antagonista das personagens.

Nesse momento do percurso formativo de Margarida, ocorrem as festas do Espírito Santo do arquipélago dos Açores[68]. É significativo, pois retoma um aspecto relevante da problemática existencial da protagonista: sua busca pelo parceiro amoroso, sua espera e, posterior, desencontro. Há, no entanto, uma alteração significativa, pois, se. no início da sua trajetória de educação sentimental evidenciou-se grande turbulência climática, associada a aspectos de uma feminilidade, que podemos chamar de recém

---

[67] Nome de uma conhecida cantiga medieval:

[68] Por meio da narração destes eventos religiosos, apresentam-se traços característicos de sua gente humilde, cuja religiosidade constitui-se em marca significativa da identidade sociocultural açoriana. Chama a atenção, nesse capítulo, a enunciação singular de Vitorino Nemésio, em que, com grande destreza, se entremeiam os estilos sublime e humilde, expressivo de aspectos da mística cristã, dentre outros.

desperta, agora, tem-se o desabrochar primaveril dessa mesma feminilidade, associado a uma atmosfera benéfica e mesmo sublime.

Permanece, portanto, o mesmo drama da espera feminina pelo encontro do par amoroso, porém, essa mulher em formação, por incrível que pareça, encontra-se com os humildes e, junto a eles, tem singular experiência com ressonâncias profundas em sua interioridade, sem contudo, isentá-la do ônus de sua problemática existencial.

Esse aprendizado singular está associado a um espaço que pode ser considerado como o reduto dos princípios verazes da enunciação, o locus das crenças mais significativas enunciadas, como o da festividade do Espírito Santo. Também como o lugar das ações modelares, paradigmáticas para a avaliação das demais ações narradas[69]. É o lugar ético de *Mau Tempo no Canal*. O locus "redondo", usando uma caracterização que para Vitorino Nemésio exprime o grau máximo de excelência. No espaço do romance, este lugar denomina-se Capelo[70],

---

[69] O Capelo pode ser considerado, neste contexto, como o espaço do "bem", vocábulo entendido, neste contexto, como "aquilo que enseja as condições ideais ao equilíbrio, à manutenção, ao aprimoramento e ao progresso de uma pessoa ou de um empreendimento humano ou de uma coletividade; conjunto de princípios fundamentais de determinada sociedade referentes à vida e à dignidade das pessoas, preconizados como propícios ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento moral, quer dos indivíduos, quer da comunidade" (Dicionário eletrônico Houaiss).

[70] Lugar, no plano ficcional, revestido de simbolismo, e, no mapa de Açores, representativo de uma pequena freguesia rural do concelho da Horta, na Ilha do Faial. No arquipélago dos Açores, são famosas as Festas do Espírito Santo, apresentando características diferenciadas de ilha para ilha e de povoação para povoação. Este fato real, no romance analisado, adquire uma dimensão simbólica: sabe- se que Capelo foi praticamente destruído, no século XVII, pela erupção de um vulcão. A crise sísmica associada à erupção vulcânica e a queda de cinzas e materiais de projeção, provocaram a destruição generalizada das moradias e campos agrícolas do lugar. Este evento histórico catastrófico, no romance, acaba por intensificar a sugestão de ressurgimento primaveril do lugar, do processamento da distopia - lugar arruinado – em eutopia – lugar que se está regenerando, mas traz os sinais da queda sofrida. O topônimo deriva seu nome por se encontrar

Desde o mês anterior, alguns meses após seu encontro proibido com João Garcia, Margarida estava "ocupada com a perspectiva da "função" que a irmã de Manuel Bana ia dar no Capelo"(NEMÉSIO, 1988:209).

Capelo passa a ser, então, o espaço da "perspectiva" de Margarida, espaço aberto, livre das barreiras que a oprimem em seu ambiente familiar cerceador. Ela espera reencontrar o João Garcia durante tais festas.

A expectativa dos festejos, dá à jovem grande alegria, comparável a um "sair do banho da Poça e pegar na toalha" (NEMÉSIO, 1988:210). Margarida antecipa uma vivência inusitada a partir de experiências sensoriais concretas de prazer já experimentado.

Evidencia-se o fato de ser uma mulher, a "irmã de Manuel Bana", a responsável pela realização do evento sagrado, sugerindo que, nessas comemorações haveria certa igualdade entre os gêneros, o que não se verifica ao longo do romance em que o gênero feminino sofre grandes restrições nas ações e desconsideração quase que total em suas falas[71].

A tradição religiosa, de que Margarida toma parte, é descrita pelo narrador com sensibilidade comovida de um ilhéu reconhecendo sua ilha e apresentando-a ao mundo:

---

frequentemente o cimo das montanhas coberto de nuvens, formando uma espécie de capuz. No contexto da narrativa, o nome próprio parece não arbitrário, mas motivado. Por analogia com o vestuário --- parte superior do hábito religioso ou traje feminino típico dos Açores até meados do século XX --- torna-se signo de 'proteção', 'respeito', 'autoridade', 'submissão', 'humildade'. A montanha, a que o capuz encima, por sua vez, sofre uma espécie de personificação.

[71] Margarida, possivelmente também por essa dedicação séria de Rosa ao sagrado a admira, tomando-a como modelo feminino a ser seguido.

> As festas do Espírito Santo enchem a Primavera das ilhas de um movimento fantástico, como se homens e mulheres, imitando os campos, florissem. Da Páscoa ao Pentescostes e à Santíssima Trindade são sete ou oito semanas de ritos de uma espécie de florália cristã adaptados à vida da lavoura, dos pastos carregados de humidade e de trevo no meio das escórias de lava --- o "Mistério". (NEMÉSIO, 1988: 209)

Nessa descrição chama a atenção o uso do verbo no presente, indicando sua atemporalidade. É um tempo cíclico, que coordena o próprio tempo da natureza. Não é, no entanto, a primavera pagã, pois são as festas do Espírito Santo que "enchem a Primavera de um movimento fantástico", animando o cenário. Essas festividades essignificam a existência dos que dela participam: "como se homens e mulheres, imitando os campos, florissem"[72]. Pode-se dizer que, aqui, Margarida está enraizada nas tradições de sua gente, pois é uma experiência religiosa que, por ser vivida em Açores, traz uma vivência única, sobre tufos vulcânicos. Somente em Açores pode-se vivenciar o "Mistério" da manifestação de vida amena (re)nascendo em solo brutesco, aparentemente inviável.

O momento mais importante da festividade é o ritual da coroação, em que se apresentam: a coroa real encimada por uma pomba de prata, símbolo do Espírito Santo, o cortejo das belas moças da ilha, a bandeira do Espírito Santo levada à casa de todos, sem qualquer discriminação social, o desfraldar do

---

[72] Essa imagem, que exprime algo transcendente, ou seja, alguma condição necessária da possibilidade da existência e do sentido de alguma coisa, também é uma imagem extraída da vivência concreta de ilhéu, evocando o movimento, a roda, e a estampagem das saias das moças no bailado das festas, como se fossem flores --- imagem que será retomada adiante, durante as "festas redondas".

estandarte pelo "alferes da bandeira", instaurando "uma realeza de sonho, "império do pão dourado", os "vereadores" portando "varas de mordomos", o "pajem da coroa investido na grandeza do reino" e o ponto culminante da coroação: uma criança ou um mendigo coroados pelo sacerdote, e, por fim, o encerramento do cortejo com o som da fanfarra e a explosão de fogos de artifícios e saudações ao imperador.

Essa descrição surpreende, sobretudo, pelo fato de ser protagonizada pelos humildes, sendo que é, justamente, o mais modesto de todos que recebe a honra da coroação. Trata-se, portanto, de uma cerimônia em que ocorre a exaltação do humilde. Nesta coroação descrita, a honra coube, como ocorre sempre, a um joão ninguém: o Chico Bana, membro da família representativa dos humildes no romance[73]. Ao final da coração, Chico Bana é saudado "Imparador do séistimo domingo". E, depois da coroação, segue-se uma comemoração festiva fraterna, em que todos compartilham comidas e bebidas simples, oferecidas em "bandejas de lata". Cabe evidenciar que esse evento festivo ocorre em cumprimento de uma "promessa" dos Banas. O narrador apresenta a posição social dos Banas evidenciando sua humildade, são "criados dos Dulmos".

Conforme combinado, Margarida participa , "desde a sexta-feira do bezerro ao domingo da coroação" (NEMÉSIO, 1988:210), de eventos em que se mesclam elementos sagrados e profanos,

[73] Cabe observar que o prenome está no diminutivo. Homônimo do santo católico, São Francisco, reverenciador da humildade e, transformado em substantivo simples, é designativo de "menino", "criança", ou "tamanho pequeno", "coisa de pouco valor". Refere-se a Cristo, a "Humildade coroada".

pagãos e cristãos, comemorações que focalizavam o ato sacrificial de Cristo como forma de remissão dos pecadores. Acerca dessas festividades, os pontos de vista entusiasmados de Manuel Bana, mestre no assunto, e de Margarida, neófita, aproximam-se:

> O bezerro esquartejava-se para esmolas de pão e carne estendidas em bancadas improvisadas na rua com tabuões e toalhas, e postas nos seus pratos de barro coroados de ramos de hortelã. O pobre que dá ao pobre cobre a sua alma e empresta a Deus. Fartura é naqueles dias! Cozido e alcatra a amigos e compadres, nas panelas de arroba mexidas pela "mestra da função". Domingos rijos! Margarida sonhava meses e meses com aquelas ramadas dos quintais --- debaixo as mesas postas, carniça, potes de rosas, e os copos mostrando à transparência do vinho os confeitos de funcho e açúcar jogados pela vereança aos peitos das raparigas. Vivo e coberto de fitas, tonto das boninas e da pólvora do foguetório, o bezerro, à frente do cornetim e da rabeca do Pezinho, cheirava a pêlo e a chícharo, à jarroca das grotas sem fundo, trazido do lado de lá do nevoeiro que engorda os pastos e vela a alma da ilha. Ainda quente do breu que lhe segura a rosa de papel entre os cornos, ajoelhavam o bicho à força à porta do "imperador", como se o Espírito Santo quisesse lembrar aos ilhéus que são do mesmo barro que a vaca bafejou no filho da Virgem pobrinha. Lá segredos de Deus...(NEMÉSIO, 1988: 211)

Após esse evento, Rosa Bana, investida agora do importante papel de anfitriã, encontra-se no aguardo da chegada de Margarida acompanhada de Manuel Bana, que deveria estar muito orgulhoso por ter convencido D.Catarina a deixar a filha fidalga sair da confortável residência para permanecer três dias no Capelo, na casa pobre dos Banas, pernoitando em humilde colchão de folhas. Mesmo para ele que bem conhece o jeito de ser de Margarida, uma filha de uma família aristocrática tendo tal intimidade com criados é surpreendente.

A modesta Rosa, como anfitriã, é a figura feminina de maior relevo na festa que tem lugar em sua casa. Cabe evidenciar que, no contexto da festa do Espírito Santo, não é a alta condição social derivada do nascimento que dá relevância às personagens, pelo contrário[74].

Manuel Bana também procura assumir papel de relevância nas festividades. Em seus pensamentos, recorda que fizera a promessa e auxiliara a irmã nas despesas, pois, esta, sendo viúva, não tinha "cabeça nem posses para aqueles gastos". (NEMÉSIO, 1988:211). [75] A presença de pessoa tão ilustre, no lar de Manuel Bana, enche o criado dos Dulmos de um sentimento de dignidade pessoal, ao mesmo tempo em que demonstra sua modéstia:

> (...) ---- isso excedia tudo o que "o filho de mê pai " podia esperar. E levava o bordão untado, amarelo canário, com (...) conteira nova... Tinha o rei na barriga" (NEMÉSIO, 1988:211).

O cajado que acompanha Manuel Bana, já um tanto velho, justifica-se também por ser um objeto usado pelo homem rural, mas também acaba, em sentido figurado, por relação metonímica, sugerindo "aquele que ampara, ajuda, socorre"[76].

---

[74] Note-se aqui que o termo "rosa", que a nomeia, portanto, parece carregado de simbolismo, sugerindo status elevado, a rosa é a "rainha das flores", de certa forma, mais elevado do que a flor denominada margarida.

[75] O ethos de Manuel Bana representado nesse capítulo é o de um homem cumpridor de promessas, fraterno, que serve de amparo à viúva, um homem efetivo. Representa o ilhéu de "alma cândida e tenaz".

[76] Por seu papel de protetor de Rosa Bana e auxiliador na criação do sobrinho Chico Bana, considerando-se que essa família, de certa forma, refere-se a um modelo de família cristã, Manuel Bana retomaria alguns atributos de São José, pois é um patriarca daquela família. O bordão que carrega, por associação com a frase "Tinha o rei na barriga", por metáfora, sugere cetro, símbolo de realeza.

Pode-se notar que, sob a perspectiva de Manuel Bana, é retomado, nesse momento do percurso de formação de Margarida, o conflito que nos parece crucial da existência dela, relativa ao encontro de seu par amoroso. Manuel, analisando a rivalidade entre as famílias dos jovens, como também a posição social inferior de João Garcia exprime um juízo sensato, sob a forma de um ditado: "O pé do senhor alferes não era forma para a Bidinha; lá fidalgos..." (NEMÉSIO, 1988: 211) e continua a ser sugerido, metaforicamente, a partir de outra frase de Manuel Bana, em linguagem rural: " Ná... Aquilo eram lá amores mal amanhados, tristezas do anjo de Deus..." (NEMÉSIO, 1988:211)[77].

De certa forma, nesse momento, Manuel Bana serve de "embaixador" do par amoroso formado por Margarida e João Garcia porque percebe que os dois se gostam, e, embora não deixe de ver as dificuldades e empecilhos ao romance dos dois, quer ajudá-los.

Nesse momento da trajetória sentimental de Margarida, é possível os dois ficarem juntos, e, havendo, assim, a união das famílias rivais, a vingança que Januário promete efetivar por ter perdido o posto na casa dos Dulmos, deixa de ter sentido. E, Januário rico pode ajudar João Garcia, jovem bem formado e preparado, a reerguer a casa dos Dulmos. Um verdadeiro final feliz.

No sábado, ocorre a "festa redonda", apresentada como o mais perfeito dos festejos. Se Capelo ocupava a posição de centro

---

[77] Note-se que, aqui, há referência a um possível agente do referido "mal enredamento", aspecto que é retomado em vários momentos do romance, não apenas da protagonista.

do mundo, o centro de Capelo passa a ser o terreiro dos Banas, e, principalmente, "no meio da casinha cheirosa a pinho e pitósporo", o local em que se encontra "o altar do Espírito Santo" (NEMÉSIO:1988:211). A preparação da "festa redonda" por Manuel Bana foi primorosa:

> No sábado houve "festa redonda", com tocadores de viola rogados dos Flamengos e dos Cedros. No meio da casinha cheirosa a pinho e a pitósporo alinhavam-se seis rapazes diante de outras tantas raparigas movendo-se à direita, à esquerda com uma lentidão de maré que vaza devagar. Era a Charamba. Manuel Bana, encostado ao altar do Espírito Santo, que sabia em degraus de lumes até ao camarim da coroa, não tirava os olhos da porta. Deviam estar a chegar os seus convidados da cidade. Tinham prometido vir. Ele mandava buscar a Palmerina Folarinha aos Flamengos; pagava-lhe a carroça. Queria uma cantadeira à altura da voz do Sr. Damião Serpa, às dos "terreiros" do Faial; e a Folarinha era uma bailadeira afamada; tinha uma cantiga linda, dobrada, como se usava nalgum tempo. O Feijão dos Cedros, mestre da viola, mandava as voltas da Charamba com aquele seu desembaraço pimpão que não tinha segundo na ilha: "E outra vez! E torna atrás! Uma senhora... Uma só!" Crescia das rosas e da lã das saias novas um cheiro a ajuntamento que ardia na cara de todos, baixava os olhos maganos da Folarinha ao dar troco a um cantandor do Capelo, de peito feito dela." (pág. 211-212)

Nessa comemoração, a "casinha", lugar do festejo-oração, torna-se uma capelinha, pois, lá se encontra o altar do Espírito Santo, reverenciado com primor, com a iluminação até o "camarim da coroa", ou seja, até o ponto máximo, representativo da realeza do sagrado. A menção ao cheiro de "pinho" e de "pitósporo" dá continuidade à representação da "casinha" como uma igrejinha, pois são plantas usadas, popularmente, para proteção do lar: os pinheiros são como guardiães da casa e os pitósporos trazem aos convidados, segundo o imaginário popular, a mensagem "seja bem-vindo". A imagem sonora se une à olfativa, num cenário

referido sinestesicamente. O *pittosporum undulatum*, designado comumente como *pitósporo-ondulado* é uma árvore que cresce até aos 15 m de altura, com folhas alongadas e onduladas nas margens. Trata-se de uma planta muito comum em Açores, vulgarmente conhecida como *falso incenso*. Seu "undulatum", na descrição desse capítulo, sugere ondas marítimas, imagem que será retomada cataforicamente: "alinhavam-se seis rapazes diante de outras tantas raparigas movendo- se à direita, à esquerda com uma lentidão de maré que vaza devagar" (NEMÉSIO, 1988:212). E, assim, o mar inunda a "casinha" pela "charamba", dança popular de Açores. Também o pinho, indiretamente, auxilia na produção da imagem marítima, por seu uso em navios[78].

Em "crescia das rosas e das lãs das saias novas um cheiro a ajuntamento", as rosas estampadas nas saias da moças dançando retoma a imagem da descrição inicial, de um jardim em movimento. Mas, agora, toda flor é rosa, formando um jardim de rosas, um *rosarium*. Pode-se entender que, considerando-se o percurso de formação de Margarida, que o termo "ajuntamento" sugere a união, promovida pela crença comum. Aqui se inclui, portanto, do tema da paridade (simetria, similaridade, igualdade) dos gêneros, homem e mulher, de condição social, como condição para a harmonização do conviver.

Mas há o conflito impeditivo dessa harmonia: "O baile, enfim, ali armado a rigor, e os senhores[79] da cidade sem virem!"

---

[78] Essa associação dos pinhais ao mar remete ao poema "D. Dinis", em *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

[79] Nesta frase, o termo "senhores" sugere: "tratamento cerimonioso ou respeitoso dispensado aos homens", mas também pessoa que exerce poder, dominação, influência.

(NEMÉSIO, 1988: 212), ou seja, do ponto de vista de união social, os poderosos senhores da cidade não se dispuseram a vir ao campo para participar do festejo sagrado. Evidenciando não terem o desejo de aproximação do homem simples, aos quais, via de regra, exploram[80].

João Garcia, que não é um desses senhores, também falta, no entanto, sem culpa, são as contingências: "(...) mostrara muita pena, mas estava de serviço: tinha de pagar uma troca ao capitão Soares, pedia desculpa..." (NEMÉSIO, 1988:212), notícia que deixou Manuel Bana "meio murcho".

A não vinda de João Garcia deixa Margarida sem par, e aquele possível final feliz, sem concretização. Não será feita a aliança entre a aristocracia decadente e a burguesia em ascensão. Outra vez o desencontro no roteiro sentimental de Margarida, agora devido a assuntos relativos à guerra. João Garcia, sem ter consciência disso, falta a um momento significativo de sua vida, que talvez pudesse mudar o seu destino e o de Margarida, porém algo se trocou, foi substituído, e o lugar "do príncipe encantado" continua vago.

Na comemoração, Margarida se mantém, como uma noiva na expectativa da chegada do noivo, distante de todos, "ao pé do altar" (NEMÉSIO, 1988:213). Rosa Bana logo a tira daquela posição, fazendo com que ela venha para o terreiro, para junto

[80] Aqui se explicita crítica social.

do povo, com o argumento: "--- Não se faça de rogada, Bidinha!"[81].

Margarida acolhe o argumento de Rosa Bana, aproxima-se da roda popular, ocupando posição de "namorada" do "Imparador" Chico Bana. Outra troca se opera no círculo em que ela se encontra, Damião Serpa substitui um rapaz cantador e, deixando seu par, forma um *duo* com Margarida. Na cantiga popular entoada por ele, destaca-se a figura feminina:

> Boa noite digo a todos.
> Que eu tive ensino de mãe:
> Viva a dona desta casa
> E estas meninas também.

Margarida, em seguida, promove nova substituição: vai ao encontro de Manuel Bana para consolá-lo da não vinda dos senhores à sua festa, trá-lo para o terreiro entre risos e coloca-o no lugar do sobrinho, e o tocador de violas a acompanha em seu cantar:

> Eu trago terra de longe
> Para fazer um jardim,
> Para plantar este cravo
> Que está longe de mim.

Nessa nova posição, de cantora de canção popular, de mulher do povo, Margarida entoa uma cantiga que sintetiza sua condição existencial: ela veio em busca do amado João Garcia ("Eu trago terra de longe"), disposta ao encontro amoroso ("Para fazer um jardim"), mas o amado não veio e ela sofre a dor da separação

---

[81] Note-se que Rosa Bana "ensina" Margarida a se aproximar da gente simples do lugar, deixando de lado qualquer atitude sobranceira, derivada de sua fidalguia.

(Para plantar este cravo/que está longe de mim). Ao cantar, enfatiza "jardim" e "cravo", ironizando sua condição de mulher sem par, ímpar [82] e , de certa forma, se refere à vivência amorosa com João Garcia no jardim de sua quinta familiar.

Na representação desta cantiga, Manuel Bana passa a ocupar o lugar de pretendente de Margarida, tornando-se seu "par":

> Todo ele ria, fazia "que não" com a cabeça, parecia procurar caminho para se esgueirar dali:
>
> --- Ora a alembrança da menina! Fazer pouco de um home... Um velho, cós dentes escabaçados! --- E alargava a mão na cara encovada, no seu gesto manhoso. (NEMÉSIO, 1988:213)

Nessa última substituição, chama a atenção o fato de o narrador se referir a Manuel Bana por "tio" de Chico Bana, pois, no decorrer do romance Margarida irá transferir seu amor por João Garcia a um outro tio, no caso Roberto Clark, filho natural de seu avô materno[83].

Margarida, mesmo atuante nas festividades, já vai retornando à sua condição de inacessibilidade, mas, já não é a mesma Margarida de quando chegara, embora tivesse obtido um aprendizado relevante, já não tem a mesma esperança de realização amorosa com João Garcia:

> Mas o seu olhar fino e doce [de Manuel Bana] interrogava a cabeça de Margarida, meio pendida no ombro, a

---

[82] A "dona da casa", Rosa Bana também é uma figura ímpar, mas não apresenta a vulnerabilidade de Margarida, sua condição senhoril provém de fazer de sua casa um altar ao Espírito Santo.

[83] Talvez aqui Margarida revele a sua vulnerabilidade essencial: (ter de) trocar o " verdadeiro par" por um substituto conforme as contingências que se apresentarem.

> expressão longínqua e iluminada da testa e do cabelo um pouco desmanchado, que parecia seguir o rasto da cavalgada que se perde no pó e deixa os campos conforme a noite desenha as árvores e as lavas, por cima dos buracos dos grilos. (NEMÉSIO, 1988:213)[84]

Nesse momento de seu percurso de formação, é retomado o tema do desencontro e da mudança, focalizado sob o aspecto da troca de pares, o que será recorrente ao longo da narrativa. Cabe evidenciar que, no entanto, mesmo em meio a tais circunstâncias desfavoráveis, Margarida "ganhou", obteve uma vitória no "dueto" em que acabara de participar. Seu real ganho, que a enriquece como pessoa, é avaliado da seguinte forma pelo narrador:

> Mil anos que vivesse, Margarida não esqueceria a noite do baile no meio daquelas jaquetas dos rapazes do Capelo e das saias rodadas das vizinhas da Rosa Bana. Sentia-se ali como a prancha que vem do alto mar e encontra enfim uma posição capaz de fixar as gaivotas e a sua própria massa de seivas, as suas fibras, os furos a que se agarram conchinhas e algas verdes. Lapuzes sim; brutinhos e suados. Mas eram vivos; as velhas dividiam-nos em "machos" e "fiminhas" nas conversas da pedra do lar. Era a sua gente, através de Manuel Bana, que andara com ela no colo e tinha confiança no seu paladar para provar a alcatra, e no seu gosto para espetar alegra-campos no pão de cabeça das esmolas. De resto aqueles dois dias e duas noites do Capelo eram sobretudo o campo, os cerrados de milho já alto e embandeirado, o moinho do Cabouco onde se metera a ler uma tarde inteira e de onde descobrira um ponto colado ao horizonte --- um grande navio de vela que seguia a favor do vento para a banda das Flores (NEMÉSIO, 1988:214)

Margarida rompeu barreiras, aproximou-se da gente simples, sentiu a vitalidade de suas crenças e das formas artísticas

---

[84] Note-se a referência ao ato de cavalgar solitária, no momento em que houve, em seu percurso de educação sentimental, o desencontro com o par amoroso.

tradicionais. No campo, vivenciou a inesquecível sensação de enraizamento, de pertencimento a um lugar, pelo compartilhamento de mesmos valores. Assim, seu lugar de origem, que, num sentido lato, era aquele mesmo, os Açores e suas tradições, deixou de ser dela afastado por conta das diferenças de classes sociais. Essa experiência, portanto, corresponde a um momento raro de sua travessia de formação, momento único, de harmonia, de comunhão, de júbilo, em que a natureza inóspita se torna acolhedora, ordenada. Trata-se uma experiência existencial profunda, sublime, que oferece uma sensação de pertencimento, um sentimento de ser *ilhéu,* expressa tanto no contentamento das personagens humildes que participam da festividade religiosa, como no relato comovido e reverente do narrador, e que, embora seja autenticamente açoriana, é também universal.

A figurativização desse tempo primaveril, considerado o domínio axiológico do romance, traz uma aprendizagem preciosa à protagonista: de que barreiras de qualquer tipo podem ser transpostas, realçando como valor a ser cultivado a comunhão solidária dos seres humanos, sem preconceito de qualquer ordem, unidos por uma crença superior.

Assim, essa vivência acaba por ser uma espécie de contraponto a tantas outras de seu roteiro, que são acompanhadas por melodia soturna e que tratam da problemática do insulamento dos açorianos. Nesse momento, um novo ritmo se instaura, como um cantar tradicional, coletivo, de regozijo, trazendo uma mensagem apaziguante, mas também instrutiva sobre como os humildes fortalecem relações com o si mesmo, com os outros e, sobretudo, com a dimensão transcendente.

IV. LABIRINTOS

4.1. DESEJO DE EVASÃO

O neologismo *açorianidade*[85], de autoria de Vitorino Nemésio, expressa a singularidade da existência do ilhéu, habitante do arquipélago de Açores, marcada pela sensação de aprisionamento e de exclusão, condicionada por contingências geográficas, históricas, sociais e econômicas insulares. Conforme Garcez (2002:17), trata-se da

> angústia de sentir-se preso na imensidão oceânica, impotente face a condição de isolamento, a angústia de estar sempre a partir, de ser o agente ou o paciente de despedidas, de conviver com a ausência (...). Faz parte da açorianidade o ter de partir ou por razões de extrema pobreza, emigrando, ou pelo desejo de estudar e/ou progredir, ampliar perspectivas profissionais.

A açorianidade é evidenciada em vários momentos da narrativa em relação a personagens masculinos e femininos. Nesse trabalho interessa-nos analisar como é apresentada no percurso formativo de Margarida. Segundo Lopes (2009:105),

> Margarida nos dá a nota deste "estar confinada"; é nela que podemos melhor notar o confinamento interior e uma necessidade de caminhar sempre em direção a um espaço exterior aberto, como se assim fosse possível conter a sensação de confinamento. (...) Ressalta o confinamento espiritual de Margarida a sua frequente sensação do "abafamento" (...).

[85] Conforme SILVA (s/d)

Além dessa sensação de enclausuramento, patente em vários momentos da travessia de Margarida, o fenômeno da açorianidade encontra-se presente também em seu desejo de ampliar suas perspectivas de realização pessoal fora do arquipélago. Exemplo desse anseio já se encontra expresso no momento em que ela lamenta, para João Garcia, o fato de Diogo Dulmo não lhe permitir viajar para o continente, que conhecera na infância e continuara estimulando positivamente seu imaginário juvenil:

> Tanto que tenho pedido ao pai para me deixar estar uns meses com a tia Teresa em Lisboa...(...) Ainda me lembro da casa deles na Pampulha, quando lá estive em pequena. Era como se fosse no Faial...(NEMÉSIO, 1988:52).

Com a chegada de Roberto Clark ao arquipélago e o relacionamento afetivo que pouco a pouco vai se estabelecendo entre ambos, renovam-se as esperanças de Margarida de partir para o continente, considerado por ela como espaço possível de sua realização profissional. Em suas conversas com o tio, que compreende seus anseios e até mesmo incentiva seus planos, delineiam-se, para Margarida, novas perspectivas de progresso pessoal (e, sobretudo, de fuga ao espaço provinciano opressor) no espaço cosmopolita:

> O meio é mesquinho, é... uma gente fechada! Mas olha: Lembras-te daquela nossa conversa de Lomba, quando saímos a cavalo...?
> Nunca mais saímos a cavalo...
> ---... que mostraste vontade de te empregares em Londres, saíres disto?...
> --- Fazia uma cruz no cais... Ah, para sempre! (...)

> Mudei de ideias --- disse Roberto (...) – Tenho estado a pensar... O Marr tem a clínica em Kensington; está sempre a admitir enfermeiras, raparigas de sociedade. E mesmo que fosse no escritório... Ele opera muitos portugueses; há uma grande colónia brasileira por essa Europa fora que não quer outro cirurgião. (...) Ias para lá como ajudante de regente; fazias as honras da clínica...
> --- Para que é que o tio me mete essas ideias na cabeça?... Vamos pensar nisso a serio; já disse. (...) NEMÉSIO, 1988:179)

Esse projeto permanece resguardado no íntimo de Margarida a ponto de fazer com que ela não se sinta completamente integrada ao arquipélago natal, mesmo em experiências de pertencimento[86]. Assim, a própria esperança de evasão consiste, no caso da protagonista, num aspecto significativo da forma de vivência do sentimento de açorianidade.

Mas, na interioridade de Margarida, também há desesperança em relação à possibilidade real de escape, como se pode depreender pela análise de um pesadelo tido por ela numa noite em que assume, ao lado de seu tio, o papel de enfermeira de seu criado[87] acometido pela peste bubônica, na vivenda dos Clarks.

Antes de deitar-se e ter o pesadelo, Margarida examina com corajosa desenvoltura o doente, mostrando ter aptidão à função executada[88]:

> --- Decididamente, o médico já não vem... --- disse Roberto (...). --- E que havemos de fazer a esse homem, com aquele febrão e a íngua?!
> --- Estará maior, de há bocado?
> --- É um bubão, não há dúvida! E logo naquele sítio...

---

[86] Como se pode notar, por exemplo, por seu estado d'alma um tanto evasivo ao final de sua vivência nas festas do Espírito Santo (ver item 3.6. "Aprendizado de Pertencimento").

[87] Esse ato caridoso é verossímil não apenas pelo caráter elevado de Margarida, mas também pela camaradagem havida entre ela e Manuel Bana, estreitada durante as festas do Espírito Santo.

[88] Essa aptidão sugere que ela poderia ser bem sucedida na profissão de enfermeira no continente.

> ---- Pareceu-me do tamanho de uma ameixa.
> Roberto fitou demoradamente Margarida; curvou-se (...)
> --- Do tamanho de uma ameixa?!
> --- Talvez exagere... O cobertor é grosso; o Manuel dói-lhe tanto, coitado! Não me queria deixar pôr os dedos ali (NEMÉSIO, 1988:247).

Nesse momento da formação de Margarida, estar distante do ambiente doméstico já é uma forma de evasão de uma realidade opressora:

> --- E tua mãe em cuidado... Teu avô a querer que lhe encostem a *voltaire* à janela, com a mania de que do Pasteleiro se vêem tão bem as Vinhas que até se distinguem as pessoas por dentro da vidraça...
> --- E é verdade! --- Margarida voltou os vidros: --- Olhe! Agora mesmo vi uma luz na quinta. Parecia alguém que descia a escada do pátio para o terraço. E na janela das torrinhas... mais forte; não vê? A apagar-se e a acender-se...? Deve ser do quarto da ama. A outra luz era mais amarelada. Era a lanterna. (NEMÉSIO, 1988: 248)

A oposição entre Margarida e esse meio ambiente opressivo e doentio é evidente. O relacionamento da protagonista com cada um de seus pais consiste em aspecto determinante no seu processo de formação e, nesse momento de sua travessia existencial, a jovem sabe que não pode contar com eles. Diogo Dulmo é uma figura quase ausente tanto física quanto emocionalmente na vida de Margarida. D. Catarina também não faz um gesto de apoio à filha, seus pais, no entanto, encontram-se unidos a fim de realizarem o propósito de conseguirem para ela um bom partido, no caso, tio Roberto, em cuja companhia, aliás, não se importam em deixar a filha passar a noite à espera de socorro médico ao criado...

D. Catarina, que aparece nessa referência feita por Roberto, aparentemente resignada a seu aprisionamento e solidão,

representa um destino feminino que Margarida desejaria evitar, pois é o oposto da vida que sonha para si. Pode-se inferir que Margarida deseja afastar-se da situação limitada que vê representada na figura de sua mãe, apesar de, no fundo, saber que o pai é o grande responsável pela situação de decadência financeira e moral em que a família se encontra.

Margarida dedica-se à tarefa de bordar, num lugar mais elevado da residência, sempre acompanhada por Roberto, ambos na expectativa angustiante da chegada do médico, retardada pelo agravamento da epidemia no arquipélago e pelas condições precárias de transporte, circunstâncias sobre as quais a jovem manifesta ter consciência crítica.

O bordado tecido reflete sua conflituosa condição existencial: apesar de a ave representar seu anseio por evadir-se de sua opressiva situação vital, a pomba encontra-se, tal como Margarida, enclausurada em suas circunstâncias existenciais:

> Margarida, à luz do candeeiro americano, marcava o ritmo do petróleo com o pique da agulha no bordado. Uma pomba de filosel repetia o seu corpo esquemático e o seu raminho no bico ao largo de uma tira de pano riscada a papel químico (NEMÉSIO, 1988:248).

Na madrugada, Margarida novamente vai ao encontro de Manuel Bana, descendo para tanto a um espaço mais profundo da casa:

> A vivenda dos Clarks (...) era a casa tradicional das vinhas queimadas do Pico. Um piso alto, com mirante na empena, flanqueava a adega funda e metida na casa.... (...)
> A adega, com o seu lagar profundo, a madre imensa, o peso de pedra chumbado à finura do fuso de rosca até ao tecto, e os vastos canteiros de pipas irremovíveis e de tamanhos descrentes, era o porão. Margarida atravessava

> sempre à noite aquela arca de bafio com uma sensação de mistério (NEMÉSIO, 1988:248)

Margarida ocupa-se do doente compassiva, serena. Seu terno cuidado acalma Manuel Bana que, embora corajoso, encontra-se num momento dramático, em que corre risco de morte. A jovem rompe barreiras sociais, age como se fosse verdadeiramente irmã de seu criado, e ele sente-se melhor apenas por estar sob a proteção daquela gentil enfermeira, considerada sagrada por ele[89]

> Margarida desabafou o bule pousado num tinote, e, enchendo de alto uma grande caneca vidrada, enquanto Roberto o amparava pelos ombros, deu-lhe a beber. Manuel Bana estava realmente trêmulo. Parecia que a febre tinha pele e que, como um anelídeo invisível, se lhe enroscara aos tendões, ao peito, ao corpo todo. (...)
> --- Im o senhor dòtor chigando, a menina ajunte a sua roipinha e vaia e mais ele. Mandaro recado a minha irmã prò Capelo, como ê disse? Ela é que tem obrigação de ficar aqui a pé de mim. São doenças mum ruins.
> (...)
> --- Tou co a peste, meu amo!...
> (...)
> --- Ê sei... Ê morro...
> Um sorriso infantil sincopou a voz de Manuel Bana. Margarida, furtando disfarçadamente a cabeça ao bafo fo pobre homem, pôs-lhe a mão devagar na cabeleira seca:
> --- Agora cá... Um valentão como tu, pôr-se para aí com tolices!...
> --- A Bidinha vaia-se imbora! Pegue na roipa e vaia-se imbora!...
> --- Escusas de teimar, que não te deixo. E agora, ouve cá... Mas ouve! Olha para mim! Pensas que eu ficava ao pé de ti se desconfiasse de peste?...
> Manuel Bana (...) procurou o olhar de Margarida, como se quisesse arrancar-lhe uma verdade mais firme do que a que vinha da voz. Mas aquela mão mimosa deslizava-lhe na testa, parecia tapar-lhe a boca; vinha daquele corpo fresco e para ele sagrado a certeza de que a sua vida tinha

[89] Margarida nesse momento sugere algo do arquétipo de Santa Isabel. Também em outras passagens em que faz um movimento para o outro, como na ocasião da Festa do Espírito Santo e na sua visita à Cândia Furoa.

> uma proteção, um fiador. Os olhos foram-se-lhe cerrando (...) (NEMÉSIO, 1988:249).

A travessia exterior, feita por Margarida às profundezas da residência, parece coordenar-se também com um movimento de aprofundamento operado na sua interioridade, ainda que de forma inconsciente:

> Margarida então sonhou que ia a bordo de um grande paquete, como os que a agência da Fabre Line espalhava em cartazes por todas as aldeias do Faial e do Pico. Mas não ia para a América, nem para Londres, nem para nada... nem o vapor era mais que um grande porão cavernoso e cheio de breu. Não havia primeira classe, nem camarotes, nem mesa alguma, parecendo um milagre ou uma troça aquele piano invisível em que atropelavam Debussy.O tio Roberto devia embarcar também; mas que era dele? Um preto vestido de ganga sacudia uma grande campainha. Depois, um rolo de fumo empestava o paquete; um piloto de barba por fazer puxava na ponte o arame da válvula da caldeira: três urros tristes, como o Funchal saindo a Doca. Margarida perdera-se atrás de uma pilha de fardos. Queria gritar e não podia, a gaivota veio e levou-lhe um bocado de cabelo. Tropeçou noutros fardos: COTTON-CHECKS." (NEMÉSIO,1988:254).

No sonho, evidencia-se a presença da gaivota e da andorinha, que, "como aves, são geralmente símbolos de liberdade. A gaivota é associada à liberdade e ao mar. Mas ela também é uma ave caçadora e agressiva. A andorinha não pousa nunca em terra. Por isso é considerada isenta de sujeira". Também destaca-se a presença da freira que "pode ser associada ao futuro de Margarida, de solitária. Ela não encontrará o par de seus sonhos. Se a freira lhe diz Fuja! Fuja! Talvez seja para alertá-la que seu futuro será sombrio e que se ela puder, deverá voar para

longe, libertar-se como as aves, fugir daquele ambiente que é sombrio e prisão”[90].

Assim, o cenário do pesadelo e o que nele sucede coloca-se, com nitidez, em oposição às expectativas de libertação da protagonista, bem como seu desejo de encontrar o companheiro ideal. No sonho, seu destino, em vez de um lugar possível de realização de seu anseio por realização pessoal (figurativizado por “América” e “Londres”), é transfigurado de modo grotesco, tornando-se o “nada”, ou seja, a travessia de formação fracassada.

O pesadelo remete à estampa do bordado, pois ambos apresentam sugestão análoga de fracasso, de caminho truncado, apesar de toda a esperança de evasão havida, o que torna mais intensa a sensação de enclausuramento, de açorianidade.

[90] Conforme um comentário de Garcez (2014) acerca dessa passagem.

4.2. A AUDAZ NAVEGANTE

Neste recorte, analisamos uma vivência aventureira por que passa Margarida. Trata-se de uma ousada travessia marítima, em que ela, corajosa, se arrisca na tentativa de livrar seu tio Roberto de uma situação de perigo. Em *Mau Tempo no Canal*, essa aprendizagem é narrada no capítulo de sugestivo título *Barcarola*[91].

Na manhã desse dia extraordinário, Margarida encontra-se no interior do espaço doméstico, agindo de forma costumeira, revelando-se capaz de coordenar tarefas para o andamento eficiente do lar e sendo a filha atenciosa de sempre, apesar de seu pai continuar emocionalmente distante dela:

> Diogo Dulmo engolira uma chávena de chá à pressa para apanhar na Madalena a primeira lancha da manhã. Margarida insistira com o pai para que comesse alguma coisa: pão com manteiga, um bocado de linguiça com ovos (era o costume); e, gracejando com Mariana, que não atinava a acender um único "palhito" da caixa meio molhada, debaixo de uma pira de urze, soprou ela mesma o lume, com todo o fôlego, até ficar com as faces em chama, a ver se aquecia a banha na sertã antes de o pai se aprontar. Mas Diogo Dulmo, prendendo a corrente do relógio, só trincou um resto de scones e partiu. (NEMÉSIO, 1988:303)

A ordenação tradicional em que a sociedade do arquipélago estrutura-se parece inabalável neste momento, bem como os planos de Diogo Dulmo para a salvação econômica da família, com

---

[91] Conforme Moniz (1996), "Barcarola é uma composição poético-musical que canta o mar e/ou a viagem marítima (...). O título do capítulo XXIX, "Barcarola", confere, pois, um significado poético-musical à aventura de Margarida no canal das ilhas centrais, entre o Pico e S. Jorge.

a ocorrência do casamento da filha com o abastado tio Roberto. A própria descrição dessa manhã parece sugestiva do caráter rotineiro desse dia:

> A manhã corria incolor nas coisas da casa e no céu; o vento, sobre a madrugada, descaíra um pouco a sueste; e o mar, levemente enrugado contra os cachopos da costa, seguia largo e acinzentado ao norte do Canal (NEMÉSIO, 1988:303)

Margarida age, até então, de acordo com o que se espera de uma personagem feminina de sua época, classe social e idade:

> Margarida folheava um álbum de modelos de malha que Daisy lhe tinha emprestado, quando sentiu um estampido ecoar para os lados da Candelária (NEMÉSIO, 1988:303).

Ela parece devidamente enquadrada e à vontade no papel feminino que a sociedade da época reservava às mulheres. Conforme Perrot (2005),

> O século 19 distinguiu claramente as esferas, pública e privada, cujo agenciamento condiciona o equilíbrio geral. (...) Grosso modo, o mundo público, sobretudo econômico e político, é destinado aos homens e é o mundo que conta. Esta definição dos papéis, (...), traduziu-se por uma retirada das mulheres de certos locais. (...) A cidade do século 19 é um espaço sexuado. As mulheres inscrevem-se nele como ornamentos, estritamente disciplinadas pela moda, que codifica suas aparências, roupas e cuidados, principalmente para as mulheres burguesas, cujo lazer ostentatório tem como função significar a fortuna e posição de seu marido (pág. 34).

Ainda durante a manhã, advém o imprevisto e o ambiente tranquilo, de repente, transforma-se numa movimentação alvoroçada. Ocorre uma ação coletiva de oposição às regras

estabelecidas pelo poder econômico e político local e os trabalhadores do mar se lançam à caça à baleia:

> Pensou em voz alta: "É o bombão." Mas, reconsiderando, disse de si para si: "O bombão não pode ser. As canoas estão arrestadas; não se pode entrar no barracão. (...) Mas ouviu-se outra vez um forte bufo de pólvora, e o bombão nítido, seco, rebentar dali a dois ou três segundos em direcção à Espalamaca. (...)
> Seria possível?... Abrindo a vidraça, interrogou ansiosamente as casinhas da povoação. (...) Mas de repente abriu-se uma meia porta, outra, e outra, e homens e mulheres a correr encheram num abrir e fechar de olhos os visos e as canadas.
> - Baleia à vista! Baleia à vista!... (NEMÉSIO, 1988:303)

Margarida logo compreende que tem início um verdadeiro "levante" dos baleeiros:

> Não havia dúvida: era o sinal de há um século, o bombão do vigia e a fogueira do Pico do Calado. O varadoiro não tardaria negro de gente - o pacato mas decidido povinho da Areia Larga a São Mateus, simples ramo das três cordinhas de povos que abraçam o Pico à roda, como a Judeia, a Galileia e a Samaria repartem as passadas nazarenas. Gente alentada, singela, de falas e gestos mansos, mas cega a tudo e a todos à voz de baleia! baleia! (NEMÉSIO, 1988: 304)

Ela se mostra preocupada com as consequências da "contravenção" (os baleeiros corriam às canoas que o juiz da Horta havia apreendido, em consequência da falência econômica da firma Clark, dirigida por Diogo Dulmo), pois sabe que o ônus recairia sobre os trabalhadores humildes, impedidos de pescar em razão dos obscuros combates comerciais protagonizados pelos poderosos da terra, que rivalizavam em seus negócios. Margarida tem consciência de que os nativos, que tinham a caça à baleia como meio de subsistência há séculos, iriam desobedecer ao mandado, pois estavam "cegos", sobretudo pelo fato de que essa

atividade consistia em fonte significativa de sobrevivência da população pobre do arquipélago:

> - (...) Vêm arrumados; é cardume. Dévim ter passado ò alcance do vigia do Salão... Se calhar, os botes do Cais já lá lê vão no incaico! Aquilho são uns sobejos, aqueles gavinas...! Ai! qu'os nossos na chêgum a tempo!... Qu'é do meu home?
> - Vossemecê está doida!? Então não sabe que o juiz já mandou fazer o arresto e que as canoas não podem sair?!
> - Antão a gente há-de deixar perder úa riqueza daquelas?...
> Há meses qu'o meu na tranca úa baleia! Não há peixe de caldo... Se na fôssim as lanchas da lenha e o lambique do figo, timos passado fome!
> - Tenham paciência... É só mais uns dias. O senhor doutor juiz prometeu ao senhor Mateus Dulmo que ia anular a sentença. Graças a Deus, temos com que pagar as nossas dívidas! Mas, enquanto o juiz não der ordem, ninguém se pode chegar para a porta do barracão. São coisas muito sérias! Querem-se desgraçar? (NEMÉSIO, 1988: 305)

A jovem, neste momento, também se mostra preocupada com o paradeiro de seu tio, que voltaria à Hora de lancha ou à vela. Seu desejo de saber se tudo está bem com Roberto, leva-a a acompanhar aquele grupo de pessoas simples, que se dirige para o local onde estão guardadas as embarcações interditadas pela lei. Dá-se, então, a partida de Roberto, tentando conter o "desvario" dos baleeiros, que estão se apropriando dos meios de transporte:

> - Uma destas! - murmurava Roberto fitando a esteira da canoa, como se não desse ouvidos à calma do pescador.
> - Êls vão mais é varar os botes à' Velas, prós livrar da pinhora... - disse o velhote coxo, o do caneco de água, compondo a correia a uma albarca. - Pudera!... Fázi êls bem! Quérim tirar o pão a quem no ganha cum suor... Vão roibar pra úa istrada!
> Roberto deitou uns olhos de censura e de pasmo ao velho. Depois, como não havia tempo a perder, e

> descobrindo a lanchinha do Granel amarrada de proa por um nó de tomadoiro a um canhão meio enterrado, de poita pendente de um cabo no carreto de popa, atingiu rapidamente o pequeno cais do varadoiro, puxou a corda, saltou para a lancha, que guinou sobre um bordo como uma casquinha de noz, e, dando à manivela do motorzinho de reserva - tep, tep -, fez rumo aos fugitivos. (NEMÉSIO, 1988:307)

Nesse momento do roteiro de formação de Margarida uma evidência, sugerida por sua vestimenta, sugere que ela não ficará resignada a um papel passivo no desenrolar dos acontecimentos. De fato, logo ela se mostra firmemente decidida a livrar o tio de possíveis perigos, ocorrendo uma inversão de papéis tradicionais:

> Entretanto, Margarida, abafada num casaco de malha, surgira dos lados de Campo Raso; e, saltando de calhau em calhau, bradava pelo tio, procurando alcançá-lo:
> - Róbert! Róbert!... Espere aí! Tio!... (Oh, meu Deus! Mas estão todos doidos...)
> - A menina sessegue! Olhe qu'isso escorrega... O sinhor inglês, tamém, escusava inquietar-se por via d'ua coisa à toa... Êls na vão munto longe.
> - Não quero saber!... É preciso trazê-los para terra, custe o que custar! Deite-me um barco ao mar! Vou lá e trago-os... tenho a certeza que os trago! O João da Cezilha não me desobedece... Tiraram-lhe o juízo... Róbert! Róbert!... (NEMÉSIO, 1988: 307)

Não lhe falta coragem para a empreitada, mas os meios para tanto. Margarida adentra precária embarcação conduzida por ti Amaro, nesse momento, ela não é apenas emoção, pois o plano que comunica ao experiente baleeiro é razoável, inclusive na previsão das consequências que aquela "insurreição" traria para os humildes trabalhadores:

> - Dê-me a sua mão, ti Amaro! - disse Margarida, afoita, arregaçando a saia.

> - Pràdonde?! A menina perdoe-me, p'amor-Dês!, mais a menina na stá im sê juízo...!
> - O João é que perdeu a cabeça!, não fui eu... Já que não faz o que lhe mandam, quero ir ter com meu tio! Salto para a lancha. Vamos para Porto Pim! Ao menos, do Pasteleiro não se vêem as grades da cadeia, quando vossemecês vierem de rota batida à frente do patrão-mor, como os contrabandistas!... É o que vale! Vamos lá... Dê-me a mão! (NEMÉSIO, 1988: 308)

Ti Amaro está "dividido entre a solicitude para com Margarida e o imperativo categórico da paixão do ofício e da solidariedade de classe" (conforme Moniz, 1996). Mas, pelo respeito que tem pela jovem, cede à lógica veemente de Margarida, Assim, torna-se verossímil a participação da jovem na aventura junto aos baleeiros. Eles em busca de uma "riqueza" que lhes garantia sua sobrevivência por algum tempo, ela em busca do seu tio Roberto, sem o qual seus planos de realização pessoal não seriam possíveis:

> Então o velho, já agarrado ao alcatrate de popa logo que a canoa acuou, e encarando Margarida, tanto quanto lho permitia a posição, com um misto de estranheza melindrada e o ar de quem vai ao canto da sereia, deixou-se escorregar, de pantalonas arreadas até acima do joelho; e, abraçando-a pela cintura, um pouco derreado, estendeu-a nos braços, como um trofeu, aos pulsos do João da Cezilha, saltando a borda após ela (NEMÉSIO, 1988:309).

Margarida une-se ao ancião. Ti Amaro, "com um misto de estranheza melindrada e o ar de quem cai ao encontro da sereia" (NEMÉSIO, 1998:309) cede ao apelo da fidalga e ambos empreendem uma parceria inusitada, ele demonstrando vitalidade juvenil:

> A manobra, apesar da segurança daquele pontal de cachopos, tivera de fazer-se depressa e aproveitando bem a impa da maré. Mas o velho, decidido e firme, não obstante a corrida e os seus quase oitenta anos, saíra-se do lance com o desempeno de um rapaz. Leve como uma pena, Margarida alcançara o frade de popa, por trás do lugar do mestre. Os baleeiros, metendo os remos aos raloques, deram o primeiro empuxão. (NEMÉSIO, 1988:309)

Na barca, Margarida, decidida, orienta as ações dos marinheiros e Ti Amaro, acolhe as sugestões da jovem, instigando, por sua vez, seus auxiliares a procederem em conformidade com o que ela diz:

> - Caça essa vela, João! Olha que o tio não nos alcança... Ai, meu Deus!
> Ti Amaro, apesar de já ter posto o pé no lagaiéte e de ter na testa os vincos de baleia à vista!, ainda se virou para dizer:
> - Não oives a menina, João? Poi' não era milhor dar um cabo de reboque a essa lancha que vem atrás?...
> Mas o João da Cezilha, entusiasmado com a manobra, deixava correr. A canoa ia quase à bolina arrasada, e a lancha, embora cada vez mais recuada, parecia andar bem. (NEMÉSIO, 1988:310)

De acordo com Moniz (1996), a empresa a que se lança não é fácil para Margarida, "porque voltada contra o tempo e os preconceitos de uma tradição cultural que segrega os papéis e as funções do homem e da mulher, resistências profundas difíceis de vencer". Mas ela é persistente e determinada. De repente, revela-se uma legítima descendente do capitão Fernão Dulmo. Há identidade entre ela e tudo o que ocorre naquela pequena embarcação, conduzida por pessoas muito simples e valorosas, o ti Amaro e João da Cezilha. Ela deixar-se levar em busca de seu objetivo, assim como deve ter ocorrido com o seu antepassado navegante deve ter-se deixado conduzir em sua demanda à ilha perdida:

> Sentada no banco do mestre de uma baleeira do Pico, de costas para Campo Raso, Margarida ia talvez na nau do capitão Fernão Dulmo, o seu tetravô flamengo,

> aproada ao mormaço e ao fantasma de uma terra suposta, para a banda das Ilhas da Fortuna (...) (NEMÉSIO, 1988: 310)

Conforme Moniz (1996), Margarida encontra-se, nesse momento, "perdida no mundo da memória e do imaginário, o perigo real do tio (...) pareceu-lhe longínquo". Seu percurso náutico é também uma travessia no tempo e no espaço psicológico. Ela lança-se por completo naquela aventura, para o que der e vier, pois, no meio marítimo, ela sente-se integrada a elementos característicos de seu arquipélago natal (o clima, a fauna, a flora).

A presença de um arco-íris parece o prenúncio de que tudo encaminha-se para um desenlace feliz dos acontecimentos. Parece certo seu encontro com o tio:

> Vinha de terra um cheirinho a figueira e a bafo de lava quente. E como um belo arco-íris, armado para os lados de São Jorge, arroxeasse o horizonte, o João da Cezilha, voltando-se para Margarida com cara de criança apanhada de boca na botija, disse manhosamente:
> - Ha... menina Bidinha! Olha o arco-da-velha... A menina estreia-se cum sorte! (...)
> "Na s'afreime...! O sinhor Robertinho tá caise a chigar à feia... A menina vai aqui a desbancar!... Vai mais a gente... (NEMÉSIO, 1988:310)

Margarida, naquela embarcação, sente-se como se vivesse uma história fictícia, análoga as ouvidas na infância, protagonizada por seu antepassado heroico. Por breves instantes, a jovem evade-se para esse domínio lendário e infantil, distanciando-se da situação conflituosa por que passava no momento:

> Semelhante voz, ouvida naquela canoa comprada com dinheiro dos seus, naquele mar verde e belo que parecia o quintal da sua casa, solta por aquele homem agigantado e peludo e apesar disso dócil como um menino ou como um pescador de Tiberíade, soava-lhe lá dentro de outro mundo, do fim da memória e da vida, como se Maria das Angústias ou a Mariana do Pico cantassem para a adormecer. E o tio Roberto, perdido naquela lanchinha ronceira, que já mal se avistava, pareceu-lhe recuado aos tempos em que uma carta de Londres, com selo de Jorge V, os punha lá em casa à espera dele. Sentada no banco do mestre de uma baleeira do Pico, de costas para Campo Raso, Margarida ia talvez na nau do capitão Fernão Dulmo, o seu tetravô flamengo, aproada ao mormaço e ao fantasma de uma terra suposta, para a banda das ilhas da Fortuna... E o tio Roberto, com o seu cachimbo aceso - à ré, na ponte de outra... (NEMÉSIO, 1988:311)

Simplesmente deixando-se levar, como que entregue a uma paixão, Margarida entretém-se com lembranças que vão livremente irrompendo em sua interioridade naquela aprendizagem náutica:

> A baleeira da frente seguia cega na cola do cardume invisível. Os homens do João da Cezilha, com o ti Amaro à proa, já em atitudes de discóbolo, dobravam a força da vela remando como forçados. Na lembrança de Margarida projectou-se então, como num filme, a noite do ciclone, o capote do pai rondando o muro da quinta, a leitura da carta de Inglaterra à luz do velho candeeiro de petróleo, o tio Roberto que vinha aí... Depois, os seus projectos de transformação dos móveis e bibelots do Granel para instalar o hóspede... a campainha que tocara lá em baixo... a chuva a potes nas orelhas da jóia parada... ninguém... depois o pai e o navio do Typhoon quase a soçobrar nos mares da China... (NEMÉSIO, 1988:311)

Aparentemente a previsão afortunada, assinalada pelo "arco da velha", está quase a cumprir-se. A embarcação em que se encontra aproxima-se de seu lar, cujas referências familiares bem reconhece:

> Já se devia ver o telhado do Granel, distinguir as janelas... E, caindo mais em si, Margarida recordou a regra de referência daquela travessia, tão familiar desde a infância que se sentia quase capaz de tentá-la sozinha, a nado ou em side-board: "Da Horta para a Madalena: igreja da Praia do Almoxarife à vista... Espalamaca fora... - meio Canal passado. Da Madalena para a Horta: reja da Praia do Almoxarife encoberta pela Espalamaca a estibordo... - meio Canal à proa." (NEMÉSIO, 1988:311)

No entanto, a tentativa de Roberto de modernizar a estrutura antiquada de uma lancha familiar não surtira efeito. A situação de risco em que seu tio se encontra, com sua lancha paralisada, tira bruscamente Margarida de seus devaneios de navegadora estreante:

> Mas, afirmando-se bem, vendo as rochas da Ribeirinha e da Parede azuladas e nuas longe, à popa da canoa, Margarida deu um salto brusco no banco, virou-se para trás. A lancha do tio Roberto, a meio do Canal, não se mexia. O motorzinho adaptado à embarcação de recreio do tempo da avó Margarida Terra parara agora de vez (NEMÉSIO, 1988:311).

Não é apenas esse obstáculo que Margarida irá experimentar. Em sua travessia de formação, um conflito mais crucial está surgindo com força nesse momento, representado como um desvio de rota provocado pelo surgimento de uma baleia:

> Vendo a golfada de um grande cachalote perto, o João da Cezilha meteu à antegalha, arriou a vela e o mastro, que emechava de dobradice, e empunhou o remo de esparrela. Os baleeiros, encaixando os remos longos no fundo da canoa, armaram as seis pás. E, sem pinga de sangue, contendo o fôlego, como uma quadrilha de

> gangsters à beira de um golpe desesperado, aproximaram-se do Leviatã (1988:311-312).

O desvio dessa rota configura-se como uma nota irônica na travessia de Margarida [92].

[92] No item “Noviciado de Margarida”, analisa-se as consequências desse desvio.

4.3. APRENDIZADO DE COMPARTILHAMENTO

Um momento decisivo do percurso existencial de Margarida ocorre quando ela, separada do conhecido mundo familiar, vive a aventura mais arriscada de seu roteiro de formação, participando da caça a uma baleia e, em seguida, convivendo com baleeiros do Pico.

Trata-se de uma experiência surpreendente, considerando seu gênero e condição social, em que ela, integrada a um grupo de dezessete marinheiros, pernoita numa furna:

> --- Não, ti Amaro!, não! Faz-se tarde... vossemecês vêm cansados... disse Margarida. (...) Fico com vossemecês. Escurecera de todo. (...) só do lado do mar um vago clarão de águas e de estrelas amparava esses dezasseis homens acolhidos com uma mulher e duas canoas àquele canto do mundo, para onde os tinham rebocado com a sua força pelágica cetáceos nascidos antes de haver fôlego vivo em todas as ilhas de oeste (NEMÉSIO, 1988:318)

Bastaria ela ter pedido e eles encontrariam um espaço mais adequado para ela, mas ela preferiu assim e, nesse momento de sua trajetória formativa, conhece, por experiência própria, as condições precárias por que passavam costumeiramente os trabalhadores da empresa baleeira de sua família:

> Os baleeiros tinham acendido fogueiras de urzela e cana seca à entrada da furna. Era uma única cavidade aberta numa assentada de rocha que ia morrendo para o interior e cobrindo-se de estratos traquíticos acavalados uns nos outros, seguros por plantas rastiças - canaviais, bacelo - e formando escaleiras naturais. Mas, a meio da abóbada, um desabamento qualquer formara uma espécie de pano interrompido por buracos, fendas, montões de lava de modo que parecia a cava de um

> prédio fantástico, com tecto de forno de pão, aproveitada com um biombo de entulho para habitação cavernícola. No chão havia algumas pedras soltas, restos de ossada de baleia, penugens de cagarra e uma fímbria de avencas delicadas que tremeluziam à vaga claridade do mar.
> Os remadores tinham-se agrupado instintivamente por companhas, e, de cócoras, com os abeiros derrubados, abriam as sacas do pão trazidas das canoas. Alguns levantavam-se para ir buscar mais lenha. O ti Amaro de Mirateca, o João da Cezilha e o Intavante vigiavam as fogueiras. Alguns pares de calças e frocas molhadas da água salgada secavam enfiadas numa cana (NEMÉSIO, 1988:318).

Conhece também a gentileza sem rodeios daqueles homens rudes, que sabem extrair da pesca a sua sobrevivência, dos quais sobressai o velho ti Amaro:

> Da rede pesada da areia saltaram três peixinhos com todas as cores do arco-íris.
> --- Olha, verdugos!
> --- Asso-se prà menina --- disse ti Amaro. --- A menina nã gosta de verdugos? São as codernizes do mar... (NEMÉSIO, 1988:319)

Margarida, sem dengo ou melindre, mostra boa disposição para compartilhar a refeição feita de peixes de sua terra, mais do que isso incumbe-se do preparo da alimentação, assumindo uma função humilde, e também se ocupa de que seja feita uma distribuição igualitária:

> --- Então não gosto...! --- E, pegando no saco da rede, encostando a serpente cega do anel a uma guelra sangrenta e brilhante: --- Deixem cá ver isso tudo! Quem assa o peixe sou eu! Tanto rabinho a mexer!... É pouco... Dá um a cada um... contentam-se todos...
> --- Agora a menina, a mexer nisso!...
> --- Pois claro! Então não sou a única mulher do rancho?! Havia de estar para aqui de braços cruzados, feita uma princesa, e vossemecês a assar o peixe?!... (NEMÉSIO, 1988:319)

Margarida vive uma experiência de rebaixamento, o envolvimento de uma senhora numa atividade subalterna, que, no entanto, a eleva:

> --- Hã? Ti João... Adonde é que vossemecê oiviu dezes qu'os picarotos havero de varar im Sã Jorge co ua sinhora do Faial...?! --- disse um remador de São Mateus (...), embabascado no vulto de Margarida virada aos verdugos e de cabelo lavrado pelo clarão da fogueira.
> --- Causos destes é que o ti Amaro nã conta, lá do Oeste Negrão... --- disse outro. (NEMÉSIO, 1988:320).

Aos olhos dos trabalhadores do mar, o agir de Margarida é análogo a feitos extraordinário presentes nos contos de pescadores. Fatos ou lendas que, na linguagem peculiar dos Açores, Margarida ouve junto aos marinheiros, enquanto todos se aquecem em torno de uma fogueira:

> --- Deixe lá, ti Amaro! --- disse Margarida abrindo os largos dentes num riso (...), --- Nunca rezei na vida ao meu anjo-da-guarda com tanta alegria como aqui nesta furna, ao pé de vossemecês! (...) Mas oiça lá! Então eu hei-de ficar aqui neste salão sozinha, e vossemecês todos a uma banda, como sardinha numa barrica!? Dezasseis homens... estafados de uma travessia dessas... a dormir por cima uns dos outros! (NEMÉSIO, 1988:321)

A divisão da caverna, para enfim descansarem, é feita pelo ancião. De um lado "a malta" acomoda-se. De outro, Margarida, a quem apraz a companhia do rústico ancião :

> Ti Amaro foi buscar atrás de uma pedra a sua lanterna de furta-fogo, petiscou lume e pousou-a num rebordo da bancada de lava reservada a Margarida:
> - S'a menina tem medo de ficar aqui sozinha, eu ajeito-me ali da band' de fora da furna. É só chomar... Tem aí luz... a lanterna tem pingo... Tem palhitos...
> - Não tenho medo, ti Amaro!, mas fique aqui... Durma aqui ao pé de mim... neste vão. Traga mais palha!

> E, tirando um a um os ganchos da cabeça, que ia dispondo em cima do tejadilho da lanterna, começou a compor o cabelo, libertando-se do par de injarrobas que, desde meio Canal de São Jorge, lhe tapavam os sapatos e as meias até rente aos joelhos. (NEMÉSIO, 1988: 322)

Esse aprendizado diz respeito à ruptura de Margarida com o ambiente doméstico, também em termos de mentalidade, pois esse contato com os baleeiros amplia sua visão de mundo. Agora são fortes os elos que a une aos pescadores, sobretudo após ter compartilhado com eles, em frágil embarcação, a aventura da caça à baleia:

> A família, a Horta, Campo Raso, a Pedra da Burra, tudo ficava para lá daquele silêncio mortal feito de repente na canoa; daquele grito de coragem soprado em surdina aos seis homens - *Pulaiéte*! *Pulaiéte*!... - e logo a muralha de carne escorregadia e lustrosa coroada do jacto intermitente, como o respiráculo tremendo de um vulcão ambulante e animado. "Isso... isso!, alma de picaroto! Agora!... Chega-te ò ampo! Tranca-a já!"
> Um grande fragor abalara as águas vergastadas por uma cauda medonha; vira-se um corpo fantástico descer ao fundo do mar como um cruzador torpedeado. Depois, aninhada e a tremer no fundo da canoa, com as mãos nos ouvidos como se se preparasse para assistir a uma batalha naval, Margarida só vira levantar-se um fumozinho dourado da linha girando no choque, correndo nos mitenes de sola que abraçavam a mão do ti Amaro, desfazendo laças da selha colada à proa, onde jazia acamada e tornada a acamar como um queijo de forma de São Jorge ou uma grande rosquilha de bodo NEMÉSIO, 1988:322).

Testemunha o momento dramático da caça, submetida fatalmente à experiência daqueles homens acostumados a vencer tal batalha:

> Os homens encamiçavam-se despejando baldes de água nas braçadas da linha desdobrada, para a não deixar arder; um remador, de facalhão nas unhas, preparava-se para cortar aquele cordão umbilical da vida ou da

> morte, à primeira coca ou excesso de fundura tomado pelo monstro na agonia; a canoa, fina e aguda na água, com as pazinhas aladas como uma vespa suspensa, vogava coroada por grandes salseiros
> de espuma, de popa quase no céu. (NEMÉSIO, 1988:323)

O percurso traçado pela baleia arrastou Margarida àquele lugar, após terem vagueado por outras partes do arquipélago. Um roteiro conhecido pelos baleeiros, mas que, considerando-se a travessia existencial de Margarida, assume um significado mais dramático, pois ela própria, presa à rede de intrigas que tecia seu destino, acabaria por se tornar esposa de André Barreto, caracterizado, ao longo do enunciado, como um caçador de aves[93], sendo assim, seu percurso de formação acabaria truncado e o anseio de libertação falhado:

> Assim Margarida atravessara, transida, mais de meio Canal de São Jorge, vendo voar a estibordo as últimas aparências nítidas de terra conhecida: Cais do Mourato... Porto Cachorro... Ponta Cabrita... Ponta Queimada... Depois, a bombordo e como que em sentido contrário, as primeiras formas acusadas daquela ilha alheia, que algum baleeiro apontava com um rápido sinal de queixo: Ponta dos Rosais... Rosalina... Ponta do Trigo... Enfim: aquele grande lago de sangue que enodoava a água e ia invadindo tudo: mãos, homens, canoa, o monstro e o mar, e que lhe entrava pelos olhos dentro como se visse de repente golfar o coração de tudo o que tinha amado no mundo (NEMÉSIO, 1988:322-323).

Nesse momento de seu percurso, Margarida relaciona-se com os baleeiros, de forma respeitosa, mas também íntima:

> O ti Amaro de Mirateca, ajeitando discretamente o seu molho de maravalhas contra um canto da furna,

[93] "Mas soou outro tiro, e o pombo ferido, desasado, foi cair a um juncal. Caminhando (...), João Garcia descobriu um vulto de caçador que, misteriosamente surgido do lado das falhas da rocha, saltara um lanço de muro derrubado. ---- Você, Barreto?!..." (NEMÉSIO, 1988:243-244).

> acomodara-se e dormia, de nariz e barba ao céu. O silêncio que fechava uma vaga... Depois, do outro lado, um ruído seco, timpânico, cortou o ressonar dos baleeiros. Ouviu-se uma voz acordada do fundo da morrinha:
> - Quem foi que deu um peido?!
> - Sssch... Tómim vergonha, pedaço de malcriados! Na têm respeito à menina!... (NEMÉSIO, 1998:323)

O abalo e o cansaço da aventura não a impedem, entretanto, de um entendimento refletido de que seu destino, apesar dos aspectos originais de sua travessia, começava a ser selado de acordo com um roteiro estereotipado:

> Só então Margarida se deu conta de que estava deitada na caverna de uma ilha que parecia deserta, embrulhada no pano de uma vela, no meio de homens a quem o sono e o cansaço tinham devolvido o instinto e o bruto calor da natureza. Passaram-lhe pela cabeça imagens de outros homens: o Álvaro de Bettencourt... o Cerejo, aspirante do navio-escola *Sagres*... o Dr. António Lopes, que a levara quase pelo ar em pleno *cotillon* do Real Clube Faialense... enfim, João Garcia beijando-lhe a serpente do anel e André Barreto dizendo-lhe ao luar da estrada da Caldeira: "Não gosto de a ver assim triste..." Tantos... tantos cavaleiros andantes da sua mocidade embrulhada no sudário de uma vela! (NEMÉSIO, 1988:323).

4.4 "Noviciado" de Margarida

Conforme Morgan (1972),

> The novel of apprenticeship is admirably suited to express the emergence of women from cultural conditioning into struggle with institutional forces, their progress toward the goal of full personhood, and the effort to restructure their lives and society according to their own vision of meaning and right living (pág. 185)

Ao analisarmos o percurso existencial de Margarida, cada vez mais confirmamos em *Mau Tempo no Canal* a presença da característica do *Bildungsroman* mencionada acima. No romance de Vitorino Nemésio, ao lado de outros temas, evidencia-se uma denúncia acerca da posição social inferior da mulher e as repercussões na interioridade da personagem principal derivadas dessa situação. No livro, retrata-se o confronto de duas ideologias antagônicas: uma que restringe a mulher exclusivamente à esfera familiar e permite sua realização pessoal apenas nos papéis de filha, esposa e mãe; outra que amplia seu espaço de participação na sociedade, com sua integração no mercado de trabalho, em atividades que a realizem pessoalmente e propiciem independência econômica.

Neste recorte, buscamos analisar o primeiro momento da estada de Margarida no domicílio dos barões da Urzelina, a fim de acompanhar seu processo de amadurecimento num domínio distante de seu lar, da proteção das "torrinhas", afastada de seus familiares e longe do contexto mais cosmopolita de sua ilha natal.

Pode-se notar, desde o primeiro contato da hóspede com seus anfitriões, o estabelecimento de uma relação marcada por um conflito irredutível entre dois modos divergentes de ver o mundo: conservador e elitista x progressista e mais igualitário. A primeira ocorrência dessa oposição se evidencia na aversão que o Barão da Urzelina demonstra sentir por Margarida enquanto ela encontra-se travestida numa figura virilizada e picaresca, envergando traje típico de pessoas socialmente desfavorecidas: "aquelas botas e aquela sueira de pescador áspera e malcheirosa" (NEMÉSIO, 1988, pág. 328).

Considerando-se o conjunto de valores do aristocrata, pode-se afirmar que seu desprezo diz respeito, sobretudo, ao envolvimento de Margarida com pessoas pertencentes a um grupo social inferior. Ao analisarmos a fala do barão, no momento em que designa pejorativamente o episódio vivido por Margarida com os baleeiros como "uma sarrafusca daquelas" (NEMÉSIO, 1988, pág. 328), observamos que a palavra provém do campo semântico da "sublevação", o que nos permite inferir acerca de seu receio de advir uma mudança que ameace sua posição privilegiada, fundada num regime quase feudal. Assim, a chegada de Margarida vestida de baleeiro assusta-o e à baronesa porque porta a perigosa mensagem da possibilidade de uma inversão radical da ordem social, como a que estava ocorrendo em alguns países da Europa na época:

> Marido e mulher entreolharam-se. Ainda não estavam refeitos daquela pedra de escândalo lançada aos fundões do seu sossego. Nos seus rostos fechados por mais de sessenta anos de pasmo e de sopas de leite, à vista dos perfis vulcânicos das ilhas do Pico e do Faial, luziam olhares desconfiados, que se separavam lentamente para procurarem no vulto de Margarida uma confirmação ou um desmentido" (NEMÉSIO, 1988:328).

Esse choque de mentalidades impede, portanto, uma aproximação verdadeira da hóspede com o casal de barões. Quando Margarida confidencia o motivo de ter se arriscado na travessia da barca, sua anfitriã, embora maternal, demonstra uma mentalidade elitista, muito distanciada da perspectiva de mundo de Margarida:

> Era na ânsia de apanhar o tio Roberto... evitar que ele fizesse algum disparate. Ele é muito pacato, mas em o fazendo passar lá as suas medidas é terrível!, não olha a nada. E eu o que queria era servir-me da canoa para passar para a lancha. A dois passos uma da outra... Quem é que podia adivinhar que o motor parava e que a baleia havia de resfolgar ali à vista e tirar o juízo à campanha?!... (...) --- Então... A menina não teve culpa. Os homens da canoa é que precisavam de uma ensinadela mestra! Largarem-se assim com uma senhora para o meio do Canal, quase à força!... (NEMÉSIO, 1988, pág. 327)

É sobretudo a divergência de mentalidades entre os barões e Margarida o que determina um acolhimento conflituoso deles à jovem, porque parte fundamental da identidade dela, que diz respeito ao modo como ela enxerga a sociedade, está em choque com a dos barões de Urzelina. Segundo Greimas, há um princípio polêmico, em que repousa a organização narrativa, que diz respeito ao fato de que, no imaginário humano, concebe-se a atividade humana sob a forma de defrontações e que

> o reconhecimento (...) desse tipo de estruturas, permite-nos articular e formular (...) a problemática mais geral (...) no interior da qual se opõem duas concepções quase inconciliáveis de sociabilidade: a vida social, enquanto luta (de classes) e competição, e a sociedadefundada na troca e coesão social". (GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica. São Paulo: Editora Cultrix, 1979, pág. 340, 341)*

Margarida, ao contrário dos barões, almeja por essa sociedade "fundada na troca e coesão social", como se pode perceber em diversos exemplos do romance em que ela parte para uma aproximação com o *outro* social, como o que ocorre no seu gesto de solidariedade com a sorte dos baleeiros. Cabe realçar que sua ideologia, não é oriunda de livros, e, sim de sua experiência de vida, na convivência estreita que tivera com eles momentos antes, compartilhando, inclusive, do mesmo sentimento assolador que eles experimentam costumeiramente durante o exercício profissional da caça à baleia:

> --- Coitados! Não foi por mal; foi aquela cegueira da baleia... Eu é que não devia ter saltado para a canoa, sabendo eles como são. Muito serviçais, muito respeitadores, mas, em sentindo o bimbão, já não escutam ninguém. (NEMÉSIO, 1988:327)

Na doação de hospedagem dos barões, Margarida reencontra traços de hostilidade que lhe são familiares: a mesma restrição presente em seu lar paterno quanto à expectativa do papel tradicional que a mulher deveria assumir na sociedade. Esse aspecto ambíguo da hospitalidade oferecida à Margarida, é evidenciado na pesquisa de Lopes (2009):

> A mesma casa que lhe trouxe "os valores positivos de proteção" (BACHELARD, 2005, P. 35) lhe conduz aos rituais e ensinamentos de uma vida adulta, sobretudo no que diz respeito aos hábitos e comportamentos, a inicia no universo restrito dos barões, no espaço físico e social em que eles se movimentam, em que Margarida acabará, também, por movimentar-se. (pág. 127)

Visando a uma integração de Margarida àquele lar, os barões procurarão adaptá-la ao seu mundo, à lei dos Barretos. No

primeiro momento da estada de Margarida na casa dos barões da Urzelina, portanto, pode-se observar o trabalho da baronesa em ajustar os valores da "menina dona Margarida da Terra Clark Dulmo, ilustre tataraneta do capitão Fernão Dulmo, fidalgo da casa do Infante D. Henrique senhor destas ilhas todas (NEMÉSIO, 1988, pág. 329)" aos valores dos Barretos, para que ela possa, mais tarde, exercer o único papel que consideram cabível a alguém de tão alta linhagem: a de noiva de um rapaz de família abastada. Através de um gesto simbólico, o da oferta de uma vestimenta sua, em substituição ao traje dos baleeiros, está implicada a tentativa da baronesa dessa imposição ideológica.

Para Arnold Van Genep (2011), existem ritos que marcam as diversas etapas de separação e de incorporação do indivíduo à sociabilidade, havendo entre tais fases um período liminar que o sujeito percorre para se enquadrar em determinado plano coletivo, período intermediário e temporário de incerteza e crise, em que o indivíduo pode refletir acerca de sua existência na sociedade. Segundo Machado (1998),

> A chegada e permanência de Margarida em S. Jorge, pelos traços a que se revestem, configuram um verdadeiro um verdadeiro rito de passagem, a transição de um estado a outro diferente, em cujos mistérios e verdade se é iniciado. (pág. 399).

Margarida vivencia um momento arquetípico de princesa de conto de fadas, mas de forma irônica, pois está sendo levada a se enquadrar ao papel de esposa de André Barreto. Os gestos e as palavras da baronesa, durante a referida troca de vestimenta, simbolizam o início de um movimento dos mais radicais da *Bildung* da protagonista no que se refere a seu cerceamento existencial.

Nesse "ritual", a baronesa ministra uma aprendizagem tradicional a Margarida, introduzindo-a nos conhecimentos que julga devidos a uma esposa nos moldes daquela família. Em se tratando de oposição de mentalidades, a baronesa de Urzelina não se revela muito diferente de D. Catarina quanto ao que considera importante para a realização feminina na sociedade. Esta, conforme analisamos, ao apontar Álvaro Bittencourt como "príncipe encantado", projetava suas próprias expectativas no roteiro existencial da filha, analogamente ao que faz a baronesa agora ao designar indiretamente à hóspede seu filho André Barreto para marido. A ideia de "príncipe encantado" das duas senhoras evidencia um mesmo estereótipo: o do "bom partido", refletindo a formação deficiente das duas senhoras em ambiente e época caracterizados, sobretudo, pela frivolidade:

> Nem parece senão que foi ontem! Estivemos uns tempos na Horta. O seu tio Saavedra era comandante da *Açor*; namorava a Teresinha. Veio uma esquadra inglesa; houve muitas regatas. Nunca vi tanto marinheiro junto! Eram bailes todas as noites... piqueniques no Pico... chás a bordo... O seu tio Saavedra deu uma recepção na canhoneira *Açor*, e olhe que apesar de pequenina estava bem preparada, com os seus dois canhões a luzir e os marujos formados no convés. A câmara do comandante, que era pouco maior que ali o gabinete, estava cheia de flores e de avencas. A sua mãe e a sua tia Teresinha é que arranjaram a mesa; até os canhões da *Açor* cheiravam a junquilhos! (NEMÉSIO, 1988: 325).

Como já mencionamos, a baronesa da Urzelina, apesar dos interesses ditados pela vaidade de ter uma nora nascida na mais tradicional família açoriana, também apresenta aspectos maternos, o que torna talvez mais dissimulada sua ação sobre Margarida. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2005), no simbolismo da "arca", de onde a senhora retira a roupa para ser

usada, por Margarida, "Yung descobre a imagem do seio materno, do mar que o sol é submerso para renascer", assim, de certa forma, Margarida, ao vestir a roupa tirada da arca da baronesa "renasce" na nova família, para assumir um papel adulto. Segundo Machado (1998),

> o novo espaço abre exatamente com Margarida a experimentar a "vasta camisa" da baronesa, uma mudança, de hábito, que traduz simbolicamente o desprendimento da personagem, a sua separação de um mundo anterior e a preparação para entrar num novo. (pág. 400)

Esse "novo mundo", no entanto, não passa de reprodução do antigo. Na entrada de Margarida no mundo dos barões, está em jogo, do ponto de vista dos Barretos, a domesticação da vitalidade da jovem, que, da perspectiva deles deveria de deixar de ser a audaz "Bidinha" para se integrar ao clã dos Barretos como uma espécie de adereço de luxo. Durante a hospitalidade dos barões, portanto, essa virtude patriarcal e dever cristão revela-se também uma vontade de domínio:

> Mas a suspeita acabava por abrir num luminho lisonjeado, ligeiramente sorna, que se enchia daquela presença com um orgulho imprevisto, como se acabassem de cobrir o seu patrimônio de pastos de uma floração magnífica, brotada de gramíneas caras, oferecidas por um proprietário de gosto e mandadas de muito longe" (NEMÉSIO, 1988:328).

Os dúplices anfitriões ostentam a ela os bens que possuem e a sua prodigalidade para que a jovem se interesse em fazer parte da família dos Barretos:

> Olhe: ainda o ano passado gastámos cinco contos de réis com a viagem deles à Itália. Cinco conto de réis, imagine! Quem havia de dizer a meu pai, o senhor capitão José Urbanino e a outros assim, dos antigos, que havíamos de deitar cinco contos de réis pela mão fora só em passagens e hotéis! Que nós, coitados dos pequenos, fizemos isso com muito gosto... O dinheiro não se fez só para render juros. (...) A avareza é um grande pecado... um pecado mortal!" (NEMÉSIO, 1988:326).

Margarida, no entanto, não se deslumbra com a riqueza, ao contrário, sente-se entristecida, aprisionada naquele domicílio, ansiosa por liberdade. Margarida deseja seguir caminho autônomo, anseio que fica sugerido nesta referência a um fenômeno natural: "calada e de olhos ao nível dos ferrolhos das portadas das janelas, que o vento sacudia às vezes como quem experimenta uma força" (NEMÉSIO, 1988:326).

Examinando-se um pouco mais o papel dos barões na narrativa, pode-se notar que eles exercem sobre Margarida um fazer persuasivo que pode ser considerado como manipulação, auxiliadores no plano do filho de conquista-la como noiva. Já, no percurso de formação de Margarida, exercem a função de oponentes, colaborando para entravar sua via de realização pessoal, o destino que ela deseja para si:

> O papel de auxiliar negativo, quando assumido por um ator diferente do sujeito do fazer, é denominado oponente e corresponde, então – do ponto de vista do sujeito do fazer ---, a um não-poder-fazer individualizado que, sob a forma de ator autônomo, entrava a realização do programa narrativo em questão. (GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Editora Cultrix, 1979, pág. 317)

Eles agem dessa forma não apenas em obediência ao mandado de André: "com um telegrama urgente do filho que a mandava recolher e agasalhar como família" (NEMÉSIO, 1988: 327), mas também porque eles desejavam transferir para a rude propriedade de S. Jorge o lustre da tradicional família de Margarida, ao mesmo tempo que livravam André Barreto da tentação de unir-se a uma mulher com "costumes modernos":

> No meu tempo e no da sua mãe não era assim: os rapazes tinham outros modos... (...) Quase todos estes aqui das nossas ilhas de baixo casavam cedo. E que boas figuras, alguns deles! (...)A baronesa sorria. (...) O seu pai também era muito bem-parecido, com aquele bigode vermelho e aquele ar estrangeiro. Era tal qual um alemão! Esse foi dos que casaram cedo, e bem casado!... Eu digo sempre ao meu André: "Vê-te àquele espelho: não me escolhas por aí alguma sirigaita!..." Porque, a menina sabe?, tenho muito medo dessas estrangeiras que fumam... Dão cada cabeçada!... Até já as tenho visto, em figurinos, de saia-calção!... E o meu André vai muito por essas terras; gosta desses costumes modernos..." (NEMÉSIO, 1988: 325).

Segundo Greimas (1979),

> Ao contrário da operação (enquanto ação do homem sobre as coisas), a manipulação caracteriza-se como uma ação do homem sobre outros homens, visando a fazê-los executar um programa dado (...). Enquanto configuração discursiva, (...) trata-se (...) de uma comunicação (...) na qual o destinador-manipulador impele o destinatário-manipulado a uma posição de falta de liberdade (não poder não fazer), a ponto de ser este obrigado a aceitar o contrato proposto. Assim o que está em jogo, à primeira vista, é a transformação da competência modal do destinatário-sujeito: se este por exemplo, conjunge ao não poder não fazer um dever-fazer tem-se a provocação ou a intimidação; se ele lhe conjunge um querer-fazer, ter-se-á então sedução ou tentação." (GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Editora Cultrix, 1979, pág. 270)

Concluída a primeira operação de manipulação, os barões se aproximam de forma carinhosa de Margarida e entregam-lhe um bilhete, em cuja mensagem fica explicitado que ela está sendo entregue por seu pai à autoridade dos barões e a todos os desdobramentos que essa transferência acarreta:

> Era um telegrama do pai: Questão resolvida nosso favor André assinou escritura stop aguarda amável hospitalidade senhor barão nossos respeitos senhora baronesa saudades tios Mateus Roberto e nossas. - Diogo. (NEMÉSIO, 1988:328).

Margarida não tem outra saída do que aceitar resignada a hospitalidade oferecida, mas, põe-se instintivamente distante em relação aos anfitriões quando fica sabendo que o quarto que lhe destinam na casa está reservado para ser utilizado na noite de núpcias de André Barreto. A instalação da jovem é efetuada pela baronesa com a sutileza:

> A baronesa, como se aquele retraimento de Margarida lhe tivesse causado uma decepção subtil, farejada nos cobertores ajeitados pela hóspeda como se fossem o plissado de um longo vestido de baile e recolhida naquele olhar um pouco enigmático e distante, sempre curioso do tecto escuro e de maceira rangida a algum safanão do vento, afastou-se da cama, pôs o barão na contingência de ter de marchar à sua frente:
> - Vamos, Caetano... É preciso deixar esta menina dormir. (NEMÉSIO, 1988:329).

Em síntese, o tempo de permanência de Margarida em S. Jorge transforma-se no "noviciado de Margarida, tempo iniciático em que ela será introduzida nos rituais e no conhecimento da vida adulta, mas sobretudo nos hábitos e nos comportamentos, no universo restrito dos barões." (MACHADO, 1998: 400).

4.5 PAUSAS E PROJETOS

Neste recorte, analisamos os primeiros dias em que Margarida passa no "desterro", enclausurada na ilha de São Jorge. Ela, sem outro remédio, aproveita para conhecer a realidade do lugar, antes apenas vislumbrada nos documentos antigos do arquivo familiar:

> Margarida lembrava-se de ter encontrado um dia no Granel, entre os papéis do tempo do avô Roberto velho, um número amarelado das New-York Philosophical Transartions, de 1815, em que o cônsul da América no Faial, John Bass Dabney, narrava ao presidente Madison os estragos do cataclismo. E, mostrando-lhe uma meda de escrituras dos bens que tinham acompanhado, a casa do capitão José Urbanino, D. Petronilha Teixeira Borges Acompanhado, morgada do Norte Grande, o barão passou-lhe a cópia de um registo de correspondência dirigida pelo governador militar da ilha, José de Bettencourt de Sousa e Silveira, ao capitão-general dos Açores, e remetida de Angra ao Governo Supremo no Rio, a dar conta do caso. Mas o manuscrito da Urzelina, lavrado na crusta da ilha a tinta de fogo e enxofre, desdobrava-se ali à vista, mais claro e eloquente que todos os relatórios possíveis e imagináveis (NEMÉSIO, 1988:334).

Trata-se, no percurso de formação de Margarida, do momento em que ela se encontra integrada a um ambiente pastoril, buscando conhecer aspectos pitorescos da paisagem natural, que lutava por voltar a se impor após o cataclisma ocorrido no início do século XIX, que quase destruíra por completo o lugar:

> A vegetação, porém, começava a ganhar o duelo travado há mais de um século entre aquele borralho negro e as

> forças escondidas no chão; e a urzela, o pinheiro, a ruivinha que pinta os queijos e as saias, o incenseiro de florinha cerosa e de baga melada vestiam de folhas e de pássaros a desesperada solidão (NEMÉSIO,1988:335).

Por meio dos sentidos, ela apreende as singularidades do ambiente bucólico, que, em alguns trechos, no entanto, sugerem uma paisagem infernal:

> Era esse plasma infernal que Margarida via esfriado nos pedregulhos da vinha justamente afamada do barão, depois de ter deixado os sítios mais altos cobertos de cinza e pedra-pomes. Torcidos e bicudos, de base favada e negra, iam arroxeando e avermelhando para as pontas. Quando se quebrava algum, ficava muito tempo no ar um cheiro a fogo e a enxofre. E uma vez que Margarida, sentada num curral a cismar, com uma pedra na mão, lhe tirou uma lasca como quem afeiçoa material para uma construção que não existe, ligou a causa daquele perfume vulcânico ao cheiro um pouco acre que já notava há dias na sua roupa branca. Era de as camisas e de os lençóis ficarem a corar de noite estendidos nas pedras da vinha (NEMÉSIO, 1988:335-336).

Margarida, que passa seu tempo à espera de salvação, isto é, um meio de transporte que lhe permita voltar ao lar, aproveita para conhecer os ricos laranjais do pomar de seu anfitrião. Trata-se de uma experiência de leitura do mundo, em que ela, por conta própria, busca ampliar seu repertório de conhecimentos a partir do contato com a realidade do lugar, como forma de distração:

> Nos seus longos passeios solitários pelo pomar e pelas terras, Margarida cortava às vezes uma folha de inhameiro, e, afunilando-a na mão, chegando-a a uma bica de rega, bebia grandes goladas daquele líquido macio e pesado, que ficava no veludo da folha com o aspecto de prata ou de mercúrio. As laranjas já estavam grossas e douradas nas árvores. Algum botãozinho de uma floração têmpora alternava com os ramos vergados ao peso dos frutos que um sol de pouca dura ia adoçando e adelgaçando. Margarida rondava as laranjeiras, quase pé ante pé, pesquisando aquela frutificação bela e

> ardente na manhã que subia emborralhada, contando as laranjas milagrosamente acamadas numa pernada só, tirando-lhes uma ou outra cochonilha com a ponta da unha - enfim, como que lendo, criticando as páginas daquele laranjal da Urzelina, livraria verde e erma. (NEMÉSIO, 1988:337).

Margarida, sobretudo, entretém-se com as aves, cuja liberdade ela tanto aprecia:

> Às vezes, algum tentilhão ou vinagreira esvoaçava entre as folhas; um botão de flor de laranjeira, rijo e encerado, ficava a tremer da fuga da ave assustadiça. Margarida suspendia a respiração, à espreita; e, nas pontas dos pés, calcando o húmus grosso e escuro de São Jorge engordado pelo trevo e a alfavaca, ficava ali... ficava... até que os olhinhos de outro pássaro se atreviam a vir considerar o botão pequenino e assanhado como uma espinha brava. O tentilhão, ou lá o que era, batia outra vez a asa; e Margarida largava a correr para o lado dos cerrados de milho e das hortas, onde as cameleiras redondas ("roseiras-do-japão" lhes chamam nalgumas ilhas) abriam o seu véu de flores brancas ou a nódoa de sangue das camélias vermelhas e geladas (NEMÉSIO, 1988:336-337).

À espera da chegada do transporte, resigna-se às circunstâncias contra as quais não tem como reagir. Nesse momento, está um pouco mais tranquila, porque sabe que seu pai relevara o incidente das canoas e tinha encontrado uma saída para a crise financeira, estabelecendo sociedade comercial com André Barreto, que se tornara sócio principal da empresa de pesca antes decadente. Margarida também reflete sobre o fato de que seu tio Roberto apresenta restrições financeiras para assumir o papel de salvador da ruína familiar, pois não possuía fortuna suficiente para arcar com a grave crise e, além disso, compreende que ele mantém laços profissionais e afetivos na Inglaterra:

> O tio Roberto não pudera tomar conta daquilo. Paciência... Não tinha dinheiro que chegasse. Ela,

> também, embora compreendendo que a instalação definitiva do tio na Horta seria a grande solução para tudo e para todos, ajudara-o a inclinar-se para o lado mais fácil das suas hesitações - as saudades e hábitos de longe aconselhando prudência.
> Mary... Mary... E então? O tio não havia de ter um interesse forte no mundo? Estava com quase quarenta anos; levava uma vida de trabalho, amarrado à carteira do Anglo-Spanish Bank, no nevoeiro de Londres picado das luzes da tarde, dos urros dos trens suburbanos e das largas e épicas badaladas do Big-Ben (NEMÉSIO,1988:337-338).

Margarida tenta ser pragmática ao analisar a condição adversa, sua e de sua família. Busca uma solução possível para que cada um se livrasse dos obstáculos: o tio Roberto, de volta aos seus compromissos e afetos; o pai livre das dívidas com a sociedade recém-estabelecida; a mãe, quando libertada de seu fardo, passaria um tempo em Lisboa, acompanhando a filha caçula num colégio no continente; Diogo Dulmo e Pedro, por uma temporada, ficariam no lar, acompanhados pela ama e pelo tio Matheus.

Margarida, assim, poderia, enfim, dar encaminhamento ao seu projeto pessoal de autonomia. E o que deseja ela neste momento de sua travessia:

> Graças a estes cálculos tão fáceis ao alto da Urzelina, no silêncio húmido do campo e do mar barrado de ilhas, Margarida podia sentir-se livre de realizar a única aspiração que verdadeiramente ganhara raízes na sua alma vagabunda, e ultimamente batida por ventos apostados a arrancá-la: meter-se na clínica do Dr. Marr, vestir uma bata branca e atar uma touca à nuca, sair para o parque dos convalescentes com uma capa azul-escura - enfim, ficar uma espécie de freira sem votos, juntar dinheiro para ter um apartamento só seu, malas só suas, a disponibilidade de uma viagem ao Mediterrâneo ou de uma visita às ilhas - mas só passado muito... muito tempo... (NEMÉSIO, 1988:338).

A jovem nem parece mais à espera da completude amorosa, deseja simplesmente viver de modo autônomo, no continente, à custa de seu trabalho como enfermeira, até que, num dia distante pudesse, revisitar o arquipélago, mas na condição de pessoa realizada. Na verdade, agarra-se a uma possibilidade de concretizar seu anseio de libertação.

Essa libertação não é simplesmente espacial, porque a simples ida ao continente não implica autonomia, como fica evidente nesta sua conversa com a baronesa, cuja mentalidade não abarca os mesmos valores de independência de sua interlocutora:

> - Bem sabes o que quero dizer... - acudiu a baronesa. Há muita maneira de fazer as coisas... Temos os filhos. A menina Bida dá-se muito bem com a nossa Clarinha, creio eu... Nada mais natural do que acontecer combinar-se uma viagem juntas...
> Margarida fechou-se num sorriso em que devia sumir-se qualquer coisa como uma palavra de gratidão ou de cortesia sóbria. Estava um pouco afogueada da situação e do vinho. Então, para não estragar o tom amistoso da conversa e ao mesmo tempo não a deixar assim livre a intimidades bruscas, falou do seu projecto de ocupação em Inglaterra, da fama do Dr. Marr e da família inglesa que procurava uma dama de companhia em vésperas de abalar para o Brasil.
> - Quê?! Pois não tem pena de deixar assim os Açores?, com uma família tão unida e com tantas relações em todas as ilhas...- disse a baronesa (NEMÉSIO, 1988:341).

Também o barão não compreende os projetos "arrojados" de Margarida, considerando-os, até mesmo, tolices:

> Ao barão, o que lhe metia uma certa confusão ("espécie", dizia ele) era Margarida trocar a situação de sua casa, pertencente à primeira sociedade da Horta, em idade de casar ou de se divertir, por um lugar subalterno numa clínica de operados ou numa família estrangeira. Não! Era um passo muito arriscado;"com perdão da menina, uma asneira!" (NEMÉSIO, 1988:341).

Margarida, no entanto, continua a explicar-lhes o seu projeto, na tentativa, talvez, de fazê-los compreender que outras perspectivas em relação a papéis femininos estavam delineando-se, em razão do contexto histórico vigente:

> Margarida tornou a falar da fama europeia de Marr; do parentesco que ainda havia entre o cirurgião e os Clarks; da naturalidade com que em Inglaterra as raparigas mais ricas e smart vestiam uma bata de trabalho ou um uniforme de guerra (NEMÉSIO, 1988:341).

Enquanto espera, Margarida visita os estábulos com intimidade de quem já experimentou bastante essa vivência na propriedade rural de sua família e passa grande parte do tempo avistando o panorama do arquipélago, reconhecendo saudosa elementos de sua ilha natal:

> Margarida entrava muitas vezes sozinha no estábulo, e, metendo-se na talisga entre o frontal da baia e o coiro lavrado das vacas, empurrava-as com força dando-lhes palmadas na alcatra. Um bafo de presépio enevoava a palha e as traves; cheirava a bosta rapada. Um jorro de urina caía quente e dourado entre as pernas abertas da novilha. Margarida tinha saudades de Manuel Bana: vinha para a porta do estábulo espreitar as casinhas de Santo Amaro do Pico, a nódoa de cinza ao longe em que fica o Faial. Um raio de sol fazia faiscar a agulha de neve do Pico. Margarida apoiava os cotovelos a um muro, deitava a mão a uma boca-de-lobo que floria na frincha de uma pedra, e metia um galhinho entre os dentes. O Funchal devia estar a chegar a Ponta Delgada; às vezes levava mais de um dia a descarregar e a carregar... Como o tempo custava a passar! (NEMÉSIO, 1988:343)

Margarida, de fato, nesse momento, está embalada pelas perspectivas que, de certa forma, constituem numa espécie de alienação, de fuga à realidade de sua condição paralisante:

> Mas quase sempre aquela demora se representava na imaginação de Margarida como um sonho agradável, destes que se dormem sobre a madrugada, em modorra, e em que a própria massa do cérebro parece ir tomando as formas das terras irreais atravessadas, como se fosse pasta plástica de cartografia em relevo. Que bonito e que simples! - a casa abarracada e nobre sobre a lomba, os tectos das arribanas, a atafona pisada pela burra de antolhos naquele seu girar miudinho e ininterrupto que parecia uma lição de paciência... os dois parapeitos dos poços coroados de cacos com craveiros e o pé de erva-limão... (NEMÉSIO, 1988:343).

Nesse meio tempo, Margarida estabelece uma relação afetuosa com o mestre de engenho, como uma forma de afeição de transferência, pois ela o associa ao seu querido tio Roberto:

> Depois foi guardar a fotografia e tornou a aparecer com uma bocetinha de porcelana de Delft, que meteu na mão de Margarida, fazendo-se mais encarnado:
> - Is voor U, juffrouw... Dissculpe a frraca alembrance...
> - Oh! Oh!... - Margarida passou os braços ao rijo costado de Van Dam e largou a correr para o seu quarto.
> Que importava que o mestre do engenho não desse razão de Bankastraat em Scheveningen?... Dava... dava muitos ares do tio Roberto, mesmo à parte o cachimbo. E, sem mala nem nada onde pudesse guardar o seu tesouro, Margarida descobriu a froca de baleeiro que a livrara do frio na canoa e que tanto engulho causara à solicitude do barão (NEMÉSIO, 1988:345).

Margarida, de forma inconsciente, mostra seu anseio por completude amorosa, talvez como a que Van Dam havia, de modo singelo, alcançado na sua vida familiar.

A jovem também se dedica a leituras, tendo de se contentar com os livros que estão disponíveis na moradia de seus anfitriões.

> (...) abriu as *Recordações da minha Peregrinação a Roma e Lourdes por Ocasião do Jubileu do Ano Santo de*

> *1900*, o livro de mons. cónego António Maria Ferreira, que tanto entusiasmava a baronesa. (...) fixou-se num artigo de incitamento à grande peregrinação, que monsenhor transcrevia:
> A ROMA, catholicos portuguezes, a ROMA! (...)
> A ROMA, a esse mundo de maravilhas...
> A ROMA, á terra dos martyres, á pátria dos heroes christãos, que á força de virtudes sublimes, foram hastear a cruz da Redempção sobre o Capitólio!
> (...)
> Alli contemplaremos, cheios de fé e admiração, os mais belos templos do mundo... (Este pedaço e o seguinte eram longos e quebravam bastante a ingénua unção do resto.)
> Vamos, pois, a ROMA; vamos contemplar a nova Jerusalém...
> Alli em presença de tantas maravilhas, divinas e humanas, a alma como que se desprende da terra...
> Alli os olhos vêem o que em parte nenhuma do mundo se pode ver...
> Alli a fé engrandece-se, fortifica-se.
> Alli tudo é grande, magestoso, sublime.
> .....
> Nada, pois, de hesitações. A ROMA, a ROMA... (NEMÉSIO, 1988:347).

Margarida, leitora de grandes obras literárias[94], não consegue ter, por essa leitura, o mesmo apreço demonstrado pela baronesa. Seu desejo de evasão (do desterro em que se encontra, ou mais precisamente, do seu enclausuramento no arquipélago), influenciado pela obra lida, faz com ela fantasie uma caravana surreal. Parece que, uma problemática, sobre a qual ela não tinha ainda refletido, surge-lhe, ainda que de forma inconsciente: *Quem dirige o Destino?*

> E Margarida, tonta de sono, com aquele zumbido de "ROMA! ROMA!" nos ouvidos abafados nos lençóis, tinha a impressão de que ia realmente partir enfim para qualquer parte - Horta, Lisboa, Londres, ROMA! ROMA! -

[94] Durante a narrativa, mencionam-se livros lidos por Margarida. Sua escolha recai em livros clássicos, como Camões e Dickens, por meio dos quais ela também vai elaborando sua representação do mundo, de certa forma, livresca, pois não pôde visitar pessoalmente esses lugares. Margarida, apesar da pouca idade, revela-se uma leitora de senso crítico.

> numa caravana imensa em que figuravam bispos, pastores, baleeiros, a baronesa enfim decidida a zarpar, o barão, Clarinha, Van Dam, Daisy Warren, João Garcia, e até o tio Angelo, o maricas... tudo puxado por um grande cachalote infatigável na ponta de uma linha de quilómetros, cujos milhões de laças ela estava encarregada de ir contando uma a uma....(NEMÉSIO, 1998:347).

4.6. UM PERCURSO MUITO HUMANO

Neste recorte analítico, Margarida, ainda na morada dos barões, vivencia uma aprendizagem que, decerto, apenas pôde ocorrer dada a sua interioridade naturalmente bondosa. Nesse momento de seu percurso de formação, ela evidencia ser possuidora de um "dom" que a eleva à condição de uma autêntica "senhora". Sua figura se engrandece, no entanto, não na ostentação de luxo ou na fruição de privilégios, mas em seu gesto de aproximação com aqueles que a sociedade fechada e impiedosa da Urzelina despreza. Com esse gesto, que parece revelar sua tendência para diminuir as distâncias sociais, Margarida demonstra possuir muita humanidade.

Esse aprendizado não é decorrente de um ensinamento oferecido por um mestre ou guia, mas resulta de um movimento proveniente da própria personalidade de Margarida, que busca conhecer a realidade em sua integridade, não apenas a vivenciada pela classe dominante.

Nesse momento de seu percurso de formação, Margarida faz um movimento que equivale a um "desvio" de certo roteiro já traçado de aprendizado para ela, que, caso seguido, a levaria a ter a mesma visão conservadora dos barões, ponto de vista, aliás, típico da maioria das jovens de sua classe social e estirpe. Nesse roteiro a ela destinado, o barão seria seu guia, apresentando à sociedade privilegiada do lugar sua ilustre hóspede, bem como destacando, para Margarida, seu empenho e de seus filhos em trazer certo progresso educacional e de entretenimento àquela região afastada. Cabe evidenciar que a visão do barão, embora

sob certa aparência progressista, intenta apenas a proteção dos jovens abastados, fazendo com que eles não se lancem de forma perigosa aos vícios e à atividade sexual que poderia resultar em "complicações de bastardia". O barão não parece apresentar qualquer anseio por incluir os desvalidos de sua propriedade nesses benefícios de formação por ele oferecidos:

> O barão destinara para essa manhã um passeio às Velas, a fim de tirar Margarida do marasmo da casa e das terras e mostrar-lhe a cabeça do concelho. Intimamente, desvanecia-o dar aquela volta pela vila com a sua hóspeda de dias, apresentá-la à família do juiz, ao padre ouvidor, ao Dr. Trajano; fazer-lhe mostrar pelo secretário da Misericórdia a Sala do Consistório com o seu retrato a *crayon*, e os mapas, o ábaco, a montra dos sólidos e das peças de sistema métrico de que André dotara há meses as duas escolas primárias, como fizera à Urzelina. Clarinha fundara uma cantina e fornecera bastidores à escola do sexo feminino. O barão pagara ao clube um núcleo de livros escolhidos por um letrado da terra, que desejava continuar a tradição do velho Soares de Albergaria, coronel reformado do Exército Libertador. Depois de ter jazido anos e anos nas casamatas de Elvas, o coronel recolhera à Urzelina, entretendo a mocidade ociosa das Velas e arredores com palestras nocturnas sobre História, Filosofia Racional e Moral, Latinidade, e o chamado Português Final. Sabia de cor a vida de Napoleão e todos os pormenores da conjuração de Catilina. Assim desviava os rapazes grados da terra da vida perigosa das tabernas e das complicações de bastardia. O barão garantira a continuidade da obra comprando Oncken, Herculano e um jogo de livros sobre a questão Dreyfus. Fora um gesto bonito (NEMÉSIO, 1988:348).

Mas a jovem em formação escolhe seguir outra via de experiências, partindo em busca de uma mulher simples e, através desse encontro, sendo-lhe possível descortinar o outro lado da realidade social do lugar. Antes, porém, Margarida não se priva de conhecer os domínios da propriedade rural dos barões. No dia seguinte a sua chegada, acorda cedo e acompanha Vam Dam, "o

holandês do queijo", empregado qualificado da propriedade rural, que "supria muito bem a ausência de André Barreto na visita ao engenho" e aprende sobre a "recolha higiênica do leite em vasilhas metálicas percintadas à moda da Holanda (Nemésio, 1988:342-343). Durante esse aprendizado, Margarida mostra-se integrada ao ambiente rural em que se mesclam elementos mais tradicionais a modernos, estes originários do continente. Agrada-lhe esse ambiente bucólico, em que se incorporam práticas vindas do estrangeiro, retomam e renovam, por conta de práticas atualizadas, o clássico tópico do *locus amoenus.*

Margarida poderia simplesmente permanecer nesse lugar aprazível, usufruindo das benesses de sua juventude e da prosperidade a ela oferecida na sua condição de hóspede, na verdade, de futura esposa de André Barreto, o herdeiro de tais riquezas.

No entanto, concluída sua visita ao engenho, inicia-se o verdadeiro aprendizado ansiado por Margarida, que ocorre quando ela desce a serra, deixando Van Dam no escritório do engenho e encaminhando-se, sozinha, para as "terras abaixo até às primeiras casas da Urzelina" (NEMÉSIO, 1988: 349). Nesse outro lugar, a face arcaica da propriedade e, por extensão, das relações sociais existentes na sociedade que a povoa vai se tornando visível para ela, que procura aprofundar um pouco mais seu saber sobre essa situação adversa.

Se no ambiente anterior, o engenho dos barões, Margarida tinha encontrado certa familiaridade com o domínio doméstico, reconhecendo elementos comuns aos de sua propriedade rural, como, por exemplo, a vestimenta dos empregados que lidavam com o gado, nesse espaço miserável com que se depara, ocorre-

lhe uma sensação de estranhamento, denunciando-lhe a profunda desigualdade social ali existente, desigualdade que os barões preferiam ocultar dela:

> Estacando a meio de uma quelha e contando as portas ainda silenciosas no meio das janelinhas fechadas, parecia perdida numa cidade estrangeira, verificando um endereço. Depois, encaminhando-se sem hesitação para um casebre encardido, a que uma laje em ponte sobre o lamaçal da valeta levava, bateu à porta. Uma mulher estremunhada e de cabelo em desordem veio abrir:
> - Ah, minha rica sinhóra! Isto não ê casa a modes pra se antrar... Tá tudo mal amanhado! Tirei o me pão do forno passante de meia-noite. Coso e lavo pra fora... Tenho ainda ali aquele pico de roipa à espera do sabão prà barrela! Mais entre a sinhóra! Vamos a entrar cá par' dentro, que a casa tá às ordes... (NEMÉSIO, 1988:349).

É um panorama de grande atraso que se lhe descortina, sendo que essa face mais arcaica e degradada da sociedade é representada por uma mulher mal vestida, sofrida, sem instrução, a quem Margarida, por iniciativa própria, viera encontrar:

> Era a Cândia Furoa. Margarida encontrara-a nos lavadoiros do ribeiro e metera conversa. Não teria trinta anos, e parecia ter quarenta: magra, escanzelada, quase sem tornozelos do andar descalça e torta do grande cesto de roupa encostado à vazia, com as mãos gretadas do frio da água e da potassa do sabão. Era sobre o loiro, um pouco grossa de cara apesar da má vida. Os trabalhos, um aborto e quatro partos a fio tinham-lhe apagado as cores sadias, que um simples riso avivava; os seios, fortes e sempre brochados numa blusa limpinha, pendiam agora um pouco, mas cada vez maiores. Só o lume dos olhos vivos e atrevidos e aquela abada de cabelo enrolado atrás num picho falavam de uma mocidade desperdiçada e teimosa (NEMÉSIO, 1988:349).

Margarida olha essa figura feminina desvalida, não com preconceito de classe, mas com humanidade, considerando

Cândia Furoa uma pessoa digna de acolhimento. Essa atitude é coerente com os valores e comportamentos demonstrados por Margarida ao longo de sua trajetória de formação. Durante o encontro, Margarida revela-se maternal, acalentando em seu colo uma criança sujinha, maltrapilha, um dos rebentos da prole de Cândia Furoa:

> - - Que linda criança! - disse Margarida. E, pegando-lhe por debaixo dos braços, segurando-o direito nas fraldinhas como quem tira um colar de um estojo acabado de chegar da joalharia, perguntou, passeando o olhar desolado pelos tabiques do cardenho: - E os outros, onde dormem? (NEMÉSIO, 1988: 350).

Margarida ouve a história de Furoa, permanecendo quase silenciosa durante o desabafo de Cândia. Por meio desse gesto carinhoso de interesse, de certa forma, torna digna sua ouvinte, que segundo os valores morais vigentes da época não passava de uma decaída:

> (...) Cândia Furoa explicou a origem dos seus quatro filhos e a sua situação social no povo da Urzelina e das Velas. A Liberdade era filha de um fiscal dos impostos, um prosa que chegara do continente e fora corrido da ilha por escarnecer da religião e não pagar a quem devia. Tinha oito anos; estava no Asilo há dois. Se não fosse o poder do barão e a caridade da senhora baronesa, não a tinham aceitado lá com aquela idade.
> Abaixo da Liberdade era o Simão, filho do Dr. Feraústo. Esse sim! Era do Registo Civil; tratava-a muito bem. Aquela malandragem das Velas dizia: "Ele faz(i)-os e baptiza-os!" Deixá-los dizer... Pôs-lhe casa na Fajãzinha; enchia-a de tudo quanto havia. Dos melhores padrões de chitas que chegavam no vapor à loja do Sr. Francisquinho, era logo: "Corte lá um vistido prà Cândia!" E uns sapatos de cordovão... Um xaile de merino... Mas tinha sido mandado chamar pelo Governo; o pai estava na costa de África por ter matado um cunhado:
> - Quistã de partilhas... Olhe a sinhóra: ainda me mandou vinte mel-réis! A indirecção era: "Inlustríssemo Senhor

> Doutor Oscre Feraústo, Dingníssemo Ofecial do Rezisto Cevil, Paredes de Coira"... Nunca mais m'iscreveu! A gente só vem a este múindo pra penar...
> Enfim: ali estava a Vitória, à porta do frontal, em camisinha, com o ranho a cair. Essa era filha do padre Picanço, um servo de Cristo de fora da terra, que o senhor deão mandara para não envergonhar os padres velhos e sérios da ilha. Parece que não lhe chegara a tirar a esmola da missa, com dó dele... Era a afilhada da Srª Domitília, a criada grave de casa do senhor barão. E o menino, o indês, era Joaquim. Era o filho do guarda-fisca!: (NEMÉSIO, 1988:351-352).

Margarida ouve, demostrando solidariedade feminina, a amarga trajetória de Cândia Furoa, que, vai confessando à ouvinte suas fraquezas e a dos homens "de bem" com quem se relacionou e por quem foi abandonada sucessivamente. Ouve-a com compreensão, sem julgá-la, atitude reveladora de sua interioridade compassiva.

A jovem revela uma maturidade singular, pois é capaz de compreender que Cândia Furoa, desprezada por aquela sociedade sem compaixão, é, na verdade, vítima de sua condição feminina e social. A jovem, no entanto, não deixa de expressar no pouco que fala uma crítica aos amantes da Furoa, pais que abandonaram os filhos material e afetivamente. São muitos os homens irresponsáveis, "educados" conforme os valores patriarcais, que se relacionaram com a infeliz desumanizada e explorada: um fiscal de impostos; um maçom que saiu fugido da ilha por ser mal pagador e ultrajar a religião cristã; um doutor do Registro Civil, um padre sedutor, que foi transferido "para não envergonhar os padres velhos e sérios da ilha" e, por fim, um guarda-fiscal, possivelmente pai do filho caçula de Cândia, que "as más línguas inté pusérum a boca no senhor Andrezinho" (NEMÉSIO, 1988:352).

Note-se que a mesma educação falha, sem limites, foi oferecida a André Barreto, que tinha a mesma "liberdade" de relacionar-se com meninas e mulheres do povo e, depois, sem demonstrar a menor consciência, abandoná-las ao desespero, deixando-lhe o peso dos filhos que elas, sem condições de sustentar, abandonavam, por sua vez, em orfanatos precários.

Após essa experiência relevante na trajetória de formação de Margarida, ela segue para a refeição com seus anfitriões. Durante o almoço, no entanto, não há comunhão de mentes, pois reaparece o choque de mentalidades representado por um clima pesado entre ela e o casal. Mal eles se veem sozinhos, a severidade do julgamento sobre a jovem reaparece, na forma de uma crítica à sua visita a Cândia Furoa. Para eles, a falta de rigidez na educação paterna e/ou a influência nefasta do tio inglês, de costumes decadentes estariam contribuindo para o "desvio" de Margarida :

> O almoço correu silencioso e apático, como era de esperar daquela visita ao casebre da Cândia Furoa, que o barão considerou intempestiva. De relógio na palma da mão, rondando a mesa, enquanto Margarida fora ao quarto mudar a saia e retocar o cabelo, o barão disse à esposa:
> - Que lembrança! Meter-se em casa da Furoa logo ao romper da manhã! Esta menina tem um génio agradável, mas facilita um pouco...
> - São lá costumes da Horta... - atenuou a baronesa. - É de andar muito com ingleses. Aqui é que se estranha...
> - Pois será... O pai é um bocado valdevinos; não a sopeia! De pequenino é que se torce o pepino.
> Aquela sombra pairou até ao fim do almoço; parecia girar nos pratos e cair com o jorro do vinho nos copos espaçados na toalha. (NEMÉSIO, 1988: 353).

Em momento algum, os barões tentam compreender Margarida, avaliada por eles a partir de uma perspectiva bastante

negativa. Mas, afinal, uma comunidade que se afirmava cristã, não deveria apreciar seu gesto caridoso?

No percurso de formação de Margarida, esse encontro com Furoa consiste numa vivência altamente positiva, na medida em que a jovem se mostra capaz de ouvir as histórias de Cândia, enredo repleto de "maus passos" sem formular juízos de valor que, caso feitos, colaborariam no processo de degradação da mulher, aumentando-lhe a carga de sofrimento. Também colabora para ampliar sua visão acerca da irresponsabilidade, numa sociedade patriarcal, dos homens nobres e burgueses em relação aos filhos nascidos fora do casamento, que acabam isentando-se das "complicações da bastardia". Margarida compreende que os ricos senhores proprietários de terra também parecem ver as moças pobres como meros objetos de prazer, a serem descartados sem remorsos quando lhes aprouver.

Tal visão de mundo parece guardar resquícios da própria colonização de Açores, em que o arquipélago, assim como Cândia Furoa, foi submetido aos abusos dos exploradores de muitas partes do mundo: portugueses, ingleses, flamengos. Ao povo coube arcar com o ônus de sofrimento causado pela vontade de tantos senhores de submeter os colonizados em nome de uma "liberdade" que nada mais é do que excesso de poder e falta de limites, sem lei humana que os repreendessem.

O gesto de Margarida de ir ao encontro com Cândia Furoa é uma tentativa de abrandar esse estado de decadência moral e material. Para tanto, ela se presta a ouvir a mulher e a praticar caridade com a criança, atitudes que a elevam, pois a tornam mais humana. No entanto, surge a adversidade na trajetória de Margarida, pois seu gesto solidário com os desvalidos incomoda

os barões, que temem a possível chegada de um tempo em que privilégios desumanizadores sejam questionados.

4.7. DIA AZIAGO

Margarida vive um momento de grande inquietação, mas, dada sua personalidade altiva, busca não o demonstrar:

> Vencendo a inquietação e a vontade de chorar que a possuíam, e que espalhava andando pela casa toda, Margarida fez tudo fácil. Os seus gestos de mãos e de cabeça, apesar do trágico da situação, davam àqueles preparativos o ar de uma brincadeira, como se se preparasse para ir a um bodo ou a um piquenique. (NEMÉSIO, 1988:359)

Está resolvida a partir e não cede a seu desejo, sem deixar, no entanto, de preocupar-se em não causar transtornos a seus anfitriões:

> Medindo o transtorno trazido por aquele incidente à vida regrada dos velhotes, e recobrando o vago mal-estar que aquela hospedagem lhe causava, apesar de tratada com todas as deferências, Margarida voltou à carga com a hipótese do carro de aluguer. De vitória, em carro de bois, a pé e à ilharga do pastor com o lampião e os abafos - o que queria era chegar quanto antes a sítio de onde pudesse zarpar para o Faial.
> E, no caso de não haver barco do Pico pronto a partir - meter-se num dos lanchões que serviam para levar o gado de embarque a bordo, saltar para um barco de pesca, ir fosse como fosse, inclusivamente a nado, contanto que chegasse a ver o tio doente com vida. (NEMÉSIO, 1988:359)

Margarida não deseja incomodar o barão, que se encontra adoentado. Também não vê obstáculo em viajar sozinha. Reconhece sua própria afoiteza e sua capacidade de defender-se dos perigos, ainda mais depois do episódio protagonizado por ela da caça à baleia.

Neste momento de sua partida, Margarida está muito angustiada, com "o coração mais negro do que aquela carruagem

de luxo parada ali no pátio bordado de crisântemos e de abóboras" (NEMÉSIO, 1988:360).

Parece irônica a menção à esse veículo de transporte, que, nos contos de fadas, levam a princesa ao encontro de seu príncipe encantado, pois, neste caso, levam-na para um propósito frustrado, como se verá a seguir.

Margarida está infeliz, no entanto, não fica prostrada. Movimentar-se para ela consiste num alívio para a sensação de enclausuramento que a estada num ambiente conservador lhe causara.

A jovem dispensa a companhia de Van Dam, para não aborrecer a baronesa, que supostamente não acharia conveniente tal emparelhamento:

> Mas, julgando que a baronesa teria relutância em admitir qualquer companhia para ela que não fosse o barão imobilizado pelas dores, e farta de tanto peguilho por uma coisa tão simples, entrincheirou-se na sua resolução de ir sozinha:
> - *Danke schon*, Herr Van Dam!
> - *Tâmoss àss órdess, juffrouw...* (NEMÉSIO, 1988:361)

Em contraste com baronesa, Margarida é resoluta. Apenas intui a vacilação de sua anfitriã, em relação à conveniência de deixar Van Dam acompanha-lá, já dispensa esse possível par para a viagem:

> A baronesa media enigmaticamente o seu mestre de engenho. Pela idade (cinquenta anos), pelo bom senso, os modos (pesado e pacatão), parecia achá-lo na conta de servir de pajem a Margarida numa "viagem à Calheta": de confiar-lha até, se ela lhe fosse alguma coisa e precisasse embarcar para Inglaterra. Mas Margarida cortara a indecisão pela raiz; e a rápida operação mental da baronesa - assentá-lo no coxim do cupé ao pé da hóspeda de honra, ou fazê-lo saltar para

> a almofada como se fosse um trintanário - dissipou-se por inútil nos seus miolos fracos (NEMÉSIO,1988:361).

Evidencia-se um aspecto recorrente durante o percurso de formação de Margarida: seu emparelhamento com diversos cavalheiros, para a execução de diferentes tarefas. Ao analisarmos esse *leitmotiv,* podemos, inclusive, notar que os homens relacionados à esfera do trabalho parecem mais compatíveis com ela. Algo acontece para que os nobres, em várias ocasiões, não a acompanhem devidamente.

Margarida despede-se, agradecendo a hospitalidade dos barões, que aproveitam para convidá-la para uma nova visita:

> - Agora, só quando a Bidinha se resolver a aceitar o convite da Clarinha e do André para cá passar uns tempos. Bem sabe que nos dá muito gosto... (NEMÉSIO, 1988:362).

Os barões são gentis e afetuosos com Margarida, mas não perdem a oportunidade de tentarem dissuadi-la de seus propósitos de ida ao continente para trabalhar:

> Pode ser até que o seu bota-fora para a Inglaterra calhe com alguma dessas passeatas dos meus filhos. Que eu tenho cá uma fé que ainda se arrepende... É uma traição que nos faz! - Margarida sorriu, fazendo ranger a tarja da cama do casal. A baronesa, enlevada naquele silêncio de estátua em que estremecia tanta animação, tanta vida, disse, cada vez mais expansiva: - Olhe... quer que lhe diga uma coisa? A menina esteve aqui só meia dúzia de dias, mas deu-nos com os pés no coração. Pensar que pode ir para tão longe dá-me um nó cá por dentro! Até parece que as ilhas lhe levam a mal esse passo! Esta casa fica tão triste... tão vazia! - O barão pediu mais láudano. E, já se sabe, cá estamos às suas ordens... A menina é de casa. (NEMÉSIO, 1988:362).

Margarida fica enternecida durante a despedida, afinal foi tratada com deferência. Mas a comoção é passageira, ela está muito preocupada com uma notícia recebida neste dia, de que seu tio (Mateus Dulmo conforme supunha ela) encontra-se gravemente doente:

> Telegrafara logo ao pai: Diga que tio adoeceu seguirei logo possa. E agora, que a parelha do barão a aliviava daquele cerco dos velhotes e de um ambiente em que sentir-se fisicamente tão bem, no meio do pomar e dos pastos, era uma espécie de roubo feito aos seus pensamentos negros e um escárnio àquilo que tinha de bem seu e seguro, como que repousava do desgosto do tio Roberto, à morte, na dor de estar prestes a perder o tio Mateus Dulmo, velhinho mas mais que todos amado e precioso na sua vida triste. Sim; era com certeza o tio Mateus que estava gravemente enfermo. Aquela saúde de ferro, aquele humor inatacável não podiam durar sempre. Tinha quase oitenta anos... (...) Levara sempre uma vida recatada e económica, mas sem verdadeiro arrimo, sem um afecto forte que desse emprego àquele coração excessivo, tão doce e tão humano! (NEMÉSIO, 1988:363)

Ao anoitecer, Margarida está em meio à viagem, que transcorre vagarosa:

> Margarida ergueu-se um pouco do assento para se ver ao espelho. Tinha a cara cavada pelos sobressaltos e suspiros daquele dia aziago, o cabelo rebelde e áspero, uma palidez que não se distinguia senão no ar cansado das suas feições indecisas (NEMÉSIO, 1988:364).

Sua expressão facial, sob aquele estado de espírito angustiado, assemelha-se a um “sudário”. Margarida reflete sobre o fato de sua semelhança com sua avó Margarida Terra:

> Seria semelhante sudário que a tornava parecida com a avó Margarida Terra? Lembrou-se do retrato do Granel, do sorriso enigmático da avó no escuro da tela ressequida. A prima Corina dizia: "És a cara de tua avó

> Margarida! Ah, mas toda... dos pés até à cabeça!" E o tio Mateus: "Dá... dá uns ares... Mais tiques do que feições..."
> Seria do vestido de baile, daquele ar antigo que lhe achavam nas noitadas passadas debaixo dos lustres acesos do Real Clube Faialense. Todas as mulheres que têm um palminho de cara e vestem uma seda que se veja parecem-se umas com as outras (NEMÉSIO, 1988:364).

Margarida oferece a si mesma uma interpretação, que surpreende pela sua sensibilidade, para a semelhança que já foi apontada entre ela e sua avó homônima: "Todas as mulheres que têm um palminho de cara e vestem uma seda que se veja parecem-se umas com as outras". E no que elas se parecem? No destino da incompletude amorosa, no martírio de um casamento por interesse, provocado pela intervenção de uma "força maior" (não totalmente explicável apenas pelas circunstâncias) que promove o desencontro dos pares amorosos. E há o desconcerto do mundo:

> E desta comparação surgiu naturalmente no espírito de Margarida, como a borboleta de um bicho-da-seda que fura na hora o seu casulo, a suspeita de que o tio Mateus Dulmo tivesse amado a avó Margarida Terra. Lembrou-se da carta que o tio condescendera em ler-lhe uma noite na Rua de S. Francisco. Uma queixa fidalga, indefinida, saía daquelas linhas tão bem caligrafadas, tão femininas na descrição dos pequeninos passos de uma vida reclusa e monótona, no piedoso cuidado pelos restos mortais do Francisco Brum que jaziam esquecidos no cemitério flamengo de Oogenborn, na discreta alusão ao egoísmo do avô, e a atitude fantástica, que cheirava a altar e a martírio, diante dos amores do marido com "a pobre Ana Silveira" (NEMÉSIO, 1988:364).

No ato introspectivo de Margarida, ela se permite imaginar como a realidade seria diferente, caso houvesse harmonia nas ações humanas:

> E se a avó Margarida Terra tivesse sido a grande paixão do tio Mateus? Se o velhinho ocupasse no coração da morta um lugar reticente ou impossível?... Aquela hora, naquele cupé, ao passo daquelas éguas emprestadas numa aflição por uma família estranha e que caracolavam a íngreme subida das falésias que deixavam a Fajã das Almas triste e enroscada no mar, ela já não seria a Bidinha filha do genro do Sr. Charles Clark, arribada a São Jorge numa baleeira fugida às justiças da Horta, mas outra Bidinha qualquer, neta do Sr. Mateus Dulmo, talvez noiva do filho legítimo do Sr. Charles Clark e de D. Ana Silveira - um rapaz fino e simpático que vivia empregado em Londres, enfim, um estranho, um bom partido -, e certamente muito mais descansada e menos infeliz (NEMÉSIO, 1988:365).

Se o amor fosse o móvel das ações humanas, o final seria feliz. Note-se que ela não quer mudar o seu "bom partido", senão no aspecto da ilegitimidade de seu nascimento, bastardia que implica num "mundo às avessas", considerando-se o ideal do amor e do valor sacramental do casamento[95].

As más condições do meio de transporte é a realidade que Margarida enfrenta, todavia em vão:

> - Infelizmente, minha senhora, não me consta que esteja a chegar nenhum... - E, esboçando um sorriso que queria manter uma certa bizarria naquela desilusão, acrescentou: - Em passando o tempo de Verão, recolhem todos à base... (NEMÉSIO: 1988).

Resta-lhe apenas a sofrida condição da espera de uma embarcação. Demora ainda dias, portanto, seu aprendizado, neste momento, é a experiência de um retorno desesperançado:

> - Tenha paciência, minha senhora... (...) mas agora só o Funchal, depois de amanhã. (...) Margarida permaneceu um minuto de pé, fitando o tabuleiro das damas com as jogadas ocultas pelo boné do guarda. E,

[95] Seria um mundo romântico e não realista.

> fazendo um esforço para sorrir e agradecer aos homens, saltou para o cupé, puxou bem até acima os vidros das portinholas, e fez ao contrário o trajecto que a trouxera esperançada e sonâmbula de casa do barão da Urzelina (NEMÉSIO, 1988:367).

Não deu certo. Diferente da viagem na barca dos baleeiros, esta travessia foi uma desventura. A referência ao "tabuleiro das damas" parece aludir a um jogo de azar, como que também presidindo o destino feminino.

4.8. **DESVELAMENTO**

No percurso de formação, esse é o momento em que Margarida vive seu momento de maior agonia. A passagem do tempo, dada a interioridade angustiada da heroína, é de uma lentidão torturante:

> Margarida dormiu mal. Acordava sobressaltada; acendia o candeeiro: o reloginho de ouro que a baronesa lhe pusera à beira da cama cintilava na dupla *châtelaine* de berloques batidos no pulso.
> Uma hora... Duas horas... Três e meia...
> Os ponteiros pareciam tomados de uma paralisia estranha, como se os rodízios e o tempo girassem num pó engordurado. Pela fresta da janela encostada que dava para o lado do mar entrava um halo de lua que as nuvens, discorrendo, escureciam. (NEMÉSIO, 1988: 368)

Neste amanhecer nublado, Margarida está desesperançada, por isso sua percepção do transfigura-se. Ela sente como se houvesse ocorrido uma ruptura entre um tempo vital, anterior à notícia sobre o tio enfermo, e um tempo esvaziado de vida, de desgosto. O retiro bucólico, em vez de apaziguá-la, torna-a mais aflita, pois se configura como sendo o espaço do exílio, do confinamento por excelência:

> Mas agora o amanhecer não lhe sabia a nada; ou, antes: parecia-lhe uma ameaça divina de novas aflições e incertezas. (...) aquele sinal de uma vida regulada e farta, longe de a apaziguar, ainda lhe deu mais negrume, fazendo-lhe subir à boca um amargor indizível (NEMÉSIO,1988:368-369).

A dor emocional de Margarida reflete-se em sua aparência desvitalizada. A jovem espera ansiosa mais explicações acerca do trágico comunicado. Há um enigma quanto à identidade do tio que estaria enfermo. Sem condições de sabe-lo, encontra-se

numa situação de quase cegueira, em suspensão: "Não! Não vinha telegrama, não vinha nada!..." (NEMÉSIO, 1988:369)

Margarida sofre também por saber que não conta com apoio. Desespera-se por constatar a fragilidade daqueles a quem caberia dar-lhe suporte emocional:

> Não tinha pai... nem mãe!; o irmão era um criançola, desempregado e caçador. O pai vivia para o Largo de D. Alexandre e para as ceias na Mariquinhas Estragada, com algum rebate de vida nova quando a bota apertava. A mãe não tinha iniciativa; vivia à beira do avô desmemoriado e paralítico. Diante de desgraças, levava as mãos aos ouvidos como os macacos saudosos da ramada e da banana, que se deixam ir para o fundo. Maria das Angústias era amiga, mas não passava de uma serva; o Manuel Bana, coitado, era um pobre de Cristo... (NEMÉSIO, 1988:369)

A morte do tio Roberto também significa a perda de suas ilusões mais caras de evadir-se do ambiente provinciano, cuja estreita visão de mundo, hipócrita e superficial, cerceia suas possibilidades de realização feminina pessoal, impondo-lhe o sacrifício de um casamento por interesse:

> É verdade que tinha saúde e "aquele corpo", como dizia o Manuel Bana quando via gente nova e possante à boa vida: "Já bota um tal corpo!... O qu'estes rapazes e raparigas d'agora na quérim é dobrar as cadeiras...!" Mas naquele viver estúpido e presumido da Horta estava decretado que uma rapariga da sua condição não podia ganhar a vida. Era uma vergonha receber dinheiro pelo suor do seu rosto! Mas não ter onde cair morta e ficar de um dia para o outro mulher de um herdeiro cobiçado, filho único de um velho podre de rico, ou destes menos felizes que têm que repartir com outros a bolada, acabando por lhes sair a sorte grande de um irmão tísico ou tolo, de uma irmã dócil que se entrega pouco a pouco nas mãos de um confessor e acaba mirrada num convento... - isso, na moral da Horta, era extremamente chique!, isso não era uma vergonha!... Ah... ah! Que lembranças parvas aquelas!... que ridícula opereta tudo aquilo! (NEMÉSIO, 1988:369-370)

Margarida anseia por sair daquela situação paralisante, mas os obstáculos são intransponíveis:

> - A menina na vê?... O mar tá rofe. Quem é que àguatava a remos um mar daqueles!? À vela... nem pensar nisso! O vento é contra... Vento da Ponta do Pico! (NEMÉSIO, 1988:371)

O mau tempo no canal, no entanto, não diz respeito apenas ao clima: trata-se de todos os obstáculos que a impedem de atingir seus singelos sonhos de autonomia. E há um enigma ainda não decifrado, que lhe vem à mente como uma obsessão: qual tio estaria à morte: "o tio por excelência", ou o outro "uma espécie de príncipe de conto de fadas repetido":

> Margarida tirou pela milésima vez o telegrama do seio; leu o texto nas fitinhas coladas e lustrosas da goma; leu as palavras impressas, tudo: *Nos telegramas recebidos pelo aparelho Hughes o primeiro número que figura depois da estação expedidora é o número de ordem; o segundo indica as palavras; os restantes designam a data e a hora do depósito.* "HORTA. 23.17.8.12H. 15M. DONA MARGARIDA DULMO. CUIDADO EXCELENTÍSSIMO BARÃO URZELINA. VELAS. TIO MAL" ... Era; era com certeza! Tio - isto é: o tio de sempre, o da Rua de S. Francisco, o tio por excelência, a quem se habituara desde a infância, quando Roberto não passava de uma espécie de príncipe de conto de fadas repetido (...) (NEMÉSIO,1988:373).

O não desvelamento da identidade do tio afeta-lhe, pois, ao cogitar quem estaria à morte, é como se ela estivesse elegendo um para a morte. E, nesse momento pungente, ela revive o momento de maior completude afetiva que tivera, e fora justamente com o tio "príncipe encantado":

> Depois, o tio Roberto chamara-a para a varanda, sobre o mar; arrastara-lhe uma cadeira de viagem; acendera enigmático o cachimbo. Havia luar no Pico, como na viagem da véspera. Nunca tinham falado daquele modo

> nem aprofundado tanto os feitios e gostos um do outro.(NEMÉSIO, 1988:378).

Não parece acaso o fato de esse *flashback* assomar-lhe a consciência:

> Foi no dia seguinte que Margarida passou uma tarde fechada (...) no escritório do tio Mateus, agarrada à *Enciclopédia Britânica* e a copiar tudo o que era misterioso e bonito em torno do nome de "Roberto". São Roberto da Champagne fundara a Ordem de Cister (...) . Roberto, o Forte, conde de Anju, (...) , era o tronco de todos os Capetos. Roberto II, o Piedoso… (com que alvoroço Margarida se curvara sobre o destino deste príncipe franco (...). Era casado com Rosália ou Susana, (...) ; e, apesar de muito temente a Deus, repudiara-a para se ligar a Berta de Borgonha, sua prima carnal. O Papa excomungara-o: se entrasse numa igreja, era enxotado como um cão! Não poderia acompanhar o Viático a um enfermo, ser sepultado em sagrado!) Enfim, menos que um mendigo levado à mesa de mármore dos mortos da Misericórdia - que esse sempre tinha um esquife com uma cruz na tampa, que o baldeasse à cova... (NEMÉSIO: 374-375)

O tabu do incesto havia ocupado a mente de Margarida na época em que ela estava se tornando íntima do tio Roberto:

> Impressionada por semelhante ligação, duplamente sacrílega pelo repúdio injusto e pelo fatal parentesco, Margarida ruminara dias e dias aquilo - até que, falando com uma difícil naturalidade no caso ao tio Mateus, ele mostrou a reprodução do quadro de Jean-Paul Laurens, que trouxera entre outras recordações de uma visita ao Museu do Luxemburgo. O legado do Papa, pronunciado o anátema contra Roberto, o Piedoso, desaparecia por uma porta larga e profunda amparado ao seu báculo e rodeado de fâmulos atónitos - enquanto Roberto, fulminado, se abatia ao alto do seu trono diante de um cocheiro quebrado, com a tocha ardente e cheia de fumo no chão, o vulto branco de Berta apavorado no seu peito...(NEMÉSIO, 1988:375).

Margarida, que até então tinha cogitado Matheus Dulmo como possível vítima da doença, em associação livre, finalmente, tem forças para cogitar a outra terrível possibilidade: "E se fosse

o tio Roberto que estivesse a morrer longe dela?... Que já tivesse morrido...?"

Naquele momento dos mais sombrios e desamparados de seu percurso de formação, estaria ela retirando um véu de um outro enigma, que diz respeito à problemática do incesto e que, de forma misteriosa, poderia estar entremeado ao desvio da rota de Margarida, sob a direção de uma baleia?[96] De qualquer maneira, é evidente que o tabu do incesto é um elemento relevante que causa transtorno à Margarida neste momento obscuro de seu percurso de formação.

Um telegrama chega e traz "a chave de tudo" (NEMÉSIO,1988:376). Margarida consegue, enfim, uma embarcação. A jovem se ressente de clima, antes tão desfavorável, tornar-se em ameno:

> Agora que tudo estava consumado e perdido, é que o céu se punha azul e branco, o mar de uma calma de escárnio, o Pico lilás, episcopal, como para uma missa de festa! (NEMÉSIO,1988:377)

Margarida, finalmente, escapa de seu desterro. Volta, no entanto, num camarote de primeira classe, reservado e patrocinado pelo senhor barão, e envergando uma vestimenta que não é sua, um "vestido simples e um pouco apertado" e um "chapelinho marcado pela asa de um pássaro aveludado e de bico escondido". Evidencia-se, nas roupas que Margarida usa, pertencentes à filha dos barões, seu futuro enquadramento na

[96] Conforme Lopes (2009), "tanto na passagem bíblica quanto em *Mau Tempo no Canal*, uma baleia se encarregará de fazer o destino triunfar sobre a vontade humana. A baleia, "que acreditávamos estar levando Jonas à ruína na verdade o resgatou" (ALTER KERMODE, 1997, p. 252), como uma baleia também leva a personagem ao porto que lhe estava destinado.

família Barreto. Note-se a sugestão simbólica do pássaro aprisionado, transformado em adorno.

Durante a viagem marítima, a jovem mal consegue se relacionar com o afável comandante. Estava enlutada: "com o coração negro, só lhe apetecia fugir" (NEMÉSIO,1988:380).

Sua trajetória de formação, que em vários episódios se desvencilhara do roteiro previsível, passará a seguir uma trilha usual para as personagens femininas inseridas naquele contexto tradicional. Margarida tem consciência profunda de qual será seu roteiro:

> Sentia agora descer ao mais fundo de si a espécie de "paz na guerra" que se vinha acamando na sua alma desde que as últimas notícias tinham acabado para sempre com o jogo de empurra de uma desgraça sem rosto. Agora sim! A sua vida já não era aquela mascarilha ambígua feita dos silêncios pausados e das hesitações do tio Roberto, dos projectos de libertação em Londres na clínica do Dr. Marr, do surdo horror à hipótese de um casamento com André, que a rondava de alto como gaivota ao cheiro de baleia esfalfada na corrida; da saudade insidiosa de João Garcia e da sua capa de alferes escondendo-lhe a falta de tacto e de coragem ao largo dos muros da quinta (NEMÉSIO,1988:381).

Neste momento, ela resume toda sua travessia, caracterizada por hesitações, desencontros, labirintos... Ela se considera como caça a ser sacrificada.

Margarida tem certeza de que sua identidade afoita e progressista será reprimida pelos barões e, em razão da divergência de mentalidades, estará ainda mais solitária:

> "Dali por diante contaria só consigo: com aquela pele nova que sentia debaixo do casaco que a baronesa lhe viera enfiar quase à forma" (NEMÉSIO, 1988:381).

A jovem não tem como negar para si mesma a dura realidade de que seus planos não seriam mais realizados. Margarida revê o percurso labiríntico que atravessara como sendo algo digno de espanto: uma canoa aventureira, conduzida por gente simples, opondo-se à lei e à justiça formalizada por uma sociedade profundamente arcaica e rigidamente patriarcal. E o desenlace espantoso daquele acontecimento extraordinário consistia na morte do tio Roberto, que lhe "parecia (...) a cúpula do milagre, a sua flor mística e última (...) (NEMÉSIO, 1988:382).

Margarida percebe sua própria transfiguração, mudara, tornara-se não mais uma "flor de rapariga", como a designava o tio Mateus, mas uma flor-mulher. Assim, seu perfeito e completo florescimento ocorreu em razão do seu relacionamento fatal com o tio Roberto: "Talvez o tio Roberto, morrendo, a tivesse feito uma flor" (NEMÉSIO, 1988:382).

Margarida sabe que seu destino já está consumado, como demonstra seus pensamentos, expressos em discurso indireto livre:

> Não trazia no corpo um casaco da velha baronesa?, um chapéu de Inverno da irmã? Não se servira de éguas escolhidas e montadas por ele?, não dormira num quarto destinado a ele e à noiva?... (NEMÉSIO,382)

Apesar de todas as peripécias que protagonizou, "continuava presa às relações de família como uma mosca tonta à teia de aranha irisada!" (NEMÉSIO,1988:381). Seu ideal de desenvolvimento pessoal, de autonomia, teria de ser sacrificado para a manutenção do status de sua família, segundo as regras. Margarida compreende que a morte do tio Roberto significa "a sentença de morte do seu ser (...), o seu dobrar à vontade alheia" (NEMÉSIO, 1988:383).

A heroína entende que está sob as “garras de um destino sem piedade” e que essa impiedade, que atinge sinuosamente o ser humano, no caso de Margarida, a alcança pelo simples fato de ela ser mulher.

Impiedade de um destino, cuja força atuante, encontra, nas palavras de Manuel Bana, uma sublime e ao mesmo tempo humilde definição: “Quem é qu’e havera de dezer qu’ o alma do diabo de ua pulga, ua coisa qu’um home esmicha c’ua unha, havera de matar aquêl senhor!...” (NEMÉSIO, 1988:385).

4.9. "A CUCUMARIA DOS ABISMOS": TRAVESSIA PARALISADA

De acordo com Tresidder (2003:8),

> Alguns símbolos encapsulam as crenças mais antigas e fundamentais que os seres humanos tiveram sobre o cosmo, seu lugar nele, como se comportar e o que honrar ou reverenciar. Muitos têm implicações psicológicas.

No imaginário simbólico, de acordo com o que lemos no *Dicionário dos Símbolos,* "o anel serve essencialmente para indicar um elo, para vincular. Assim, "ele aparece como o signo de uma aliança, de um voto, de uma comunidade, de um destino associado". "A ambivalência desse símbolo provém do fato de que o anel *une* e *isola* ao mesmo tempo. (...).Também cumpre importante função nas formas narrativas:

> Em numerosos contos, romances, dramas, canções e lendas (...) o anel serve como **meio de reconhecimento**: símbolo de uma força ou de um laço que nada pode romper, mesmo que o anel se perca ou seja esquecido à beira do caminho. CHEVALLIER e GHEERBRANT (2005:53).

Em *Mau Tempo no Canal*, há todo um simbolismo sugerido pelo anel usado pela protagonista. No percurso de aprendizado sentimental de Margarida, evidenciam-se dois momentos relevantes associados ao anel.

O primeiro diz respeito ao momento ocorrido durante o encontro de Margarida com João Garcia[97] na quinta dos Dulmos, em que é travado o seguinte diálogo: "Queres ver o anel? ... É uma serpente. ---- (...). Os olhos são verdes... Não vês, não; falta-lhe uma esmeralda... (NEMÉSIO, 1988:53). O anel está presente aqui justamente para reforçar o vínculo existente entre os ilhéus enamorados. Cabe notar que João Garcia nada diz sobre a falta da esmeralda, apenas pronuncia emocionado o nome de Margarida, parecendo até, no contexto da cena, que a referida falta contribui para aumentar o encanto do momento vivido por ambos.

Outro momento relevante ocorre ao final de seu percurso de educação sentimental, em que a referência ao anel ganha força simbólica surpreendente, pois sugere uma castração radical dos anseios da jovem de realização pessoal e amorosa. Para compreender melhor esse brutal truncamento, retrocedemos até o instante em que Margarida intui que seu destino está definitivamente selado com o casamento com André Barreto:

> Estou noiva. Noiva de quem?!... Ah! Agora, sim: agora é que a resposta estava talvez dada para sempre, riscada no mar pela proa de uma canoa do Pico e pela escolha cega de uma baleia trancada... Noiva de André Barreto! Nora do barão da Urzelina!" (NEMÉSIO, 1944:333).

Margarida compreende que não poderá seguir a via de desenvolvimento pessoal por meio do trabalho no continente,

---

[97] Analisado, neste trabalho, no item "Aprendizado proibido".

conforme seus anseios, mas a direção tradicional imposta às jovens de sua classe social.

Compreende, sobretudo, que o caminho de realização de seu natural anseio juvenil de completude amorosa[98] está barrado para sempre. A morte trágica de seu tio Roberto confirmou suas sombrias "previsões" da não realização de seus anseios e a despótica imposição paterna, obrigando-a à submissão ao casamento abominado por ela, selou o seu destino. À Margarida, nesse momento de sua trajetória de formação, resta apenas a má fortuna que lhe está sendo imputada pela sociedade patriarcal: deve abdicar de seus caros anseios de crescimento autônomo e de felicidade conjugal, "renunciar" a tudo que sonhou e resignar-se a viver uma existência mesquinha.

O fim da travessia de formação de Margarida é irônico, pois, apesar de ela estar de partida num navio para "dar uma volta pela Europa", acompanhando o esposo e a família dele, o acesso ao continente garante-lhe somente uma expansão geográfica, jamais o lugar existencial projetado por ela.

Nessa embarcação, Margarida trava um diálogo com Damião Serpa, em que, em seu comentário discreto e genérico sobre casamentos, evidencia-se o quanto está amargurada:

> Você tem razão; o André é uma jóia. Damo-nos muito bem. Parecendo que não, três meses chegam e crescem para um casal ver se se podem adaptar um ao outro. (...) Na vida de todos os dias a questão é só essa... não acha? Haja ou não haja amor (digo, este sentimento que faz as "paixões assolapadas" e em que a gente acredita quando somos tolas... soltas e libertas...), a questão é

[98] Analisado no item "O aflorar da feminilidade".

> diferente. O que tem importância é o amor de casados. Não sei... (...) O amor de casados, esse é que está ao abrigo dessas situações de *Rocambole.*

Suas palavras denunciam, sobretudo, seu intenso sofrimento por viver situação existencial paralisante [99]:

> Para quem preza e já não tem ilusões, é a grande âncora. Com o hábito e um forte sentimento como o que sinto pelo André, ser uma mulher casada é ser como um daqueles veleiros que se deixavam apodrecer meses e meses na Horta, amarrados a uma bóia da Doca; ou, se quisermos puxar as comparações ao trágico: como um morto que encontra a paz e a luz perpétua numa sepultura que os seus compraram e que trazem asseadinha... Isto, é claro, para discutir o caso independentemente de haver ou não entre casados o tal amor de vida e morte, em que os rapazes e as raparigas tolas acreditam. Que esse é por natureza uma coisa que só diz respeito a cada um, e que por isso não vem ao caso. Mesmo porque não dura muito...É como álcool aceso numa mecha de estopa... Arde muito e depressa (NEMÉSIO, 1988: 406).

Sob a aparente aceitação da realidade de seu casamento sem amor (afinal cabe-lhe também manter as aparências) é notória sua melancolia. Margarida associa esse tipo de união a que teve de ceder --- a do casamento por interesse --- a "um morto que encontra a paz e a luz perpétua numa sepultura que os seus compraram e que trazem asseadinha".[100] Margarida, apesar do recurso da racionalização, usado para não deixar transparecer seu pesar, não deixa de revelar, tanto nas imagens quanto no tom de sua argumentação, que sua derrota é completa.

---

[99] Situação que antecipava em seu inconsciente, conforme se pode notar as imagens usadas por Margarida nesse diálogo com Damião Serpa, remetem ao pesadelo que teve quando serviu de enfermeira a Manuel Bana, conforme analisado no item (.....).

[100] Há nítida referência ao luto vivido ainda por ela em razão da morte de Roberto, conforme se verifica pela imagem fúnebre que remete a sepultura onde seu tio jaz.

Daniel Serpa, no prosseguimento da conversa, faz um comentário perturbador: após mencionar a recente morte do tio Roberto, "um verdadeiro príncipe encantado ... [que] (...) bem encantado ficou!...", dá a notícia do recente casamento de João Garcia com a Laura. Margarida disfarça seu abalo com a notícia, mas encerra o assunto abruptamente, perguntando a um criado de passagem se havia visto o sogro dela ou o marido e despedindo-se de seu interlocutor (NEMÉSIO, 1988: 410-412).

Em seguida, Margarida vivencia, sozinha, o momento em que o vapor vai se afastando da cidade portuária. No convés em que "deixou-se vaguear", acaba intervindo em favor de um passageiro, "rapaz fino e triste, vestido pobremente" que estava sendo expulso daquele espaço privilegiado do navio, por não pertencer à primeira classe[101]. Para "significar ao criado a sua desaprovação", Margarida passa a conversar com o jovem, interessa-se pelo percurso de formação dele, que, sem vocação, deixara o seminário, tornando se, agora, "estudante de Coimbra e poeta..." e almejando o futuro brilhante de cônsul na Europa[102]. Margarida, encantada com os versos do poeta tímido e emocionado, sente impulso de aproximar-se mais de seu conterrâneo:

> (...) enchendo-se daquele minuto que parecia um presente dos deuses, uma trégua inefável no seu natural destino, ia a jogar o todo pelo todo, abrir-se àquele rapaz tímido e escorraçado por um criado de câmara para a sua verdadeira classe, quando o primeiro verso do poemazinho de bordo lhe acudiu todo inteiro, permitindo-lhe assim que recuasse a tempo:

---

[101] Margarida mais uma vez mostra-se solidária com pessoas de posição social inferior. Note-se que, nesse caso, esse brevíssimo relacionamento oferece-lhe certo alento.

[102] Com a menção da trajetória de formação desse rapaz, em que se projeta um futuro de sucesso e realização profissional, o truncamento do percurso de Margarida evidencia-se ainda mais.

> --- Também eu! Também eu velo a noite no porto... (NEMÉSIO, 1988:415).

No entanto, Margarida se contém, e, terminada essa breve "trégua, agora, na "varanda que fechava o deck à popa", retorna à sua própria infelicidade. Até esse momento ainda conserva seu anel de serpente, com a diferença que ele está modificado e colocado em seu dedo junto a sua aliança de casada. Esse anel, nesse momento do percurso de formação da protagonista, adquire a função crucial de promover um autorreconhecimento de Margarida, pois, a visão de tudo o que ele simboliza para si mesma realça, de forma contundente, seu percurso de vitimização, denunciando com nitidez que seu casamento com André Barreto não passa de uma forma extremada de reclusão, fazendo-lhe consciente de que tal ônus recai agora sobre si como antes sobre sua avó Margarida Terra de quem herdara o anel, sob a forma de clausura também resultante de um casamento sem amor:

> E viu seu querido anel, a serpente de ouro e esmeraldas que herdara diretamente da avó Margarida Terra, sem chegar a passar pelo dedo da mãe. Perdera há muitos anos uma das esmeraldas que serviam de olhos ao bicho; com o anel assim mutilado falara de um muro a João Garcia, deixara-lho ver na mão abandonada e alta, sentado na banqueta da quinta numa noite de temporal, depois de ter consentido que ele lhe tocasse no cabelo e examinasse a cicatriz do grande trambolhão da sua infância. E Margarida sorriu amargamente, riu com os nervos todos. Sim... João Garcia não chegara a entrar no Seminário, como o poeta Pragana. Ela, sim! **Ela é que tinha tonsura, e uma castidade astral, de serpe cega, esmagada no dedo por uma maculada conceição**!
> Por isso a mãe dizia às pessoas que davam por aquela mossa indelével, a sua "pancada de veneta": 'Vê? ...Ficou assinalada' (NEMÉSIO, 1988: 416, grifo meu).

Margarida reconhece aterrorizada, ao olhar para seu anel de serpente, que seu sacrifício (o casamento sem amor), para o qual foi "assinalada", é um flagelo inominável: uma "tonsura", "uma castidade astral", ou seja, a mais completa castração de seus anseios de desenvolvimento pessoal, de completude amorosa.

Com o agravante de ter sido André quem alterara o anel de serpente, contra a vontade de Margarida, mas em conformidade com os valores materialistas do barão da Urzelina, seu pai:

> Depois, já perto de casar, o barão da Urzelina, chegando à Horta para fazer o pedido oficial à família (pedir ao pai a mão que ali estava na corda...), lamentava que jóia tão bonita estivesse assim desvalorizada. E, como Margarida se recusasse a mandar consertá-la, André teve artes de lha pedir por uns tempos para servir de modelo a um anel que uma amiga de Clarinha encomendara no Porto. Veio de lá com duas esmeraldas novas e com a pedrinha antiga sepulta num pouco de algodão, no estojo do *pendantif* de rubis e brilhantes, presente de núpcias dos sogros. Margarida tivera um desgosto tão grande que levara a chorar dias e dias... E agora, vendo as esmeraldas bicudas e trabalhadas à lupa na cabeça da serpente, enroscada ali no seu dedo como se o bicho bífido esbugalhasse os olhos, Margarida abriu desmedidamente os seus, e, abanando três vezes a cabeça, calçando e descalçando um dos sapatos com a flexão sinuosa e rápida do próprio pé, tomou-se de um furor irreprimível, cheio de rubor e de lágrimas. Carregou com brutalidade, o anel contra a trança da corda e fez-lhe saltar sucessiva e inexoravelmente as duas pedras. Depois, tomada de um terror supersticioso e sem saber como explicar aos sogros e ao marido o triste estado da jóia, separou-a cuidadosamente da sua aliança de casamento com os dedos da outra mão. E considerando um segundo a espuma que saía das hélices daquela serpe enroscada e mesquinha como uma minhoca seca, atirou o anel ao mar (NEMÉSIO, 1988:417).

André com esse gesto que tivera mostrou não entender a interioridade de Margarida, sua sensibilidade, e tornou o talismã "cuja proteção simbólica dava-[lhe] forças (...) para procurar

encontrar o amor absoluto e a felicidade" (Lopes:2009:134), apenas uma joia, mais bela, mais valorosa, no entanto, desprovida de memória afetiva, de identidade.

Margarida, que na época do "presente de casamento" sofreu muito pela modificação, mas tinha continuado com anel para não provocar melindres, agora toma uma consciência mais pungente da definitiva castração de todos seus anseios e expressa-se na forma bruta com que ela destrói o anel pelo qual antes tinha tanto apreço. Agora está plenamente convicta de ter sido apenas um adorno acrescentado a sua nova família, a "tataraneta de Fernão Dulmo" que pode tornar mais aristocráticos os descendentes dos Barretos.

Margarida sem o anel rompe com sua identidade, pelo menos interiormente. Em seu dedo deixa que permaneça apenas a aliança representativa de seu papel como esposa. Ainda tenta prosseguir, aceitando, resignada, a união com André, mas seu percurso agora é o de uma enferma[103]:

> Margarida deixou-se beijar na testa e disse baixinho:
> --- Pois sim... Vamos, André! Dá-me o braço...
> André pegou-lhe carinhosamente na mão esquerda; e, fazendo rodar com ternura a aliança de casamento, disse, muito espantado:
> --- Quê?! Perdeste o anel?...
> --- Estava debruçada na borda e, distraidamente, tirei-o do dedo... Caiu no mar.
> --- André beijou-a de novo:
> --- Não te aflijas... Manda-se fazer outro.
> E pegando-lhe no braço, como quem leva um doente, os passos desiguais de ambos, a caminho do camarote, soavam pausadamente nos degraus impermeáveis e percintados de metal (NEMÉSIO, 1988: 417-418).

[103] Margarida, apelidada de Bidinha, perde a vitalidade que a animava a prosseguir sempre apesar dos obstáculos.

André, embora carinhoso com Margarida, não compreende a subjetividade da esposa, assim como a família em que ora ela se "integra":

> --- E que me dizes a isto do anel da tua nora:...
> --- Tem pouca sorte, coitada...
> Terá... Mas coisas destas não acontecem a todos. Vai muito dos feitios... Essa menina é um pouco levantada. Boa criatura, bonita, representando muito bem... mas levantada!
> --- Não digas isso, Caetano! É tão amiga do marido... tão delicada conosco!...
> --- Sim... sim... Mas levantada... levantada...! Já aquele entusiasmo nos toiros não me agradou lá muito... Será muito próprio, muito chique... mas não gostei.
> --- Não sejas esquisito, Caetano! Não dês mau pago a Deus... Sabes o que me lembra? Há criaturas que vieram a este mundo com pouca sorte... Não vês como ela veio ter a nossa casa... naquela canoa... atrás daquela baleia... e logo com o tio ungido e amortalhado em menos de seis dias!... E a vida que levava em casa, com pai valdevinos... a mãe um pouco maniada ao pé do avô entrevado... Ainda muito alegre é ela! Coitado o anjo de Deus!... (NEMÉSIO, 1988:418)

Apesar de alguns traços comportamentais exteriormente "modernos, toda a família Barreto apresenta um conjunto de valores arcaicos, feudais. A relação de Margarida com essa família sempre será conflituosa, pois eles não a compreendem, não compartilham de seus valores. O atributo "levantada" referido a protagonista, considerando outras passagens do percurso de sua formação, como o de sua convivência com os baleeiros, sugere a palavra "levante", "levantamento", "revolução", e aos Barretos convém apenas o conservadorismo.

Na conclusão do percurso de formação de Margarida não ocorre, portanto, a integração da heroína aos valores da sociedade

vigente, como costuma ocorrer nos *romances de formação* tradicionais. Em *Mau Tempo no Canal*, os valores da sociedade patriarcal, representados pela família de seu pai e pela família Barreto, vão de encontro à mentalidade progressista de Margarida.

Assim, o aspecto de formação do público leitor, outra característica do romance de formação, em *Mau Tempo no Canal*, assume a forma de forte crítica de uma sociedade provinciana e arcaica, que frustra os sonhos de autonomia dos indivíduos que a compõem, até mesmo os mais valorosos, como Margarida. Ainda que vários elementos ao longo da trajetória de formação da heroína, apontem para um final trágico, de truncamento, os leitores, evidentemente identificados com a protagonista, também desejam que ela escape do arquipélago opressor, passando a pertencer a uma sociedade como a Londres de seu tio Roberto, que no contexto do livro, é metonímia de uma sociedade mais avançada, como o continente europeu ou mesmo os EUA. Essa expectativa, no entanto, tanto da protagonista quanto dos leitores que acompanham sua travessia existencial, é frustrada. Margarida é acometida por uma profunda sensação de derrota, pois sente a mais absoluta solidão ("como a cucumária dos abismos, no mais secreto do mar") e sofre por compreender a inexistência de condições favoráveis para que possa transpor o conjunto de circunstâncias paralisantes, que a impedem de ocupar seu verdadeiro lugar existencial no mundo enquanto pessoa amorosa e solidária:

> Margarida, para lá dos cortinados e dos mognos do seu beliche, deixando ao marido a ilusão de que estava nos braços de Morfeu, olhava fixamente para a rede do beliche

> de cima. E, apesar da *veilleuse* que arroxeava a penumbra do camarote, sentia-se cega... cega como a serpente do anel que nenhum ventre de peixe levaria a mesa humana e que àquela hora jazia, como a cucumária dos abismos, no mais secreto do mar" (NEMÉSIO, 1988:419).

Podemos afirmar que, na conclusão de *Mau Tempo no Canal*, a ironia predomina, como se evidencia na referência musical constante como subtítulo do epílogo: "(Andante; poì alegro, non tropo)". O romance de formação de Vitorino Nemésio apresenta um conflito sem solução entre o sujeito e o mundo, entre Margarida e a sociedade provinciana do arquipélago de Açores de sua época.

CONCLUSÃO

Para Machado Pires (1977), a contribuição mais relevante de Vitorino Nemésio para a ficção portuguesa ocorreu com o romance *Mau Tempo no Canal*, que representa "a síntese entre o clássico e o moderno no romance português", por meio da presença simultânea do regional e do universal, manifestados na expressão de suas tradições e das relações sociais locais, bem como na elaboração de elementos arquetípicos, como as ilhas do arquipélago açoriano e o mar. Para o crítico, esse romance, é, ao mesmo tempo, realista e simbólico, apresentando um estilo em que se evidenciam riqueza léxica, invenção metafórica e sutil análise psicológica.

É evidente a densidade dessa obra-prima. A "Tábua de Personagens", recurso metalinguístico original, já sugere a complexidade de sua estrutura: 109 personagens[104], dentre as quais o autor identifica, respectivamente, Margarida Clark Dulmo, a protagonista; João Garcia e o tio Robert Clark e André Barreto[105], seus pretendentes; personagens que compõem o quadro familiar de Margarida; de João Garcia; de André Barreto; os baleeiros; os "Antepassados, Mortos e Espectros"; as personagens que vivem em redor dos Clarks e Dulmos e dos Garcias; os criados dos Dulmos"; as "Figuras e Comparsas da Horta". Além de serem

[104] De fato são 110, pois ele esqueceu de nela incluir Cândia Furoa, conforme esclarecimento de Maria Helena Nery Garcez (2016).

[105] A revelação do desfecho, na "Tábua de personagens". pode não ter sido intencional. Caso tenha sido, parece que a surpresa do desenlace não consistia no principal, mas sim o modo *como* as ações e circunstâncias se encaminharam para essa conclusão.

apresentados os "Lugares da Ação": Cidade da Horta (Ilha do Faial), Ilha do Pico, Ilha de são Jorge e Ilha Terceira.

A complexidade do livro também é sugerida por seus títulos carregados de simbolismo, dentre os quais se evidenciam os que parecem fazer referência a gêneros musicais, como que para imprimir o ritmo desejado pelo autor à enunciação: Cap. IV. *Nocturno*; Cap. X. 2º. *Nocturno*; cap. XVII. 3º. *Nocturno*; Cap. XXII. 3º. *Nocturno*; Cap. XXX. 5º. *Nocturno* (Numa Furna); Cap. XXXIV. 6º. *Nocturno*. *Lua Cheia*; Cap. XXXVII; Cap. XXXVII. Epílogo (*Andante; poi alegro, non tropo*).

Neste trabalho, consideramos que a complexidade da obra-prima de Vitorino Nemésio também diz respeito ao gênero romanesco a que pertence, pois, se há elementos que podem sugerir, por exemplo, a organização de um texto trágico, outros possibilitam a hipótese de que, sob muitos aspectos, *Mau Tempo no Canal* consiste num "romance de formação".

De acordo com a teoria, conforme analisamos, o gênero "romance de formação" não constitui uma categoria isolada, sobretudo, em se considerando a narrativa moderna. Seu caráter é híbrido, podendo apresentar-se, por exemplo, como regionalista, psicológico, *e* "romance de formação"[106].

No *Bildungsroman*, há uma tensão entre o homem e o mundo das instituições ao qual ele pertence, ou seja, o romance de formação "representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade", levando dessa forma, ao desenvolvimento do

[106] Conforme JOST (1969).

próprio leitor (MORGENSTERN *apud* MAAS, 2000, p. 19). Em *Mau Tempo no Canal*, Margarida é apresentada como um ser em "formação" (dos 17 aos 20 anos aproximadamente), sendo que, por meio desse conceito ("Bildung") designa-se o resultado de um processo que pressupõe muito mais do que a educação formal oferece.

Quanto à "tensão entre o homem e o mundo", durante o percurso analítico do livro, verificamos haver um conflito entre a protagonista e o meio provinciano em nasceu e cresceu, ao longo de seu caminho de individuação e aprimoramento. Em *Mau Tempo no Canal*, Margarida, encontra oposição de seu grupo social, cujos valores ela em grande parte não compartilha. No plano de sua ação no mundo, o confronto evidencia-se por obstáculos que restringem sua autonomia, impedindo-a de exercer um trabalho por meio do qual encontre, além da subsistência, realização pessoal. No plano de sua subjetividade, o embate se revela como uma série de empecilhos que a impedem de encontrar seu par amoroso, forçando-a a seguir um modelo feminino que ela própria critica por sua futilidade e/ou ociosidade e, sobretudo, por provocar-lhe uma sensação abissal de enclausuramento e incompletude.

Como é característico do *Bildungsroman*, há vários momentos de mergulho introspectivo, em que Margarida tem entendimento do que passa em sua interioridade[107]. Outra característica do "romance de formação" é o fato de que sua travessia se constitui numa trajetória de enganos que só serão

[107] Dentre os momentos mais significativos, evidenciamos os momentos de aprendizagem analisados nos itens 3.2. "O aflorar da feminilidade"; 4.4. "Noviciado de Margarida" e, principalmente no item 4.5. "Cucumária dos Abismos": travessia paralisada.

desfeitos no decorrer de seu aprendizado. Esse percurso de desilusão também ocorre com Margarida, que, durante seu percurso de formação, vai entendendo que nenhum "cavaleiro andante" iria impedir o casamento por interesse a ela destinado. Na medida em que se desenvolve, Margarida vai compreendendo cada vez mais que sua realização como indivíduo difere do papel social que a sociedade lhe impõe.

Em *Mau Tempo no Canal,* em vez de uma travessia bem-sucedida, há um truncamento do percurso de formação da heroína. Seu casamento com André Barreto constitui o fracasso de seus anseios de libertação; Margarida faz um descortino íntimo das implicações decorrentes do desenlace trágico a que teve que se submeter, o casamento por interesse, revelando o quanto sua interioridade ficara mutilada e o quanto se ressentia de seu fatal enclausuramento. Ao fim de seu roteiro, Margarida terá acesso ao continente como desejaria, mas enquadrada num roteiro tradicional, sem a completude amorosa, sem a possibilidade de realização de seus anseios. O continente esvazia-se, portanto, de significação para ela.

Nesse "romance de formação", a recorrência de truncamento no processo de formação da protagonista, pode ser observada no impedimento de projetos de um grande número de personagens, que terminam por não se realizarem, interrompidos por uma espécie de "força maior", o que parece sugerir que a travessia transfigurada em labirinto é um aspecto de formação da própria açorianidade. O final da travessia não é positivo, não se concluiu com a realização das aspirações individuais da protagonista. Esse fracasso deveu-se ao fato de que, na

sociedade patriarcal, estava excluída a chance de realização pessoal (talvez não apenas nos roteiros femininos).

O "romance de formação" de Vitorino Nemésio apresenta um modelo narrativo que pode ser considerado como "truncated Bildungsroman" (conforme Labovitz, 1986), em que a interrupção da formação da personagem surge dentro de determinado contexto sócio-histórico-cultural. Pode-se, talvez, afirmar que esse final "truncado" representa, de certa forma, um protesto do enunciador contra a estrutura social, que exigia da mulher (e das mais valorosas) submissão e dependência irrevogáveis.

O final negativo da trajetória de formação da protagonista, com a realização de um casamento por conveniência, aponta para a incompatibilidade entre a identidade da protagonista, que cresceu e se desenvolveu como pessoa valorosa, com experiências enriquecedoras, que, embora caracteristicamente açorianas, ampliaram seu ser de forma universal. Foi na interioridade do arquipélago[108] que ocorreram os elementos essenciais à formação de Margarida: sua integração às personagens humildes à vivência sagrada e profana na festa do Espírito Santo; sua convivência solidária com seu criado Manuel Bana, sob o risco de contrair a peste bubônica; a aventura da caça à baleia. Se os "cavaleiros andantes" (Álvaro Bittencourt, o tio João Garcia, o tio Roberto) não a salvam de seu enclausuramento, seu ímpeto audaz a faz conhecer uma travessia de riqueza singular, distanciando-se, assim, dos roteiros tradicionais de aprendizado femininos, restritos ao casamento e a maternidade.

---

[108] Margarida faz uma verdadeira viagem no interior do arquipélago. Talvez haja aqui um tributo de Vitorino Nemésio ao seu conterrâneo Almeida Garret, autor de "Viagens na minha Terra".

Cabe notar que a travessia de amadurecimento da jovem fidalga transcorre nas primeiras décadas do século XX. Assim, Vitorino Nemésio volve seu olhar para o passado, os trágicos anos da Primeira Guerra Mundial, em que o arquipélago açoriano, espaço do percurso de formação, é assolado pela peste bubônica, por tempestades avassaladoras e pelas restrições de um meio provinciano.

Volta-se até mesmo para um passado mais longínquo, retrocedendo a tempos mais remotos, através da menção de antepassados que, embora mortos, exerceriam força decisiva no imaginário da protagonista[109], remontando, inclusive ao próprio mito da descoberta do arquipélago[110]. Esse tempo decorrido, que mantém estreito vínculo com o tempo da enunciação do romance, 1944[111], sugere que o enunciado, de certa forma, denunciasse o quanto o arquipélago, na contemporaneidade do enunciador, sofria as consequências de uma formação, ela própria, interrompida.

Na arquitetura do romance, há um jogo constante de luz e sombras[112], por meio de um narrador onisciente, que recorre constantemente ao discurso indireto livre, a realidade desse tempo passado, é revelada e ocultada, tanto para protagonista quanto para as demais personagens (talvez para o próprio autor que busca revisitar uma época, de uma perspectiva temporal

---

[109] Como é o caso de Margarida Terra, "avó e sósia de M.", de quem a protagonista herdaria o anel de serpente e, de certa forma, o mesmo destino de enclausuramento.

[110] Fernão Dulmo, o ilustre antepassado suposto descobridor da "ilha perdida".

[111] A enunciação de *Mau Tempo no Canal* encontra-se fortemente marcada pelo deslocamento temporal e espacial, precisamente localizada no final do livro: "Lisboa, 7h25m P.M., de 21 de Fevereiro de 1944 (NEMÉSIO, 1988:419).

[112] Jogo entre velar/desvelar, que, de certa forma, parece aludir a uma visão platônica do mundo por parte do autor.

distante, e, sobretudo, afastada espacialmente, a ponto de uma saudade tingir de subjetividade a sua busca por recriar literariamente aspectos da realidade de sua terra natal.

Se há um aspecto pedagógico nessa obra, característico dos *Bildungsromane*, diz respeito, sobretudo, a essa problemática revisitação do enunciador a Açores, que mostra o desejo de revelar elementos da açorianidade, não apenas na descrição do clima peculiar, da fauna e da flora características, mas, ao traçar o percurso formativo singular de Margarida, que, parte ao encontro do "outro", representando, assim, o ideal universal de formação da humanidade.

Dessa forma, a crítica, nesse "romance de formação", parece recair também sobre o abismo entre elite e povo açoriano. Margarida se dispõe a esse encontro, que parece configurar-se como o projeto do enunciador desse romance, que talvez também tenha sido truncado. A passagem de Margarida do plano exclusivamente individual para o coletivo se dá por meio de algumas peripécias sempre referentes a eventos populares em que estão envolvidas várias personagens (a festa do Espírito Santo, a caça à baleia, a tourada). Margarida, a partir dessas vivências, revela-se uma personagem notável, ainda que sofra comentários adversos das mentes mais retrógradas do lugar.

Pode-se entender que, no final do livro, seu enlace com o aristocrata abastado é o alto preço que paga pelo fracasso de uma espécie de projeto humanista de igualdade. Com suas características extraordinárias, nobreza de caráter, força e beleza física, Margarida logra representar a heroína na qual se concentram as melhores qualidades, do povo açoriano, mas

também representativos de ideais universais. Nesse "romance de formação", a protagonista se distancia das heroínas burguesas do romance moderno, sobretudo por seu anseio por realização pessoal por meio do trabalho e sua abertura às necessidades das classes menos favorecidas.

Margarida, como protagonista de "um romance de formação", cumpre um trajeto ao longo de diferentes níveis e esferas, que a preparam, ou deveriam prepará-la, para a inserção social. Mas ela não encontra a sociedade que busca.

Ela sofre um processo de formação e de transformação, cumprindo sua trajetória por entre o espaço das ruas, em que assume o papel de amazona; o espaço da igreja, em que assume o papel da namorada à espera do amado; o do mar, em que vivencia o episódio da caça à baleia, atividade transgressora da lei, pela hospedagem na casa de seu futuro marido, viagem de reconhecimento de sua função no mundo, até o retorno, em que se depara com a morte do tio e de suas esperanças de liberdade, e a concretização de seu destino mutilado, no navio, como esposa de André Barreto (à deriva = desilusão).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. *Teoria da literatura*. Coimbra:Livraria Almedina, 1979.

AINZENBERG, Edna. "El Bildungsroman fracasado em Latinoanmérica: el caso de Ifigenia de Teresa de la Parra". *Revista Iberoamericana* 132-133 (jul-dez 1985): 539-546.

AMRINE, F. Rethinking the "Bildungsroman". *Michigan Germanic Studies*, v. 13, p. 119-39, 1987.

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. *Ensaios de Literatura Ocidental*. São Paulo:Duas Cidades, 2007.

AURÉLIO, Diogo Pires "Nemésio: o mar e a ilha", *Q - Quociente de Inteligência,* 22 de março de 2014.

BAKHTIN, M. "Le roman d"apprentissage dans l"histoire du réalisme" in *Esthetique de la création verbale*, Paris, Gallimard, 1984, pp 211-261.

_____. "O romance de educação e sua importância na história do realismo". *Estética da Criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003: 305:258.

BELCHIOR, Maria de Lourdes. "Vitorino Nemésio – Festa Redonda e Sapateia Açoreana – Testemunhos da Tradição", in *Revista Lusitana Número 1*, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.

BETTENCOURT, Urbano. "Mau Tempo no Canal - a reinvenção dos mitos", *O Gosto das Palavras III (crónicas e leituras),* Lisboa, Edições Salamandra, 1999, Coleção Garajau nº55.

BETTELHEIM, Bruno. *Na terra das fadas, Análise dos personagens femininos,* São Paulo, Editora Paz e Terra S/a, 1997.

BÍBLIA Sagrada, Edição Pastoral, São Paulo: Editora Paulus, 1990.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. 2ª Ed., Vol. I. Petrópolis: Vozes. 19

BUCKEY, Jerome Hamilton. *Seasons of Youth: the Bildungsroman from Dickens to Golding.* Cambridge, Mass.: Havard UP, 1974.

BUCKLAND, Lukyn Williams. *Dicionário Bíblico Universal*. São Paulo:Editora Vida, 1999.

CÂMARA, J. M. Bettencourt da. "Homenagem a Vitorino Nemésio / Vitorino Nemésio e Francisco de Lacerda". In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 102, março de 1988, p. 18-25.

CANNABRAVA, Euryalo, "Vitorino Nemésio e a poesia científica". In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 18, março de 1974, p. 35-42.

_____. "«Limite de Idade» : a imagética". In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 24, março de 1975, p. 41-44.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT. Alain. *Dicionário de símbolos, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 2005.

COELHO, Eduardo Prado. "Vitorino Nemésio : a gramática de Deus ou a ficção reversível". In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 4, dezembro de 1971, p. 33-43.

COELHO, Jacinto do Prado. "Nemésio : uma espécie de humildade". In: *Revista Colóquio/Letras*. Homenagem, n.º 42, março de 1978, p. 5-6.

DILTHEY, W. *Das Erlebnis und die Dichtung, Lessing, Goethe, Novalis, Hordelin*, ed. ut. Leipzig, Reclam Verlag, 1991.

DUCROT, Oswald (1984) – *O dizer e o dito*. Campinas:Pontes, 1987.

ENES, José. "Exemplaridade conjuntural da obra de Vitorino Nemésio" in *Vitorino Nemésio and the Azores – Portugueses Literay & Cultural Studies 11*. Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts Dartmouth, 2007.

FAGUNDES, Francisco Cota. "A Peste e Outros Macróbios em Mau Tempo no Canal". in *Desta e da Outra Margem do Atlântico. Estudos de Literatura Açoriana e da Diáspora*. Lisboa: Edições Salamandra: 2003.

FERGUSON, Mary Anne. "The Female Novel of Development and the Myth of Psyche". Abel, Hirsh e Langland 228-243.

FERREIRA, Feliciana. "Nemésio (1901-2001): um ilhéu do mundo" *Diário de Notícia*. 16 de dezembro e 2001.

FIORIN, José Luiz. *As Astúcias da Enunciação. As Categorias de Pessoa, Espaço e Tempo*, São Paulo: Editora Ática, 2002.

FLORA, Luísa Maria Rodrigues. *Bildungsroman.* E-Dicionário de Termos Literários, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9.

FRIEDEN, Sandra. "Shadowing/Surfacing/Shedding: Contemporary German Writers in Search of a Female Bildungsroman". Abel, Hirsh e Langland 304-316.

GARCEZ, Maria Helena Nery. "Vitorino Nemésio: Imensidade e paradoxos". In *Literatura Portuguesa* --- Aquém-Mar. Orgs. Annie Gisele Fernandes e Paulo Motta Oliveira. Campinas, SP:Komedi, 2005.

_____. "Amores, senões, destinos... Ou Grande Oceano: Ilh*as".* In *Scripta Literatura* --- Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Cespuc --- Edição especial do III Seminário Internacional Guimarães Rosa. Org. por Lélia Parreira Duarte. Vol. 9, no. 17. Belo Horizonte, MG, 2005.

_____. "A cidade de São Paulo na obra de Vitorino Nemésio". In: Pires, António Manuel Machado; Garcia, José Martins; Gouveia, Margarida; Machado, Urbano Bettencourt (Orgs.). *Vitorino Nemésio 20 anos depois*. Lisboa/ponta Delgada: Cosmos, 1998.

_____. "De Antônio Nobre e Vitorino Nemésio: Linhagens" in *Voz Lusíada*, no.17, Primeiro semestre de 2002, São Paulo.

_____. "A Bahia de Vitorino Nemésio" in: Literatura Brasileira em Questão – Actas do II congresso Português de Literatura Brasileira, 8 a 10 de maio de 1997, Org. de Arnaldo saraiva com colaboração de Francisco Topa, Faculdade de Letras, Porto, 2000.

GARCIA, José Martins. *Vitorino Nemésio, a obra e o homem*. Lisboa, Editora Arcádia, 1978.

_____. "O «drama camiliano» de Vitorino Nemésio". In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 119, janeiro de 1991, p. 136-143.

_____. "*Conhecimento de Poesia na Poesia de Vitorino Nemésio"*, *Exercício de Crítica.* Lisboa, Edições Salamandra, 1995. Coleção Garajau nº 29. Publicado inicialmente na revista *Arquipélago*, Vol. 12, nº (1991), p. 23-59.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GOHLMAN, Susan Ashley. *Starting over: the task of the protagonista in the contemporary Bildungsroman*, New York/London, Garland Publishing, 1990.

GOUVEIA, Maria Margarida Maia. *Vitorino Nemésio – Estudo e Antologia*, ICALP – Colecção Identidade: Cultura Portuguesa, 1986.

GREIMAS, Julien e COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1996.

GUIMARÃES, Fernando. "[Recensão crítica a 'Limite de Idade', de Vitorino Nemésio]". In: *Revista Colóquio/Letras*. Recensões Críticas, n.º 12, março de 1973, p. 83-84.

_____. "Vitorino Nemésio: o conhecimento da perda", crónica de poesia para a revista *Visão* de 2012.08.23.

HOURCADE, Pierre, "[Recensão crítica a 'Jornal do Observador', de Vitorino Nemésio]". In: *Revista Colóquio/Letras*. Recensões Críticas, n.º 27, setembro de 1975, p. 80-81.

IZZO, Donatella. "Um anti-romanzo d'iniziazione: *Redburn* di H. Melville" *in* Cabibbo, Paola (a cura di) (1984), *Sigrifido nel nuovo mondo*. *Studi sulla narrativa d'iniziazione*, La Goliardica, Editrice Universitaria di Roma, pp. 173-200.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação.* São Paulo: Cultrix, 2005.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária.* São Paulo: Ática, 1989.

JOST, François. “La tradition du Bildungsroman”, in *Comparative literature*, 2, 1969, p. 97-115.

JUNIOR, Rubens Marques. *Mito, saudade e poética em o Bicho Harmonioso e Eu, comovido a Oeste de Vitorino Nemésio*. Tese de Doutorado, USP, 2002)

KINTSCH Walter e DIJK Teun A. Van. *Comment on se rapelle et on resume des histories*. In: Langages no. 40. Paris:Didier-Larousse, 1975.

_____. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

KOEPKE , Wulf. “Quest, illusion, creativity, maturity, and resignation: the questionable journey of the protagonist of the Bildungsroman”, in *Helios*, 17, 1, pp.129-143

KONTJE, Todd . *Private lives in the public sphere: the German Bildungsroman as metafiction*, Pennsylvania, The Pensylvania State University Press, 1993.

LABOVITZ, Esther Kleinbord. The Myth of the Heroine: the Female “Bildungsroman” in *the Twentieth Century*. New York: Peter Lang, 1986.

LANGENDORFF, Matthias, "Vivência e poesia em «Andamento Holandês» de Vitorino Nemésio". In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 135/136, janeiro de 1995, p. 135-144.

LEAL, João. "Açorianidade: literatura, política, etnografia" in *Etnográfica.* Vol I (2), 1997, pp. 191-211.

LEPECKI, Maria Lúcia. “Sobre «Mau Tempo no Canal»”. In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 4, dezembro de 1971, p. 44-49.

LOPES, Isabela Aparecida. *O espaço em Mau Tempo no Canal*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo,2009.

LOPES, Óscar e MARINHO, Maria de Fátima, "Geração da Presença – Vitorino Nemésio" in *História da Literatura Portuguesa. Volume 7. As Correntes Contemporâneas,* Lisboa, Publicações Alfa, 2002, pp. 83-108.

LOPES, Silvina Rodrigues. "Dos caminhos de um monstro. Interrogação e felicidade da palavra em alguma poesia de Vitorino Nemésio". In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio,n.º 82, novembro de 1984, p. 28-42.

_____. "Recensão crítica a 'Poesias', de Vitorino Nemésio. In: *Revista Colóquio/Letras*. Recensões Críticas, n.º 89, janeiro de 1986, p. 100-101.

LOURENÇO, Eduardo. "Nemésio, «clown» de Deus : glosa lírica a «Limite de Idade»". In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 48, março de 1979, p. 16-22.

_____. "Vitorino Nemésio ou da Livre Navegação (No Mar Poético de Deus)" In: LUCAS, António C. (coord*.). Críticas sobre Vitorino Nemési*o. Lisboa:Bertrand, 1974.

MAAS, Wilma Patricia Marzari Dinardo. *O cânone mínimo. O Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MACHADO, Álvaro Manuel, "A poesia da «presença» ou a retórica do eu". In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 38, julho de 1977, p. 5-12.

MACIEL, Maria de Jesus. "O Pico na prosa de Vitorino Nemésio", Conhecimento dos açores através da literatura, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 1988.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. "Recensão crítica a 'Sapateia Açoriana, Andamento Holandês e Outros Poemas', de Vitorino Nemésio". In: *Revista Colóquio/Letras*. Recensões Críticas, n.º 38, julho de 1977, p. 79-80.

MAINGUENEAU, Dominique– *Novas tendências em análise do discurso.* Campinas:Pontes, 1997.

_____. *Pragmática para o discurso literário.* São Paulo:Martins Fontes, 1996.

MARQUES, Joana Emídio, "Vitorino Nemésio, entre a eternidade e o esquecimento", *Q - Quociente de Inteligência,* 22 de março de 2014.

MARTINI, Fritz. *Der Bildungsroman*. *Zur geschichte des Wortes unde der Theorie.* Deutsche Vierteljahresschrift für

Literaturwissenschaaft und Geistesgeschichten, v. 35, p. 33-63, 1961.

_____. "Bildungsroman – term and theory", in Hardim, Janmes N. (ed.) (1991), *Reflection and action, Essays on the Bildungsroman*, columbia, University of South Carolina Press, pp 1-25.

MASSAUD, Moisés. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1978.

MATHIAS, Marcello Duarte. "Vitorino Nemésio: andarilho da cultura portuguesa [crítica a 'Ondas Médias. Obras Completas - vol. XIV', de Vitorino Nemésio; 'O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos. Obras Completas - vol. XIV', de Vitorino Nemésio; 'Viagens ao pé da Porta. Obras Completas - vol. XIX', de Vitorino Nemésio; 'Jornal do Observador - Obras Completas - vol. XXI', de Vitorino Nemésio]". In: *Revista Colóquio/Letras*. Notas e Comentários, n.º 157/158, julho de 2000, p. 353-356.

MESQUITA, Mário. "O Modelo Televisivo do "bom Observador"". *Diário de Notícia*. 19 de dezembro de 2001.

MICCHI, Rosa Maria. Imensidão e confinamento em *Mau Tempo no Canal e O morro dos ventos uivantes*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005.

MONIZ, António. *Para uma leitura de Mau Tempo no Canal de Vitorino Nemésio*, Lisboa, Editorial Presença, 1996, p. 36-44.

MONTADON, Alain. *Le roman au XVIIIe siècle em Europe, Paris, Presses Universitaires de France,* 1999.

MONTEIRO, Ofélia Paiva, "Recensão crítica a 'Quase Que os Vi Viver', de Vitorino Nemésio" / Ofélia Paiva Monteiro. In: *Revista Colóquio/Letras*. Recensões Críticas, n.º 95, janeiro de 1987, p. 127.

MORAIS, Carlos Francisco de. *A mitopeia da pátria em Vitorino Nemésio*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo,1998.

_____. "A obra poética de Vitorino Nemésio", *in Todas as Musas* ISSN 2175-1277, Ano 01, Número 02 janeiro-julho de 2010.

MORGENSTERN, Karl. Über das Wesen des Bildungsromans (1820). In: SELBMANN, Rolf. (ed.) *Zur Geschichte des deutsche Bildungsromans.* Darmstadt : Wiss. Buchgesellschaft, 1988, p. 55-72 (Wege der Forschung, 640).

MORNA, Fátima Freitas – "Ficção: O Romance de Todos Os Romances" – Diário de Notícias – 19 de dezembro de 2001.

MOURÃO-FERREIRA, David. "Homenagem a Vitorino Nemésio / Novos elementos sobre a génese de «Mau Tempo no Canal»". In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 102, março de 1988, p. 6-17.

MÜCKE, Dorothea E. von. *Virtue and the veil of illusion. Generic innovation and the pedagogical Project in ighteenth-century literature*, Stantford University Press, 1991.

NACAGUMA, *Simone.* U*ma poética do humano: algumas notas sobre a açorianidade de Vitorino Nemésio.* Campinas – São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2010.

NEMESIO, Manuel: "Meu pai. Estou em casa..." *Vitorino Nemésio vinte anos depois* – Colóquio Internacional Ponta Delgada, 18-21 de fevereiro de 1998. Edições Cosmos: Lisboa – Ponta Delgada, 1998, p.842-843.

NEMÉSIO, Vitorino. *"Açorianidade"*. in: *Insula*, Número Especial Comemorativo do V Centenário do Descobrimento dos Açores, nº 7-8 (Julho-Agosto), Ponta Delgada, 1932. p. 59.

_____. *Mau Tempo no Canal*. Bertrand Editora, 8ª. Ed., 1988.

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da Estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. *Verdade e interpretação*. [Por Maria Helena Nery Garcez, Sandra Neves Abdo]. São Paulo:Martins Fontes, 2005.

_____. Dostoiévski. *Filosofia, romance e experiência religiosa*. [Por: Maria Helena Nery Garcez; Sylvia Mendes Carneiro]. São Paulo: Edusp:2012.

PIMENTEL, F. J. Vieira. "Nemésio, leitor de Antero". In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 123/124, janeiro de 1992, p. 335-342.

PIMENTEL, Afonso Alberto Pereira. *Identidade, globalização e açorianidade*. (Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais: Dinâmicas Insulares). Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2013.

PINTO, Cristina Ferreira. *O Bildungsroman feminino*. Quatro exemplos brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PINTO, Maria Márcia Matos. *Um viajante do século XX: Vitorino Nemésio e o Brasil*. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005.

PIRES, António Manuel Bettencourt Machado. "Marcas de insularidade no Mau Tempo no Canal, de Vitorino Nemésio", 1979.

_____"Nemésio e os Açores". In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 48, março de 1979, p. 5-15.

_____"Biografia "Rouxinol e Moxo" – Homem das Ilhas e do Mundo" – *Diário de Notícias*, 19 de dezembro de 2001

_____*Enciclopédia Açoriana* - Direção Regional da Cultura, Centro de Conhecimento dos Açores, 2011.

PIRES, António M.M.; GARCIA, José M.; GOUVEIA, Margarida; MACHADO, Urbano B. *Nemésio vinte anos depois*. Lisboa: Edições Cosmo, 1998.

REYNAUD, Maria João. "Raul Brandão e Vitorino Nemésio". In: *Revista Colóquio/Letras*. Notas e Comentários, n.º 109, maio de 1989, p. 91-94.

PRATT, Annis. *Archetypal Patterns in Women's Fiction*. Bloomington: Indiana UP, 1981.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto*. Lisboa: Vega, 1983.

REIS, C. e LOPES, A.C.M. *Dicionário de Teoria Narrativa.* São Paulo:Editora Ática, 1988.

RIBEIRO, Raquel de Sousa. *Páscoa feliz: espaço e personagem*. Tese de doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

RIBEIRO, Ana Maria Silva Ribeiro. *Aprender com as mulheres: presenças do feminino no romance de aprendizagem português do século XX*. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas, 2005.

RIBEIRO, Orlando. "Três romances das ilhas". In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 53, janeiro de 1980, p. 35-40.

RIFFATERRE, Michael. *A produção do Texto.* São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SALEMA, Álvaro. "Reencontro nemesiano [crítica a 'O Corsário das Ilhas', de Vitorino Nemésio]". In: *Revista Colóquio/Letras*. Livros sobre a Mesa, n.º 77, janeiro de 1984, p. 84.

_____. "Uma obra-prima nemesiana [crítica a 'Mau Tempo no Canal', de Vitorino Nemésio]". In: *Revista Colóquio/Letras*. Livros sobre a Mesa, n.º 103, maio de 1988, p. 81-82.

SASAKIL, Leonardo de Barros. "Palavras escuras, luz do canto: Vitorino Nemésio e o decadentismo-simbolismo", *Revista Desassossego,* nº 3 (periódico do programa de pós-graduação em Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo (Brasil), 2010.

SARAIVA, A. J., LOPES, O. *História da Literatura Portuguesa*. 17ª. edição. Porto: Porto Editora, 1996.

SEIXO, Maria Alzira. ―Mau Tempo no Canal: An Iridescent Metaphor‖, in *Vitorino Nemésio and the Azores, Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachussetts Dartmouth, University of Massachussetts Dartmouth,* 2007, pp. 129-169.

SHAFFNER, Randolph P. *The apprenticeship novel. A study of the Bildungsroman as a regulative type in western literature with a focus on three classic representations by* Goethe, Maugham, and Mann, New York, Peter Lang, 1984.

SILVA, Heraldo Gregório da. *Açorianidade na Prosa de Vitorino Nemésio – Realidade, Poesia e Mito*. Coedição INCM e Secretaria Regional de Educação e Cultura – Região Autônoma dos Açores, s/d, p. 14.

SIMÕES, José Gaspar. História do movimento da Presença. Coimbra: Atlântida Livraria Editora, [s.d.]

_____. "Vitorino Nemésio. A obra e o homem" in *Crítica* V. Lisboa: INCM, [s.d.]

SPERBER, Dan. & Wilson. *La Relevância*. Madrid:Visor,1994.

SULEIMAN, Susan R. *Authoritarian fictions. The ideological novel as a literay genre*. Ed. Princenton/New Jersey, Princenton University Press, 1983.

SWALES, Martin. *The Germain Bildungsroman from Wieland to Hesse*. Princenton/New Jersey, Princenton University Press, 1978.

_____. "Irony and novel: reflections on the German Bildungsroman" *in* Hardin, James N. (ed.) Reflection and action. Essays on the Bildungsroman, Columbia, University of South Carolina Press, 46-48, 1991

TOLEDO, Dionísio. *Por uma teoria do texto* – entrevista com Júlia Kristeva, *Linguagem* no. 1, Ed. Presença, Rio de Janeiro, 1983.

TRESIDDER, Jack.*O grande livro dos símbolos*. Trad. Ricardo Inojosa. Rio de Janeiro:Ediouro, 2003.

VALDEMAR, António – "A vida em pedaços no mundo repartida" – *Diário de Notícias* – 17 de dezembro de 2001.

_____. "O homem e o escritor projectados no futuro" – *Diário de Notícia* – 16 de dezembro de 2001.

_____. "Cidades adoptivas: Coimbra e Lisboa. *Diário de Notícia* – 17 de dezembro de 2001.

_____. *Vitorino Nemésio --- sem limites de idade*. Lisboa: Correios de Portugal, 2002

_____. "1971: A última lição na faculdade. *Diário de Notícia*. 17 de dezembro de 2001.

VAN DIJK, Teun A. *News Schemata*. In: Studying Writing: Linguistic Approach. Edites by Charles R. Cooper e Sidney Greendaum. Ervely Hills. Sage, 1986.

VIERHAUS, R. (Org.) *Geschichtliche Grungbegriffe*. Historisches Lexikon zur politish-sozialen Sprache in Deutschland, s. 1.: Klett-Cota, 1984. p. 244-342.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.